

TEOLOGIA, SOCIEDADE & ESPIRITUALIDADE

ISSN 2526-0790

NÚMERO 19- VOL. 1 - CURITIBA/PR - OUTUBRO DE 2025



fatebe
Faculdade Teológica Betânia

Teologia, Sociedade & Espiritualidade

Revista do Departamento de Teologia da FATEBE

EDITORORA

Lidiane R. de Souza

Conselho Editorial

Cícero Manoel Bezerra

Eduardo Medeiros

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza

Marlon Ronald Fluck

Revisão Final

Lidiane Ribeiro de Souza

Malena Ribeiro Oliveira Clower

Lettícia D'lucca

Editoração Eletrônica

Lettícia D'lucca

Diretor Geral

Rogério L. de Souza

Diretora de ensino

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza

Coordenador de Pós-graduação

Eduardo Medeiros

Coordenador de Graduação

Cícero Manoel Bezerra

Coordenador de Cursos Extensão

Rogério Leoderio de Souza

Endereço:

Avenida Iguaçu, 1700 - Água Verde

CEP: 80.240-030 – Curitiba / Paraná / Brasil

Telefone: 55 (41) 3014-8376

Whatsapp: 55 (41) 9 9670 5657

Email: contato@faculdadebetania.com.br

Teologia, Sociedade & Espiritualidade



Sumário:

A ÉTICA CRISTÃ E O TRÂNSITO: Como deve ser o comportamento do cristão evangélico no trânsito?.....04

Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza; Esp. Rogerio Leoderio de Souza; Elson Batista do Prado

MINISTÉRIO INFANTIL NA IGREJA LOCAL E SEUS DESAFIOS.....25

Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza; Esp. Ilda Malena Clower; Maria Guiomar Paulino Vieira

METODOLOGIAS DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA: Um Auxílio para o Crescimento Intelecto-espiritual do Cristão.....40

Me. Rodrigo Mathias Rangel; Israel de Mello Ferreira

O DESAFIO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA IGREJA LOCAL DIANTE DO AVANÇO TECNOLÓGICO.....67

Dr. Eduardo Luiz Medeiros; Kamilla de Assis Coelho

OS DESAFIOS DA IGREJA NA EVANGELIZAÇÃO DA CLASSE ECONÔMICA ALTA NO BRASIL.....91

Dr. Eduardo Luiz Medeiros; Emanuelle Passos De Souza

A ÉTICA CRISTÃ E O TRÂNSITO: Como deve ser o comportamento do cristão evangélico no trânsito?

Elson Batista do Prado¹

Esp. Rogério Leoderio de Souza²

Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo incentivar o exercício da ética cristã por parte dos cristãos evangélicos e promover a conscientização dos discípulos de Jesus sobre a violência no trânsito brasileiro. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, foram apresentados dados que revelam a preocupante realidade das vias urbanas e rodoviárias do país. Os brasileiros figuram entre os motoristas menos responsáveis do mundo, e o Brasil ocupa a terceira posição no ranking global de mortes no trânsito segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Diante desse cenário, destaca-se a importância dos princípios da ética cristã, como o amor ao próximo, o domínio próprio e o respeito à autoridade, que são plenamente aplicáveis ao contexto do trânsito. No entanto, esses valores contrastam com as condutas frequentemente observadas, caracterizadas pela agressividade e imprudência. Observou-se que a negligência desses princípios por parte de alguns cristãos evangélicos contribui para a ocorrência de sinistros, evidenciando a necessidade de uma maior conscientização e prática desses valores no cotidiano. Assim, torna-se essencial que os discípulos de Jesus assumam seu papel como cidadãos responsáveis no trânsito, atuando como exemplos de conduta segura, seja como motoristas, motociclistas, ciclistas ou pedestres. Afinal, nada é tão forte e contagiante quanto o exemplo.

Palavras-chave: Ética cristã. Sinistros de Trânsito. Cristãos Evangélicos.

ABSTRACT

This article aims to encourage evangelical christians to practice christian ethics and to raise awareness among Jesus' disciples about violence in Brazilian traffic. Through bibliographical research, data were presented that reveal the worrying reality of the country's urban and highway roads. Brazilians are among the least responsible drivers in the world, and Brazil ranks third in the global ranking of traffic deaths, according to the World Health Organization (WHO). Given this scenario, the importance of christian ethical principles, such as love for one's neighbor, self-control, and respect for authority, which are fully applicable to the context of traffic, stands out. However, these values contrast with the frequently observed behaviors, characterized by aggressiveness and recklessness. It was observed that the neglect of these principles by some evangelical christians contributes to the occurrence of accidents, highlighting the need for greater awareness and practice of these values in daily life. Therefore, it is essential that Jesus' disciples assume their role as responsible citizens in traffic, acting as examples of safe conduct, whether as drivers, motorcyclists, cyclists or pedestrians. After all, nothing is as powerful and contagious as example.

Keywords: Christian ethics. Traffic accidents. Evangelical Christians.

¹ [1] Bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE) pradoelson7@gmail.com

² Especialista em Ciência da Religião; Bacharel e licenciado em Filosofia pela UFPR e; Bacharel em Teologia pelo Seminário Betânia de Altônia. Diretor geral da FATEBE. rogeriofatebe@gmail.com

³ Mestre em Educação e Novas Tecnologias. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas. Graduada em Ciências Sociais pela UFPR e em Teologia (SEMIB e FACETEN). Diretora de ensino e professora do curso de graduação e pósgraduação da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). lidiane@faculdadebetania.com.br

INTRODUÇÃO

A ação e influência dos cristãos evangélicos na sociedade brasileira é notável e inevitável. Onde os verdadeiros discípulos de Jesus chegam, levam consigo os princípios e valores do Reino de Deus, uma forma de viver e se comportar fundamentada nos ensinamentos das Escrituras Sagradas, especialmente nos ensinamentos e mandamentos do Mestre Jesus.

Esse impacto é reforçado pelos dados do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revelam que os evangélicos passaram a representar cerca de 26,9% da população brasileira, o que corresponde a aproximadamente 47,4 milhões de pessoas. Diante desse expressivo contingente, torna-se relevante refletir sobre o papel dos cristãos evangélicos em diferentes esferas da vida social, incluindo o trânsito.

O cenário do trânsito brasileiro é alarmante e exige atenção ética e cidadã. Segundo a Associação Paulista de Medicina (APM), o Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de mortes decorrentes de sinistros de trânsito, conforme dados da Organização Mundial de Saúde (OMS). Infelizmente, os motoristas brasileiros estão entre os menos responsáveis do mundo, o que contribui para índices elevados de acidentes e fatalidades.

Dados divulgados pelo Portal de Trânsito e Mobilidade indicam que, em 2023, foram registradas 33.734 mortes no trânsito no país, conforme informações preliminares do DATASUS, órgão vinculado ao Ministério da Saúde. Além disso, cerca de 337.430 pessoas ficaram feridas em acidentes viários. Os impactos não se limitam às perdas humanas: segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os sinistros de trânsito geram um custo anual estimado em R\$ 50 bilhões, considerando despesas hospitalares, tratamento de lesões, remoção de vítimas, perda de produção, danos aos veículos e à propriedade pública e privada.

Diante dessa realidade, surge uma questão essencial: como deve ser o comportamento do cristão evangélico no trânsito? As Escrituras Sagradas exortam: “Quem afirma que permanece nele deve viver como ele viveu.” (1ª João 2.6 – NVT). A atuação de Jesus Cristo não se limitou ao ensino verbal dos princípios do Reino

de Deus, mas foi acompanhada pela prática desses valores, manifestada por meio de suas ações e pelo testemunho de sua vida.

O elevado número de mortes, a expressiva quantidade de vítimas graves, os altos custos e os impactos emocionais e psicológicos enfrentados pelas famílias motivaram a realização deste estudo. A pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como objetivo conscientizar os cristãos evangélicos sobre a importância da ética cristã em seus deslocamentos diários, enquanto usuários do trânsito.

Este artigo propõe que os cristãos evangélicos, como cidadãos de dois reinos: um temporário e outro eterno, devem observar as leis de ambos, conforme ensina o Novo Testamento. Se esse crescente grupo adotar princípios da ética cristã no trânsito, como obediência às leis legítimas do Estado, prudência, cortesia, empatia, autocontrole, paciência e sobriedade, poderá contribuir significativamente para a redução das estatísticas de mortes e feridos em sinistros viários no Brasil. Assim, o trânsito poderá se tornar um ambiente mais seguro, justo e humano para todos.

1. A ÉTICA CRISTÃ E O TRÂNSITO

Inicialmente, abordam-se aspectos relacionados à ética. O termo tem origem no grego *éthos*, que significa hábito, comportamento ou modo de ser. Segundo o Dicionário Aurélio (2001, p. 300), ética é definida como “Estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal. Conjunto de normas e princípios que norteiam a boa conduta do ser humano.”

A ética exerce papel relevante no cotidiano dos cidadãos brasileiros, estando presente em diversos dispositivos legais, como a Constituição Federal, o Código de Trânsito Brasileiro, além de contratos sociais, religiosos e relacionais que orientam escolhas e comportamentos significativos.

Nesse contexto, é possível observar que diferentes tradições e sistemas normativos contribuem para a formação ética dos indivíduos. Um exemplo marcante é a ética cristã, que oferece uma perspectiva fundamentada nas Escrituras Sagradas e nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Segundo Ferreira *et al.* (2022, p. 115), no estudo *Normas Éticas no Antigo e Novo Testamento: Jesus é Fonte de Ética Cristã*, menciona que:

A ética cristã fundamenta-se nas Escrituras Sagradas e nos ensinamentos de Jesus Cristo, servindo como padrão e exemplo para a sociedade. Sua essência impulsiona a humanidade a refletir sobre as suas origens e a buscar, por meio de princípios acessíveis e convincentes, um caminho a favor da vida. Isso ocorre porque a ética cristã compreende que Jesus dignifica a existência de todos os seres humanos.

Para os autores, “A ética de Cristo tem seu fundamento no cuidado com a vida, com a humanização.” Além disso, destacam que:

Encontraremos na Bíblia princípios teóricos que regem diferentes áreas da vida humana. É na interação com esses princípios e com os problemas de cada geração, que a ética cristã se contextualiza e atualiza, sem jamais abandonar os valores permanentes e transcendentais revelados nas Escrituras.” Em síntese, a ética cristã representa um conjunto de valores morais total e unicamente baseado nas Escrituras Sagradas, pelos quais o ser humano deve regular sua conduta neste mundo, diante de Deus, do próximo e de si mesmo. (2022, p. 115).

A partir dessa compreensão ampliada da ética, tanto em sua dimensão filosófica quanto religiosa, torna-se pertinente analisar como ela se manifesta em normas que regulam a convivência social. Um exemplo concreto é o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), instituído pela Lei 9.503 de 23 de setembro de 1997, que entrou em vigor no dia 22 de janeiro de 1998.

O CTB define trânsito, em seu artigo primeiro, como: “§ 1º Considera-se trânsito a utilização das vias por pessoas, veículos e animais, isolados ou em grupos, conduzidos ou não, para fins de circulação, parada, estacionamento e operação de carga ou descarga.”

E ainda estabelece:

§ 2º O trânsito, em condições seguras, é um direito de todos e dever dos órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito, a estes cabendo, no âmbito das respectivas competências, adotar as medidas destinadas a assegurar esse direito. (CTB, 1998, Art. 1º § 2º).

De acordo com Rozestraten (1986, p. 22), um dos principais pesquisadores brasileiros no campo da psicologia do trânsito, em sua abordagem, fundamentada na psicologia social e o trânsito, o autor realiza uma análise crítica das dinâmicas presentes no trânsito, evidenciando a complexa interação entre fatores psicológicos

e sociais na formação dos comportamentos humanos nesse contexto específico. Ao dissertar sobre o tema, o autor adverte:

O trânsito é um problema social. Em cada cruzamento, constatamos que os pedestres, os carros, os ônibus, as bicicletas etc. vão e vêm de diferentes direções. Em princípio, cada um deseja passar por esse cruzamento permanecendo ileso e deixando o outro passar também ileso. Na prática, a situação é mais complexa do que parece à primeira vista. O motorista quer fluidez do tráfego de veículos, o pedestre precisa de menor fluidez para que possa atravessar a rua e, por outro lado, o comerciante deseja que os fregueses possam estacionar em frente a sua loja. Portanto, os interesses das pessoas que participam do trânsito não são os mesmos, e entram necessariamente em conflito (1986, p. 22).

Perante o exposto, o filósofo e educador Castro, ao comentar sobre o assunto em seu artigo: *Ética no trânsito? Será o caminho para uma cultura de paz na mobilidade?* Arrazoa:

Atuar, portanto, na fundamentação desses valores, dentro de uma construção pedagógica, voltada para a boa conduta, uma conduta de convivência e respeito com o próximo, dentro de níveis de civilidade, daquilo que destacamos como humano sem a qual a valorização da vida na cidade não é possível, deve ser um norte para alcançarmos um nível de felicidade plena e conseqüentemente um caminho para um futuro menos violento no trânsito, na cidade, no estado e no país. Esse será o grande desafio da educação para o trânsito nos próximos anos no Brasil; a ideia de educar a pessoa para sua humanidade, para ser gente, para valorizar a vida e a promoção de uma sociedade que tenha suas relações fundamentadas em valores como o amor, a paz, a fraternidade, a solidariedade e o respeito a vida de todos. (2019, p. 8).

Diante das expectativas geradas, espera-se que os cristãos evangélicos assumam um papel proativo, atuando de forma ética e coerente com os valores do evangelho, promovendo uma sociedade mais humana, justa e solidária.

Nesta parte do artigo, procurou-se oferecer ao leitor uma compreensão introdutória sobre a *Ética Cristã aplicada ao trânsito*. Foram apresentados, ainda que de forma resumida, os conceitos fundamentais de ética, ética cristã e trânsito.

Nos três subpontos a seguir, serão apresentadas uma breve análise sobre a atuação e a influência dos cristãos na sociedade, com ênfase no crescimento dos cristãos evangélicos no Brasil e, ainda, serão observados os dados alarmantes referentes ao número de mortos e feridos no trânsito brasileiro.

1.1 A Atuação e Influência dos Cristãos na Sociedade

A presença e a atuação dos cristãos evangélicos na sociedade configura-se como um tema central da reflexão teológica atual, uma vez que revelam o potencial

transformador da fé cristã nas diversas áreas desse corpo social. Compreende-se que os discípulos de Cristo são convocados a exercer influência ética e restauradora, colaborando na construção de comunidades orientadas por justiça, solidariedade e dignidade humana.

Essa perspectiva reforça a compreensão de que a atuação cristã no âmbito social não é apenas uma expressão de fé, mas também um compromisso ativo com a transformação social, alinhado aos princípios do evangelho e às demandas do mundo atual.

No artigo intitulado: “A influência e o papel da igreja cristã na sociedade brasileira.”, os autores Araújo e Bett analisam:

Nossa sociedade, como é percebido na atualidade, ainda recebe influência da igreja cristã em todos os aspectos sociais. Nossas leis são moldadas de acordo com os princípios cristãos. Nosso calendário oficial é disposto e possui datas religiosas relacionadas ao catolicismo. E em dias atuais observamos claramente como a igreja tem poder para promover um candidato político. Desse modo, ao analisarmos as nossas estruturas sociais e descortinar a cultura brasileira notamos que a igreja cristã atual tem propriedade para influenciar e promover diferentes aspectos sociais. (2022, p. 1).

Com relação ao mesmo tema: a atuação e influência dos cristãos na sociedade, os autores Ahoga, Johnston e Ortega argumentam: “...a presença cristã na sociedade é evidente quando há um impacto do reino em todas as esferas da sociedade.” Acrescem ainda a seguinte informação:

Existe um papel fundamental para os cristãos desempenharem na sociedade: transformar vidas. Isso certamente implica abordar questões de pobreza, justiça social, saúde, meio ambiente, direitos humanos e necessidades materiais, mas não é só isso. Há algo mais que o cristianismo pode oferecer que nada mais pode: dar às pessoas um espírito reconectado, uma mentalidade renovada e uma dignidade restaurada. (AHOGA; JOHNSTON; ORTEGA, 2023, n.p.).

Fundamentados nas Escrituras Sagradas e nas contribuições dos autores anteriormente mencionados, observa-se que os cristãos evangélicos, bem como a igreja cristã como um todo, exercem relevante influência sociocultural.

Diante dessa responsabilidade, espera-se que, por meio de uma conduta ética alicerçada nos valores do evangelho, atuem de forma propositiva na transformação da realidade em que estão inseridos, contribuindo para a edificação de uma sociedade mais justa, mais humana e segura para todos.

1.2 O Crescimento do Número de Cristãos Evangélicos no Brasil

Além da influência dos cristãos na sociedade, torna-se importante salientar o expressivo crescimento do número de cristãos evangélicos no Brasil, fenômeno muito debatido nos meios acadêmicos e nas mídias do nosso país.

Esse aumento numérico oportuniza uma questão teológica importante: em que proporção tal avanço tem contribuído para transformações visíveis e concretas nas áreas da educação, cultura, política, meio ambiente e, de maneira especial, no trânsito?

Conforme os dados do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), observa-se que a população evangélica no Brasil atingiu aproximadamente 26,9% da população, o que equivale a cerca de 47,4 milhões de pessoas. Esse dado evidencia a significativa presença e a expansão do movimento evangélico no contexto sociocultural brasileiro atual.

Na edição 2851 da revista *Veja*, publicada em 26 de julho de 2023 pela Editora Abril, o repórter Bruno Caniato, em sua reportagem intitulada: *Três fatores que explicam o fenômeno do “boom” evangélico no Brasil*, analisa o evento do crescimento evangélico no Brasil e projeta a possibilidade de que, em breve, os cristãos evangélicos ultrapassem os católicos em número de fiéis. Ele menciona:

Segundo pesquisa do Instituto Ipsos, essa transição já se verifica entre as faixas etárias mais jovens, nas quais os evangélicos constituem a maioria. A matéria identifica três fatores determinantes para esse avanço: a expansão das igrejas pentecostais e neopentecostais; a forte inserção do pentecostalismo em contextos periféricos e rurais; e o engajamento social de diversas igrejas, por meio de ações de assistência e suporte comunitário (CANIATO, 2023, n.p.).

Em sua matéria o jornalista Caniato, citando o cientista político Victor Araújo, da Universidade de Zurique, autor do estudo *“Surgimento, trajetória e expansão das igrejas evangélicas no território brasileiro ao longo do último século”*, traz a seguinte nota esclarecedora sobre o texto:

A transição religiosa de católicos para evangélicos tem essencialmente três motores: a urbanização do país; a ineficácia do Estado em atender a diversas regiões e a agilidade característica das igrejas evangélicas. (CANIATO apud ARAÚJO, 2023, p. 5).

De acordo com Araújo (2023, p. 5), “A transição religiosa em curso consubstanciada pelo crescimento do grupo de confissão evangélica e o

enfraquecimento do catolicismo romano é um dos fenômenos demográficos mais importantes do Brasil contemporâneo.”

O forte crescimento do número de cristãos evangélicos no Brasil tem despertado diversas expectativas na sociedade. No que diz respeito ao trânsito, é admissível considerar que o aumento da presença de cristãos evangélicos, possa favorecer a conscientização sobre a segurança no trânsito.

As igrejas, enquanto espaços formadores de valores e condutas, detêm o potencial de desenvolver ações educativas e de promover comportamentos éticos entre seus membros, colaborando para a construção de um trânsito mais seguro e humanizado.

Os autores Ahoga, Johnston e Ortega argumentam:

Isso significa não apenas proclamar a Boa Nova, mas também formar e instruir as pessoas para serem como Jesus. Não há como refletirmos Cristo em todas as esferas da sociedade se não olharmos para fora a fim de abordar as questões prementes deste mundo, utilizar e nos engajarmos em meios criativos de comunicação, e conectar nossas gerações, culturas e denominações em direção a um objetivo comum de tornar Cristo conhecido. Através da presença orante e profética do crente, engajando-se em todas as esferas da sociedade, confiamos e oramos para que Cristo seja conhecido em cada esfera da sociedade (2023, n.p.).

A sociedade brasileira, diante das fragilidades éticas que permeiam esses setores, especialmente o contexto viário, observa com expectativa a atuação dos cristãos evangélicos, aguardando que suas convicções se traduzam em comportamentos marcados pela ética do reino e pela responsabilidade cidadã.

Será observado no próximo ponto, a urgente necessidade de intervenção num dos setores de maior vulnerabilidade ética no país, o trânsito.

O Brasil, infelizmente, figura atualmente entre os três países com maiores índices de mortes em vias e rodovias, sendo superado apenas pela Índia e pela China. Esse dado alarmante aponta para a necessidade imediata de uma intervenção responsável e comprometida, na qual os cristãos evangélicos podem e devem exercer um papel vital e restaurador.

1.3 O Brasil Ocupa o 3º Lugar em Mortes por Decorrência em Sinistros de Trânsito

Um dos setores da sociedade que demanda, com urgência, uma mudança radical e transformadora é o trânsito. Atualmente, o Brasil figura entre os países com os motoristas menos responsáveis do mundo.

Em matéria publicada pelo jornal Metrôpoles, em 20 de novembro de 2023, a repórter Giovana Estrela destaca a seguinte manchete:

Ranking trágico: Brasil é o 3º país que mais registra mortes no trânsito. Segundo o relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil ocupa a terceira posição global em número de óbitos em vias e rodovias, ficando atrás apenas da Índia e da China (ESTRELA, 2023, n.p.).

Outro dado alarmante foi divulgado pela CNN, em 21 de maio de 2024. Quase 80% das vítimas graves do trânsito são pedestres, ciclistas ou motociclistas, diz pesquisa, em reportagem realizada pelo jornalista Guilherme Gama, onde comenta:

Segundo informações do Ministério da Saúde, aproximadamente 80% das vítimas de acidentes de trânsito são pedestres, ciclistas ou motociclistas. O levantamento revela que, no último ano, a rede pública registrou mais de 260 mil internações hospitalares decorrentes de sinistros viários. A Associação Brasileira de Medicina do Tráfego (ABRAMET), aponta que 76% dos casos envolveram pedestres, ciclistas e motociclistas. Os dados mostram uma tendência de aumento no número de internações desse grupo ao longo dos últimos anos. Pedestres: após uma queda inicial até 2020, as internações voltaram a crescer, atingindo o pico de 39.125 casos em 2023. Ciclistas: crescimento constante ao longo da última década, passando de 9.238 internações em 2014, para 15.573 em 2023. Motociclistas: grupo mais afetado, com aumento contínuo ao longo dos anos. Em 2023, foram registradas mais de 141.700 internações. (GAMA, 2024, n.p.).

A Associação Paulista de Medicina (APM), informa:

O elevado número de acidentes de trânsito no Brasil tem também um enorme impacto socioeconômico. De acordo com um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os acidentes de trânsito custam ao Brasil, em uma estimativa conservadora, cerca de R\$ 50 bilhões por ano, considerando o custo relativo à perda de produção e aos custos hospitalares. O cálculo do IPEA prevê os gastos associados às pessoas, como despesas hospitalares, tratamento de lesões, remoção de vítimas e perda de produção. Aos veículos, como remoção, danos e perda de carga; e institucionais e de danos à propriedade, como atendimento, processos e danos à propriedade pública e privada. (APM, 2022, n.p.).

Perante esse cenário, o presidente da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego (ABRAMET), Antônio Meira Junior, enfatiza a urgência de medidas

preventivas voltadas para a educação e infraestrutura do trânsito, com o objetivo de proteger especialmente esses usuários mais vulneráveis.

Essa realidade demanda por uma atuação consciente e responsável de toda a sociedade, em especial, dos cristãos evangélicos, os quais são convocados a promover a vida, a justiça e o cuidado com o próximo, no contexto do trânsito e da mobilidade urbana.

Neste primeiro ponto do artigo, procurou-se oferecer ao leitor uma sucinta compreensão sobre o tema da Ética Cristã aplicada ao trânsito, buscou-se estabelecer as bases para uma reflexão teológica e prática sobre a conduta dos cristãos evangélicos no trânsito, através de um breve panorama sobre a atuação e influência dos cristãos na sociedade, com ênfase para o crescimento significativo da população evangélica no Brasil.

Além disso, foram analisados os dados alarmantes referentes ao número de mortos e feridos no trânsito brasileiro, com o propósito de correlacionar esses índices à responsabilidade ética e ao compromisso social dos cristãos evangélicos, assunto esse que será melhor detalhado a seguir.

2. COMO DEVE SER O COMPORTAMENTO DO CRISTÃO EVANGÉLICO NO TRÂNSITO.

No que diz respeito à reflexão sobre a conduta ética dos cristãos evangélicos no trânsito, torna-se oportuno considerar as contribuições de Hybels (2007, p. 7-12), em seu livro: *Quem é Você Quando Ninguém está Olhando?*

O autor propõe uma análise crítica do comportamento humano, quando este não está sendo observado, destacando a tendência de muitos agirem de forma correta, apenas quando a sua imagem e reputação estão em jogo.

A partir dessa perspectiva, Hybels explora temas como caráter, integridade e autoconhecimento, estabelecendo uma relação entre a vida cotidiana do cristão e a sua coerência com os princípios do evangelho. Tendo como base os ensinamentos bíblicos, o autor exorta os discípulos de Cristo a cultivarem um caráter moldado pela imagem divina, que se manifeste na prática de uma conduta íntegra mesmo na ausência de testemunhas.

Essa postura, segundo ele, constitui uma expressão autêntica da fé em Cristo e um testemunho relevante nos diversos contextos sociais, inclusive no trânsito, onde se exige de todos os seus usuários responsabilidade moral e compromisso com o bem comum.

A psicóloga Neuza Corassa (2007, p. 23-35), em sua obra: *Seu Carro. Sua Casa Sobre Rodas. Que tipo de motorista você é?* Investiga a correlação entre as percepções subjetivas dos condutores e seus comportamentos no trânsito.

Com base em uma pesquisa realizada ao longo de dez anos, a autora identifica cinco perfis predominantes de condutores: os que se comportam como donos do mundo, os de atitude mascarada, os cautelosos (defensivos), os ansiosos e os imprudentes por natureza. Estas categorias revelam padrões comportamentais distintos, que impactam diretamente a segurança do trânsito.

Um dos aspectos centrais destacados por Corassa refere-se à identificação com o veículo, que segundo a autora, muitos motoristas tendem a perceber o automóvel como uma extensão de seu espaço pessoal, promovendo atitudes territorialistas e, por vezes, agressivas.

Diante disso, a psicóloga ressalta a relevância da consciência ética no ato de dirigir, enfatizando que comportamentos imprudentes podem gerar consequências danosas para o próprio condutor e para os demais usuários da via.

A nobre missão conferida por Jesus Cristo aos seus discípulos, de serem o sal da terra e a luz do mundo, demanda um testemunho ético que se manifeste nas múltiplas dimensões da vida cotidiana. Essa vocação regeneradora, revela-se por meio de uma conduta orientada pelo fruto do Espírito, expressa em atitudes de responsabilidade, respeito e amor ao próximo. Esses princípios se encontram no mandamento áureo de Jesus (Mateus 7.12a), como síntese normativa, promovendo uma ética relacional fundamentada na empatia e respeito ao próximo.

Nesse contexto, torna-se apropriado observar como os cristãos evangélicos têm influenciado a sociedade brasileira, sobretudo em campos como a educação, a cultura, a política, a preservação ambiental e o trânsito. Este último configurando-se como um dos espaços mais desafiadores para a prática do discipulado cristão.

A seguir, será examinada a importante missão confiada por Jesus Cristo aos seus discípulos, expressa na metáfora de serem o sal da terra e a luz do mundo. RIENECKER, (1998, p. 80), comenta: “Para os discípulos de Jesus o dever mais sagrado é praticar o amor e a correta conduta cristã.”

O mesmo autor menciona que para ele, é significativo constatar onde Jesus diz que reside a força dos seus discípulos para brilhar: “Eles iluminam o mundo com o seu agir.”

2.1 Fomos Chamados para Fazer a Diferença

Jesus Cristo confiou aos seus discípulos a nobre missão de serem o sal da terra e a luz do mundo. Portanto, suas atitudes e conduta cristã devem refletir esse chamado para fazer a diferença. Essa responsabilidade abrange todas as áreas da vida, inclusive o comportamento no trânsito, onde cada discípulo de Cristo deve agir com integridade, respeito, empatia e amor ao próximo.

Jesus compara os seus discípulos ao sal da terra e a luz do mundo, conforme lemos nas Escrituras Sagradas, no evangelho de Mateus 5.13-16:

Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o sabor, para que servirá? É possível torná-lo salgado outra vez? Será jogado fora e pisado pelos que passam, pois já não serve para nada. Vocês são a luz do mundo. É impossível esconder uma cidade construída no alto de um monte. Não faz sentido acender uma lâmpada e depois colocá-la sob um cesto. Pelo contrário, ela é colocada num pedestal, de onde ilumina todos que estão na casa. Da mesma forma, suas boas obras devem brilhar, para que todos as vejam e louvem o seu Pai, que está no céu. (Bíblia – NVT, Mateus, 5.13-16).

RIENECKER, (1998, p. 80), explica que ser sal é uma vocação importante; entretanto, quem quiser cumpri-la precisa saber do sacrifício que está ligado a ela. Pois, quando o sal quer cumprir a sua tarefa, precisa dissolver-se. O serviço do sal sempre acontece pela entrega de si próprio; o sal que não se entrega, o sal que permanece no saleiro, perde o seu poder de salgar e por nada será revigorado como sal. O mesmo autor comenta ainda que assim como o sal se dissolve no serviço, também a luz se desgasta ao brilhar!

Novamente enfatiza-se aqui a grande ideia de compromisso e sacrifício do serviço de discípulo. Para o autor, assim como a tarefa da luz é brilhar, para o discípulo de Jesus, o dever mais sagrado é praticar o amor e a correta conduta cristã. Para ele é significativo constatar onde Jesus diz que reside a força dos seus discípulos para brilhar, eles iluminam o mundo com o seu agir.

JONES, (1984, p. 148-158) avalia que a declaração feita por Jesus: “Vós sois a luz do mundo” (Mateus 5.14), é uma das afirmações que sempre deveriam surtir sobre nós (discípulos de Jesus) o efeito de nos fazer levantar a cabeça, levando-nos a perceber, uma vez mais, quão notável e glorioso é sermos crentes. Segundo ele, a palavra “vós”, que lemos nessa declaração, aponta diretamente para cada um de nós, pessoas regeneradas. Se realmente nos consideramos crentes, é a nós que ela se refere.

Para o autor, simplesmente por ser um crente, a pessoa regenerada leva uma vida diferente, e isso de pronto revela o verdadeiro caráter e a natureza de toda e qualquer maneira de viver.

O teólogo e escritor alemão Rienecker afirma que, por meio dessa declaração, o Senhor deseja transmitir que não há possibilidade de os discípulos permanecerem ocultos no mundo. As pessoas os veem, observam e percebem sua presença. Assim como é impossível passar por Jerusalém sem notar a cidade edificada sobre um monte, também não se pode ignorar a comunidade de Jesus na terra. Ela está presente, quer o mundo goste ou não, e sua existência exige que a sociedade se confronte com ela.

LAWRENCE, (2005, p. 605) comenta que o reino de Deus se expressa presentemente na vida coletiva e individual dos crentes. Para o autor, o ensino de Jesus traz um novo e fundamental viver a que somos convidados a praticar como cidadãos do presente reino de nosso Deus. Como sal e luz, os crentes devem temperar e iluminar os caminhos para Deus, pois somente eles podem preservar e guiar a humanidade.

JONES, argumenta ainda que deve haver em nós total ausência de exibicionismo e ostentação, pois foi exatamente isso que nos foi recomendado; convém que os homens vejam as nossas boas obras, e, ao mesmo tempo, glorifiquem o nosso Pai Celeste.

Diante das contribuições apresentadas, constata-se que a metáfora do sal e da luz, presente no ensino de Jesus, carrega um profundo apelo ao compromisso existencial dos discípulos de Jesus, com uma ética do sacrifício e da visibilidade. A condição de ser sal, exige disposição para a entrega e o desgaste em favor do outro, enquanto ser luz, implica tornar-se sinal do reino de Deus mediante uma conduta coerente, íntegra e relacional.

Como enfatizam Rienecker, Jones e Lawrence, a vocação cristã não admite neutralidade, nem anonimato. Os discípulos são chamados a influenciar o mundo de modo transformador, sem ostentação, mas com autenticidade, refletindo a glória de Deus por meio de ações concretas enraizadas na fé regeneradora e no amor ativo, evidenciados na vida do cristão mediante a manifestação do fruto do Espírito Santo, tema que será considerado a seguir.

2.2 O Cristão e o Fruto do Espírito Santo no Trânsito

Aqueles que foram alcançados pela graça redentora de Jesus Cristo são, segundo declaram as Escrituras, novas criaturas, são agora seres humanos regenerados, cuja existência é transformada pela ação do Espírito Santo. Conforme declara o apóstolo Paulo: “Logo, todo aquele que está em Cristo se tornou nova criação. A velha vida acabou, e uma nova vida teve início!” (2ª Coríntios 5.17).

Essa renovação espiritual exige a expressão visível do fruto do Espírito, mediante atitudes e condutas que reflitam a ética cristã em todas as áreas da sociedade.

Esse compromisso abrange inclusive o comportamento no trânsito, onde se espera dos discípulos de Cristo uma postura responsável, segura e orientada pelo amor ao próximo.

Alves e Abreu, no artigo: “A pessoa do Espírito Santo, sua importância e papel na vida do cristão”, citando o teólogo Erickson, escrevem:

Conforme destaca Erickson, (2015, p. 811), a atuação do Espírito Santo na vida do crente é contínua e permanente, manifestando-se por meio de sua habitação interior e direção espiritual. Tal presença promove o fortalecimento do espírito humano regenerado, capacitando-o a vencer os desejos da natureza carnal e a conformar-se progressivamente com a vontade divina. Essa realidade encontra fundamento nas Escrituras, como se observa na exortação paulina: “Andai em Espírito e jamais satisfareis a concupiscência da carne” (Gl 5.16). (ERICKSON, 2015, apud ALVES e ABREU, 2022, p. 11)

No contexto de sua reflexão sobre o fruto do Espírito Santo, o teólogo e professor Daniel Conegero comenta: O fruto mencionado refere-se a um conjunto de virtudes produzidas pelo Espírito Santo naqueles que, pela obra redentora de Cristo, foram regenerados e feitos novas criaturas. Conforme a perspectiva do autor,

essa expressão espiritual resulta em uma postura ética e íntegra, em conformidade com os desígnios soberanos de Deus.

Parafrasando as palavras do apóstolo Paulo em sua carta aos Gálatas 5.22-23, compreendemos que é o Espírito Santo quem gera, na vida do cristão, um conjunto de virtudes que refletem o caráter de Cristo: amor, alegria, paz, paciência, gentileza, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Tais qualidades não são condenadas por nenhuma norma, pois expressam a essência da vida segundo Deus.

Paulo reforça os seus argumentos dizendo ainda que, aqueles que pertencem a Cristo já renunciaram às inclinações da natureza carnal, tendo crucificado seus desejos e paixões. Por isso, sendo guiados pelo Espírito, é necessário que cada aspecto da vida seja submetido à sua direção.

CONEGERO (2018, n.p.) assinala:

O fruto do Espírito é mencionado dentro de um capítulo onde Paulo faz uma exposição acerca da liberdade que há em Cristo. Ele fornece uma contraposição com as restrições impostas pelo legalismo que estava sendo pregado na comunidade cristã da Galácia. Além disso, o apóstolo enfatizou que o jugo da Lei não é capaz de fazer com que alguém viva de acordo com a vontade de Deus, mas que somente através do Espírito Santo o homem é capacitado a viver uma vida que agrada ao Senhor.

A formação do caráter cristão à imagem de Cristo representa, segundo as Escrituras Sagradas, um processo decorrente da ação santificadora do Espírito Santo na vida dos que foram regenerados, conforme escreveu o apóstolo Paulo em sua segunda carta aos coríntios, onde ele diz: “Portanto, todos nós, dos quais o véu foi removido, podemos ver e refletir a glória do Senhor, e o Senhor, que é o Espírito, nos transforma gradativamente à sua imagem gloriosa, deixando-nos cada vez mais parecidos com ele.” (2ª Coríntios 3.18).

Esse processo torna-se visível na manifestação do fruto do Espírito, descrito em Gálatas 5.22-23, que compreende virtudes como amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Conegero, considera ainda que:

Tais virtudes não são desenvolvidas por esforço humano isolado, mas resultam da entrega contínua à ação do Espírito. Assim, na perspectiva evangélica, a conduta cotidiana do crente deve refletir essa nova natureza em Cristo, sendo marcada por atitudes coerentes com os princípios do reino de Deus. A ausência do fruto em uma vida que se professa cristã pode indicar uma desconexão espiritual com a obra redentora do Calvário, comprometendo o testemunho do evangelho na esfera pública. (CONEGERO, 2018, n.p.).

Uma vez que o discípulo de Cristo passa a manifestar em sua vida o fruto do Espírito, desenvolve-se nele a capacidade de vivenciar o mandamento áureo ensinado por Jesus, o qual se constitui como expressão máxima da ética cristã. Esse será o assunto abordado no próximo ponto deste estudo.

2.3 Mandamento Áureo de Jesus

O denominado mandamento áureo de Jesus Cristo, conforme registrado em Mateus 7.12a: “Em todas as coisas façam aos outros o que vocês desejam que eles lhes façam.” É compreendido como uma das orientações fundamentais para a ética cristã. Desse modo esse preceito sintetiza, de maneira concisa e profundamente teológica, a essência da ética do reino, fundamentada no amor altruísta e no respeito mútuo.

Cumpra destacar que o referido ensino de Jesus se insere no contexto do sermão do monte, conforme registrado no evangelho de Mateus, o qual representa uma releitura profunda e autoritativa de preceitos anteriormente estabelecidos pela Lei mosaica. Por meio da fórmula hermenêutica “Eu, porém, vos digo...”, Cristo não apenas reafirma o valor da Torá, mas a ressignifica à luz de sua autoridade messiânica, ajustando seus princípios à ética do reino.

O professor Vieira em seu livro: *Ética (Mateus 7): Livro 3 - Série "O Sermão do Monte"*, comenta:

No reino dos céus a ética é uma só, pois o padrão do reino é único, visto que unidade da comunhão é um aspecto próprio do reino de Deus. Devemos tratar os outros da mesma forma que queremos ser tratados, agindo sempre com justiça e altruísmo. Esse ensino de Jesus tem um valor tão caro pra vida em sociedade que essa o determinou de “a regra de ouro do Salvador. (2022, p. 8-17).

O mesmo autor menciona ainda que:

A verdadeira natureza da mensagem de Jesus no Sermão do Monte é que esta não é uma lista de obrigações que devemos cumprir para sermos bem-aventurados. Antes, trata-se de uma visão ética que é apresentada como uma regra perfeita da vida cristã, que não apenas nos ajuda a ser bem-aventurados, mas também nos leva a uma vida plena de felicidade e paz genuínas. (2022, p. 21-22).

O Sermão do Monte, nesse sentido, configura-se como uma expressão da transformação da mente e do coração, exigida daqueles que desejam viver sob o

senhorio de Deus. Nele se delineia tanto o ethos quanto o modelo comunitário próprio dos que se submetem plenamente ao governo da graça divina.

Jesus conclui esse discurso, fazendo uma analogia entre o sábio e o insensato dizendo:

Quem ouve minhas palavras e as pratica é tão sábio como a pessoa que constrói sua casa sobre uma rocha firme. Quando vierem as chuvas e as inundações, e os ventos castigarem a casa, ela não cairá, pois foi construída sobre rocha firme. Mas quem ouve meu ensino e não pratica é tão tolo como a pessoa que constrói sua casa sobre a areia. Quando vierem as chuvas e as inundações e os ventos castigarem a casa, ela cairá com grande estrondo. Quando Jesus acabou de dizer essas coisas, a multidão ficou maravilhada com seu ensino, pois ele ensinava com verdadeira autoridade, diferentemente dos mestres da lei. (Bíblia – NVT, Mateus 7.24-29).

Diante das implicações éticas do discipulado cristão, compreende-se que os discípulos de Jesus Cristo, são chamados a pautar a sua conduta por princípios de sabedoria e discernimento, tanto em suas palavras quanto em suas ações. A simples compreensão de ensinamentos doutrinários, desvinculada de uma prática coerente, revela-se insuficiente diante da responsabilidade que lhes é confiada.

Nesse sentido, a persistência em comportamentos imprudentes, especialmente em contextos sociais como o trânsito, não apenas contraria os valores do evangelho, mas expõe a própria vida e a de outras pessoas a riscos evitáveis, comprometendo o testemunho cristão na sociedade.

O pastor Danilo Figueira (2023, p. 77), em seu livro: “As Varas da Multiplicação”, disserta:

É bom que se diga que maturidade não é sinônimo de perfeição... Perfeição é um conceito absoluto, enquanto maturidade é um conceito relativo que, inclusive, pode ser visto em níveis diferentes. Penso que uma pessoa minimamente madura na fé seja alguém com raízes para se sustentar e com frutos que identifiquem sua seriedade na vida com Deus. Em outras palavras, maduro é aquele que demonstra firmeza e bom testemunho. (2023, p. 77).

Diante das exigências do discipulado cristão na vida pública, torna-se urgente e imprescindível que os cristãos evangélicos vivenciem sua fé de modo consciente também no contexto do trânsito. Independentemente da posição ocupada nesse espaço social, seja como pedestres, ciclistas, passageiros, condutores ou motociclistas, suas atitudes devem expressar, de forma coerente, os valores do reino de Deus, especialmente no que se refere ao respeito mútuo, à prudência e ao amor ao próximo.

“Viver como verdadeiros filhos de Deus é nutrir relacionamentos sadios com Deus e com os homens.” Joás Inácio Vieira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo refletir sobre o comportamento esperado do cristão evangélico no trânsito, considerando a sua responsabilidade como discípulo de Jesus em manifestar princípios, que promovam o bem comum na sociedade. A pesquisa realizada evidenciou o preocupante cenário dos sinistros de trânsito no Brasil, marcado por elevados índices de acidentes, feridos e mortes, e destacou que a ética cristã oferece fundamentos sólidos para uma conduta responsável e cidadã também no ambiente viário.

Diante disso, compreende-se que o cristão evangélico, enquanto cidadão de dois reinos, sendo um terreno e outro espiritual, deve pautar sua vida por princípios que transcendam o espaço eclesial, refletindo-se em atitudes práticas no cotidiano, inclusive no trânsito. A adoção de valores como obediência às leis, prudência, empatia, autocontrole, paciência e sobriedade, todos eles coerentes com os ensinamentos bíblicos e com o fruto do Espírito, pode contribuir significativamente para a redução dos índices de violência no trânsito e para a construção de um ambiente mais seguro, humano e justo para todos.

O artigo 76 do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) prevê a implementação da educação para o trânsito desde a fase escolar. Segundo o texto legal:

A educação para o trânsito será promovida na pré-escola e nas escolas de 1º, 2º e 3º graus, por meio de planejamento e ações coordenadas entre os órgãos e entidades do Sistema Nacional de Trânsito (SNT) e de Educação, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, nas respectivas áreas de atuação. (CTB – Capítulo VI, Artigo 76).

Essa diretriz reforça a relevância da formação cidadã desde os primeiros anos de vida, com o objetivo de fomentar uma cultura de segurança viária e conscientização sobre a responsabilidade individual e coletiva no trânsito.

A proposta visa a integração entre instituições educacionais e entidades do Sistema Nacional de Trânsito (SNT), promovendo uma abordagem coordenada e eficaz na transmissão desses conhecimentos. Entretanto, apesar da previsão legal, observa-se que sua aplicação prática ainda se mostra insuficiente, revelando um descompasso entre a legislação e a realidade educacional brasileira.

Diante desse cenário, este artigo propõe uma iniciativa voltada para a

conscientização e educação no trânsito entre os cristãos evangélicos, sugerindo que as igrejas assumam um papel ativo na formação de seus membros como usuários responsáveis das vias públicas.

Recomenda-se, nesse contexto, a implementação de seminários, oficinas e palestras voltadas à temática da segurança viária, bem como a oferta de cursos acessíveis às diversas faixas etárias, a serem realizados nas dependências das igrejas e comunidades evangélicas. Tais iniciativas visam fomentar a conscientização coletiva e promover práticas responsáveis no trânsito, contribuindo para que os membros da comunidade evangélica compreendam seu papel ético e social na construção de um ambiente viário mais seguro e harmonioso para todos.

Por fim, este estudo reafirma que a vivência da fé cristã não se limita ao espaço religioso, mas deve ser expressa nas relações sociais, no cuidado com o próximo e no compromisso com a vida. Assim, o trânsito se torna também um espaço de testemunho cristão, onde cada atitude ética reflete os princípios do reino de Deus e colabora para a transformação da sociedade.

Destaca-se que a elaboração deste trabalho constituiu uma experiência enriquecedora e significativa, apesar dos desafios inerentes à delimitação e aprofundamento do tema proposto. Considera-se que o objetivo principal, oferecer uma breve reflexão acerca da relevância do comportamento ético do cristão evangélico no contexto do trânsito, foi, em certa medida, alcançado.

Ressalte-se, contudo, que esta pesquisa não esgota as possibilidades de abordagem do tema, o que evidencia a necessidade de sua continuidade por meio de investigações futuras que ampliem e aprofundem a compreensão teológica e prática sobre a presença pública da fé cristã.

REFERÊNCIAS

AHOGA, COSSI AUGUSTIN; JOHNSTON, JUDITH; ORTEGA, MATHEUS. Influência Social do Cristianismo: A Plenitude da Grande Comissão. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/report/o-que-e-sustentavel/influencia-social-do-cristianismo> Acesso em: 11 de nov. 2024.

ALVES. RAIMUNDA APARECIDA DE OLIVEIRA. ABREU. JULIANO MARLUS DE. A Pessoa do Espírito Santo, Sua Importância e Papel na Vida do Cristão. 2022. Disponível em:

https://ftp.faculdadebetania.com.br/resources/artigos/revista/abril2022/a_pessoa_es_p_iritto_santo.pdf Acesso em: 22 de out. 2024.

ARAUJO. VICTOR. Surgimento, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019). 2023. Disponível em: https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/cem_na_midia_anexos/NT20.pdf Acesso em: 14 de ago. 2024

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA. Brasil é o terceiro país com mais mortes de trânsito. 2022. Disponível em: <https://www.apm.org.br/brasil-e-o-terceiro-pais-com-mais-mortes-de-transito/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20terceiro.causa%20de%20morte%20no%20Pa%C3%ADs> Acesso em: 09 de ago. 2024.

BÍBLIA SAGRADA NVT – Nova Versão Transformadora – Editora Mundo Cristão – 2016.

BRASIL. Código de Trânsito Brasileiro. CTB DIGITAL. Disponível em: <https://www.ctbdigital.com.br/> Acesso em: 08 de set. de 2024.

CANIATO. Bruno. Três fatores que explicam o fenômeno do “boom” evangélico no Brasil. VEJA. Ed. 2851. Ano 56 – nº 29. 26/07/2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/tres-fatores-que-explicam-o-fenomeno-do-boom-evangelico-no-brasil> Acesso em: 23 de ago. 2024

CASTRO, GUTO GIOVANI DE OLIVEIRA. Ética no trânsito? Será o caminho de uma cultura de paz na mobilidade? Disponível em: <https://files.antp.org.br/2019/10/8/etica-no-transito-sera-o-caminho.pdf> Acesso em: 22 de ago. de 2024.

CONEGERO. DANIEL. O Fruto do Espírito Santo. 2018. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/o-fruto-do-espírito/> Acesso em 20 de ago. de 2024.

CORASSA. NEUZA. Seu carro sua casa sobre rodas. Que tipo de motorista você é? 2ª ed. Curitiba – PR. Ed. Juruá. 2007.

CRUZ. JOSE EWERTON FEITOSA. A RELAÇÃO ENTRE CRISTIANISMO E EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-relacao-entre-cristianismo-educacao.htm> Acesso em: 08 de set. de 2024.

ESTRELA. GIOVANA. Ranking trágico: Brasil é o 3º país que mais registra mortes no trânsito. Boletim Metrôpoles. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/ranking-tragico-brasil-e-3o-pais-que-mais-registra-mortes-no-transito> Acesso em: 23 de ago. de 2024.

FIGUEIRA, DANILO. As Varas da Multiplicação. Uma chave eficaz para o crescimento quantitativo e qualitativo da igreja. Ribeirão Preto – SP. Ed. Selah Produções. 2023.

FERREIRA. AURELIO BUARQUE DE HOLANDA. Minidicionário Aurélio. 4ª ed. rev. ampliada. Botafogo – RJ. Editora Nova Fronteira S. A. 2001.

FERREIRA. EDILEUZA BARROS; NASCIMENTO, OSLEI DO; MILDENBERG, EMERSON; ALMEIDA. SERGIO ANTUNUES DE. Normas Éticas no antigo e Novo Testamento; Jesus é fonte de ética cristã. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2497> Acesso em 10 de ago. de 2024.

GAMA. GUILHERME. Quase 80% das vítimas graves do trânsito são pedestres, ciclistas ou motociclistas, diz pesquisa. CNN. São Paulo.2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-80-das-vitimas-graves-do-transito-sao-pedestres-ciclistas-ou-motociclistas-diz-pesquisa/> Acesso em: 09 de ago. de 2024.

HYBELS. BILL. Quem é você quando ninguém está olhando? Como preservar os traços de caráter ameaçados de extinção. 2ª edição. Ed. Betânia. Belo Horizonte – MG. 2023.

LAWRENCE. O. RICHARDS. Bible Reader's Companion – (trad. Alexandre Lacnit) – 1ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus. 2005.

LLOYD-JONES, MARTYN – Estudos no Sermão do Monte – (tradução João Marques Bentes) – 1ª ed. – São Paulo – SP. Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 1984.

PORTAL DO TRÂNSITO E MOBILIDADE. Dados preliminares de 2023 apontam que o trânsito brasileiro continua matando mais de 33 mil pessoas por ano. 2024. Disponível em: <https://www.portaldotransito.com.br/noticias/fiscalizacao-e-legislacao/estatisticas/dados-preliminares-de-2023-apontam-que-o-transito-brasileiro-continua-matando-mais-de-33-> Acesso em: 23 de set. de 2024.

RIENECKER, FRITZ – O Evangelho de Mateus Comentário Esperança – (tradução Werner Fuchs) – 1ª ed. Curitiba – PR. Editora Evangélica Esperança, 1998.

ROZESTRATEN. REINIER J. A. A Psicologia Social e o Trânsito. Scielo Brasil. 1986. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/yqMF3h3VSwx9RxR99LZN6Hn/> Acesso em: 23 de ago. 2024.

VIEIRA. JOÁS INÁCIO. Ética(Mateus 7) Livro 3 – Série “O Sermão do Monte”. 2023. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/%C3%89tica_Mateus_7.html?id=ZuX4EAA_AQBAJ&redir_esc=y Acesso em: 21 de ago. de 2024.

MINISTÉRIO INFANTIL NA IGREJA LOCAL E SEUS DESAFIOS

Maria Guiomar Paulino Vieira⁴
Esp. Ilda Malena Clower⁵
Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza⁶

RESUMO

O ministério infantil desempenha um papel fundamental na formação espiritual e social de crianças, porém muitos contextos eclesiais ainda enfrentam dificuldades para estruturar práticas seguras, inclusivas e alinhadas à participação familiar. Este trabalho tem como objetivo analisar os desafios e possibilidades para a igreja local na construção de um ministério infantil que seja educativo, acolhedor e protetivo. A pesquisa desenvolve-se em três eixos: (1) a responsabilidade compartilhada entre família e igreja na formação espiritual das crianças, ressaltando a complementaridade entre essas duas instâncias; (2) fundamentos bíblicos para a educação cristã infantil, com base em passagens como Dt 6:2-7, Pv 22:6, Mt 19:13-15 e Ef 6:4; e (3) estratégias práticas para promover um ambiente seguro e inclusivo, considerando protocolos de proteção, acolhimento de crianças, inclusive as atípicas e o engajamento comunitário. Por meio de pesquisa bibliográfica e diálogo com autores como Pelt (1996) e Chapman (2017), entre outros, conclui-se que o fortalecimento do ministério infantil depende da integração entre ensino bíblico, inovação metodológica e parceria efetiva com as famílias. O estudo reforça a necessidade de investir na formação de líderes, no treinamento de voluntários e efetivação de políticas de segurança e cuidado, garantindo que a igreja seja um espaço confiável, acolhedor e transformador para as novas gerações.

Palavras chaves: Educação Cristã, Ministério Infantil, Igreja local.

ABSTRACT

Children's ministry plays a central role in the spiritual and social formation of children and adolescents, and is a contemporary challenge for the local church. The work analyzes three main axes (1) the shared responsibility between family and church in the spiritual formation of children and adolescents, highlighting the reciprocity of both agents; (2) the biblical foundations for children's education, with emphasis on passages such as Deuteronomy 6:2-7, Pv 22:6, Mt19:13-15, Eph. 6:4, and (3) practical strategies to make the church a safe and inclusive environment, addressing safety and protection protocols for all children and adolescents, including atypical ones, and community engagement. Bibliographic research and analysis of authors such as Pelt (1996) and Chapman (2017) were used, concluding that the success of children's ministry depends on integration between biblical teaching, methodological innovation, and partnerships with families. The study reinforces the importance of investing in leadership training, volunteer training and protection and security policies, ensuring that the church is a trustworthy, welcoming and transformative space for new generations.

Key words: Christian Education, Children's Ministry, Local Church.

⁴ Técnico em enfermagem. Graduanda em Teologia pela Fatebe. Contato: mguima@gmail.com

⁵ Especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Betânia – FATEBE. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR. Graduada em teologia e Missões pelo Seminário Evangélico Betânia de Minas Gerais. Graduada em letras – inglês pela UNIP. Contato: clower.malena@hotmail

⁶ Mestre em Educação e Novas Tecnologias. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas. Graduada em Ciências Sociais pela UFPR e em Teologia (SEMIB e FACETEN). Diretora de ensino e professora do curso de graduação e pósgraduação da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). lidiane@faculdadebetania.com.br

INTRODUÇÃO

A formação espiritual da criança constitui uma tarefa fundamental e urgente no contexto da igreja contemporânea. Vivemos em uma sociedade marcada por intensas transformações culturais, morais e tecnológicas, observa-se que mudanças na estrutura familiar e novos padrões na convivência social, tem influenciado diretamente a construção de valores e a identidade das gerações futuras, o modo como a criança percebe o mundo.

Diante desse cenário, torna-se urgente refletir sobre o papel da igreja no cuidado com a infância, compreendendo-a não apenas como um público futuro, mas como parte essencial e ativa no corpo de Cristo no tempo presente.

O ministério infantil, portanto, vai além de uma atividade recreativa e pedagógica, mas assume papel fundamental na transmissão dos ensinamentos bíblicos; trata-se de um espaço de formação de valores moral e espiritual, mas também na promoção de um ambiente de acolhimento, proteção e desenvolvimento integral.

Ao integrar famílias e comunidade de fé, o ministério infantil fortalece a igreja e contribui para que as crianças cresçam experimentando o amor de Cristo de maneira prática e significativa.

Este trabalho tem como objetivo analisar os principais desafios enfrentados pela igreja local na condução do ministério infantil, especialmente no que se refere à responsabilidade pela formação espiritual, proteção efetiva para as crianças, buscando compreender, à luz de textos bíblicos como Dt. 6:2-7, Provérbios 22:6, Mt 19:13-15, Efésios 6:4, em que medida essa responsabilidade recai prioritariamente sobre os pais ou sobre a igreja e como ambos podem atuar de forma complementar.

Além disso, investiga-se a importância de fundamentos pedagógicos cristãos para a educação infantil, bem como estratégias para capacitação de equipes, organização de espaços adequados e efetivação de práticas de inclusão e segurança no ambiente eclesial.

A problemática central está na constatação de que muitas igrejas ainda enfrentam obstáculos significativos, para integrar de maneira eficaz as crianças em suas práticas educativas e espirituais. Entre os desafios, destacam-se a escassez de pessoal preparado, o baixo investimento estrutural e formativo, o reduzido

engajamento de pais e líderes e a crescente necessidade de garantir ambientes seguros e inclusivos. Assim, questiona-se: como tornar o ministério infantil um espaço de ensino cristão seguro, acolhedor e espiritualmente relevante para as crianças?

Diante disso, esta pesquisa propõe uma análise teológico-prática sobre o ministério infantil, considerando a criança como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem.

Busca-se oferecer orientações que favoreçam um ensino bíblico integral, relevante e transformador, contribuindo para que a igreja e família compreendam e assumam suas responsabilidades de forma consciente, planejada e comprometida com a formação espiritual das novas gerações.

1. A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DA CRIANÇA: RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA ENTRE PAIS E IGREJA

Diante da questão sobre a espiritualidade da criança, quem detém a responsabilidade primária na educação cristã e na condução para Jesus: os pais ou a igreja? As Escrituras e a tradição cristã apontam para uma responsabilidade prioritariamente dos pais, mas reconhecem a igreja como um apoio indispensável e um agente complementar crucial nesse processo.

Os pais são designados por Deus como os principais responsáveis pelo desenvolvimento espiritual e educacional dos filhos. A estrutura familiar, solidificada no dia a dia em lares onde prevalecem amor, ternura e respeito, é o ambiente primário para a formação do caráter e da fé, como afirmou Spurgeon (2004) em sua paráfrase de Provérbios 22:6: “Ensine a criança no caminho em que deve andar, mas certifique-se que você mesmo anda nesse caminho”.

A criança aprende muito mais pelo exemplo, do que pelas palavras; ela observa constantemente a maneira como seus pais agem no dia a dia, registrando tanto as atitudes positivas como as negativas. Por isso, quando existe incoerência entre o que os pais dizem e o que fazem, podem surgir conflitos, afastamento emocional e dificuldade na relação familiar (CURY 2003 p.22).

Assim, quando os pais demonstram equilíbrio, respeito e afeto, a criança tende a se sentir valorizada e segura; por outro lado, quando são marcadas por

agressividade, injustiça e desprezo, formam marcas emocionais que podem acompanhá-la pelo resto da vida.

Esse processo ocorre, na maioria das vezes, de forma silenciosa. Os filhos nem sempre conseguem expressar em palavras o que sentem, mas registram e absorvem aquilo que presenciam no ambiente familiar.

A formação emocional e espiritual da criança depende não apenas de orientações verbais ou ensinamentos formais, mas principalmente da coerência entre o discurso e a prática dentro do lar.

A presença afetiva, a escuta atenta e as ações carregadas de respeito e amor, se tornaram elementos estruturantes no desenvolvimento emocional saudável da criança.

Assim, o exemplo dos pais é como a construção de um muro, onde cada ato de fé praticado em família é um tijolo adicionado. Orar juntos, apresentar o caráter de Deus, incentivar a generosidade e praticar a gratidão são formas concretas de investir na vida espiritual dos filhos.

Pelt (1996, p. 133), reforça essa ideia ao afirmar que “As experiências cotidianas no lar influenciam muito as experiências religiosas das crianças, e a imagem que a criança forma de Deus está intrinsecamente ligada à imagem e ao relacionamento que ela tem com seus pais”.

Nesse contexto, o culto doméstico emerge como uma prática de valor inestimável, uma verdadeira herança espiritual. Reunir-se regularmente para ler a Bíblia, orar e conversar sobre os ensinamentos de Deus, aplicando-os às circunstâncias diárias, infunde a fé na rotina familiar e constrói um "muro de segurança e proteção ao redor do lar" (ARA 2009, p. 935). Não precisa ser uma prática longa ou formal; a constância e a intencionalidade em compartilhar as verdades espirituais e depender da oração desenvolvem nos filhos amor pelas Escrituras e um relacionamento pessoal com Deus.

Salomão, em Provérbios 24:3-4, identifica a sabedoria (conhecimento dos caminhos de Deus), a inteligência (aplicação dos princípios divinos) e o conhecimento (aptidões práticas) como fundamentos para edificar um lar sólido, ambiente onde esses valores são primordialmente aprendidos e vividos. A administração do lar, vista sob a ótica bíblica, transcende a mera gestão física, incluindo a criação de um ambiente carinhoso onde a família cresce emocional e espiritualmente (ARA, 2009, p. 1043).

De acordo com White (2008, p. 177)

“O lar é como a primeira escola da criança, onde se lançam as bases para uma vida de serviço, ensinando princípios de pró-atividade, atenção ao próximo e abnegação através de responsabilidade e exemplo. Contudo, a igreja desempenha um papel vital como aliada e suporte para as famílias nessa missão”.

Jesus demonstrou claramente o valor das crianças em seu ministério, repreendendo os discípulos que tentavam impedi-las de se aproximar dele: “Deixem que as crianças venham a mim, e não proibam que elas façam isso, pois o Reino dos céus é das pessoas que são como estas crianças” (Mateus 19:14, NTLH).

Como afirma Spurgeon (2004 p.5) “Quando Jesus viu isso, ficou indignado com os discípulos, ele não ficava indignado com frequência, certamente. E quando ficou, sabemos que o caso era sério”, ele indignou-se pelas crianças serem rejeitadas e empurradas para longe dele, uma vez que essa atitude era contrária a sua vontade e seu pensamento sobre elas.

Ao observar essa passagem, vemos Jesus demonstrar claramente o valor que dá às crianças, quando os discípulos tentaram impedir que elas se aproximassem dele, ficou indignado, pois a atitude deles contrariava totalmente sua forma de olhar para as crianças, ele não queria que elas fossem vistas como um incômodo ou como alguém sem importância, pelo contrário, Jesus acolhia, abraçava e as abençoava.

O ato dos pais de levarem seus filhos a Jesus expressava amor e fé, eles reconheciam que uma simples oração ou um toque vindo de suas mãos, tinha mais valor do que qualquer riqueza ou segurança humana.

Mesmo que aqueles pais, talvez não compreendessem tudo espiritualmente, nem reconhecessem Jesus como o Messias, havia reverência e confiança sincera em seus gestos, Jesus não desprezou a oportunidade. Ele valorizou, porque sabia que o coração daqueles pais buscava o melhor para seus filhos.

A igreja que investe no ministério infantil prepara com amor e sabedoria a próxima geração, que fortalecerá a fé e o caráter dos cristãos que no futuro, darão continuidade à missão da igreja. Priorizar o departamento infantil, planejar atividades, capacitar líderes e voluntários, ao inserir as crianças na comunidade de fé e serviço, a igreja estabelece uma parceria essencial com os pais. Uma igreja que acolhe as crianças e suas famílias, fazendo-as sentirem-se amadas e pertencentes, torna-se um poderoso reforço para a educação cristã iniciada no lar. É o espaço

onde a criança pode aprender de forma alegre e saudável os ensinamentos bíblicos e valores eternos, consolidando sua fé no contexto da comunidade.

Famílias contemporâneas buscam ativamente por igrejas que ofereçam um ambiente seguro, inclusivo e espiritualmente nutritivo para seus filhos, com pessoas responsáveis e engajadas na educação cristã. Portanto, a responsabilidade é compartilhada: aos pais cabe a primazia do ensino e do exemplo no lar; à igreja, o apoio, a complementação e a vivência comunitária da fé.

2. FUNDAMENTOS BÍBLICOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

A Bíblia Sagrada oferece um manancial de princípios e diretrizes sobre a educação das crianças, estabelecendo um fundamento sólido para o ministério infantil e a prática educativa no lar e na igreja.

Desde o Antigo Testamento, a instrução às novas gerações na Lei e nos caminhos do Senhor, é apresentada como um mandamento divino e uma prioridade para a comunidade de fé. O texto de Deuteronômio é emblemático nesse sentido. Moisés instrui o povo de Israel não apenas a temer a Deus e guardar seus mandamentos, mas a ensiná-los diligentemente aos seus filhos e netos: “Guardem sempre no coração as leis que eu lhes estou dando hoje, e não deixem de ensiná-las aos seus filhos, repitam essas leis em casa e fora de casa, quando se deitarem e quando se levantarem” (Dt 6:2-7 NTLH). Essa passagem sublinha a centralidade do lar na transmissão da fé e a importância da constância e da intencionalidade nesse processo.

O ensino não deveria ser um evento isolado, mas permeado em todas as atividades cotidianas, visando à formação de uma identidade pautada na aliança com Deus. Historicamente, no Antigo Testamento, a educação judaica, embora centrada nos meninos, enfatizava a memorização da Torá e o aprendizado de ofícios e habilidades. “De certa forma, os meninos recebiam uma educação diferenciada das meninas e adquiriam uma educação formal. Por sua vez, as meninas eram educadas em suas casas e o aprendizado se limitava as atividades domésticas.” (COLEMAN 2017, p. 141).

Provérbios 22:6, frequentemente citado, reforça a importância de direcionar a criança no “caminho em que deve andar”, indicando que a instrução recebida na infância tem um impacto duradouro em sua vida. Para Chapman

(2017 p.18) “Seja qual for a linguagem do amor que seu filho entenda melhor, ele precisa que o amor seja expresso de uma única maneira: incondicionalmente”.

O Novo Testamento reafirma e aprofunda a importância das crianças no Reino de Deus. Jesus acolhe as crianças, as abençoa e as apresenta como modelo de humildade e fé para os adultos (Mt. 18:1-5; Mc. 10:13-16; Mt. 19:13-15). Ele valoriza a pureza e a confiança características da infância. DE acordo com Masters (1997 p.45.46 cap.12) “Jesus condena o sistema tanto político e religioso da época, que é o motivo de crianças e gente humilde, perder sua fé em Deus. Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam, Jesus toca nelas e as abraça e se identifica com elas, quem recebe uma criança é a Jesus que o recebem” (Mc 9;37). E tudo o que fizerdes a um destes pequeninos é a mim que o fizestes (Mt 25:40).

O apóstolo Paulo, escrevendo aos Efésios, exorta os pais: "E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criá-os na disciplina e na admoestação do Senhor" (Efésios 6:4). Essa instrução equilibra a necessidade de disciplina com a importância de um tratamento amoroso e instrutivo, focado nos princípios divinos, como aconselha White (2007 p. 172) “Pais não desanimeis vossos filhos, combinei o afeto com a autoridade, bondade, simpatia com firme restrição”

Segundo Guerra (2006 p.22,32), Existe maior abertura das crianças para receber o evangelho na primeira infância, uma fase crucial para semear princípios e valores que as guiarão por toda a vida. “Os primeiros anos de vida constituem o período principal do desenvolvimento do intelecto e do caráter”.

Os ensinamentos bíblicos fornecem, portanto, a base para uma educação cristã integral que visa não apenas o conhecimento intelectual, mas a formação do caráter, o desenvolvimento da fé e o preparo para uma vida de serviço e relacionamento com Deus e com o próximo. Segundo Chapmam (2017 p.19) “Criar filhos emocionalmente saudáveis é uma tarefa cada vez mais difícil hoje em dia”.

Um dos grandes desafios da sociedade atual, onde as crianças estão expostas cada vez mais cedo a estímulos constantes da mídia e das tecnologias digitais, que influenciam seus pensamentos, comportamentos e emoções.

Além disso, vivemos em um contexto em que problemas emocionais, como ansiedade, depressão, narcisismo e falta de tolerância, torna-se cada vez

mais comuns em nossa sociedade. A violência, insegurança e a desesperança afetam diretamente o ambiente familiar.

Somando tudo isso, observa-se uma diminuição da influência de espaços formadores sociais, como igrejas e convivência comunitária, que antes ofereciam suporte moral, espiritual e social.

A mudança de ritmo na vida moderna, e a rotina de trabalho com compromissos acelerados, contribuíram para a redução de tempo de qualidade e a convivência familiar entre pais e filhos, isso torna a tarefa de educar mais complexa, exigindo maior atenção, presença, diálogo e acolhimento dentro do lar.

O ministério infantil, à luz dos fundamentos bíblicos, deve ser um espaço onde a Palavra de Deus é ensinada de forma criativa, relevante e amorosa, respeitando as características de cada faixa etária e promovendo um encontro genuíno da criança com Cristo.

3. ESTRATÉGIAS PARA UM AMBIENTE SEGURO E INCLUSIVO

O abuso infantil constitui uma das maiores ameaças ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes dentro da igreja, comprometendo não apenas sua segurança física, mas também seu crescimento emocional, psicológico e espiritual. Infelizmente, dados oficiais mostram que muitas situações de violência, inclusive sexual, ocorrem dentro de instituições religiosas e envolvem figuras de autoridade, o que evidencia a vulnerabilidade de crianças e adolescentes mesmo em espaços tradicionalmente considerados seguros. Conforme análises da Agência de Segurança Pública, entre 2016 e 2018, foram registradas 462 denúncias de violações cometidas por líderes religiosos, sendo 167 casos de violência sexual, mostrando que o abuso pode ocorrer tanto na igreja quanto na própria casa da criança.

Diante dessa realidade, é imprescindível que o ministério infantil priorize ações de prevenção e combate ao abuso, estabelecendo políticas claras de proteção, capacitação de líderes e voluntários e vigilância constante das atividades. Somente a partir do reconhecimento da gravidade do problema é possível garantir que a igreja se torne um ambiente seguro, acolhedor e inclusivo, promovendo um crescimento espiritual saudável para todas as crianças.

Para que a igreja cumpra sua vocação de refúgio seguro, é necessário adotar estratégias concretas e proativas que garantam proteção integral e inclusão. Isso vai além da estrutura física, envolvendo a capacitação de pessoas, a efetivação de políticas claras de proteção e uma cultura de vigilância e cuidado. Percebe-se que existe uma dissonância entre o sagrado e a violação dentro do contexto religioso, pois instituições religiosas, em sua essência e discurso, são frequentemente apresentadas como baluartes de moralidade, acolhimento e proteção, especialmente para crianças e adolescentes.

Para Richards (1989, p.65), “Os líderes da igreja são escolhidos entre os que, além de conhecer e saber ensinar a verdade, são capazes de serem exemplos”.

O ideal projetado é o de um ambiente seguro, onde a fé e os valores espirituais nutrem o desenvolvimento saudável. Contudo, uma análise crítica e a observação de dados da realidade brasileira revelam que esses mesmos espaços e figuras de autoridade podem se tornar cenários de graves violações de direitos, incluindo violência e abuso sexual infantil.

Essa contradição representa um desafio profundo não apenas para o ministério infantil, mas também para a comunidade de fé e para toda a sociedade que deposita confiança nas instituições religiosas. A confiança inerente à figura do líder religioso – seja ele pastor, padre ou outra denominação – cria uma dinâmica de poder que, infelizmente, pode ser explorada para fins nefastos. A vulnerabilidade infantil, combinada com a áurea de santidade e autoridade moral atribuída a esses líderes, pode dificultar a percepção do abuso, o relato por parte da vítima e a crença por parte de familiares e da comunidade.

Os locais onde essas violações ocorrem desafiam a noção de santuário. Segundo dados do Disque 100 analisados pela Agência de Segurança Pública, igrejas e templos figuram como o local mais frequente das violações envolvendo líderes religiosos, seguidos de perto pela própria casa da vítima. Isso indica que o perigo não reside apenas em espaços externos, mas permeia os ambientes considerados mais sagrados e seguros pela comunidade. A constatação de que o abuso pode ocorrer dentro dos muros da igreja ou por figuras centrais da comunidade religiosa, exige uma reflexão profunda sobre os mecanismos de controle, formação de líderes e voluntários, com políticas de proteção infantil adotadas (ou negligenciadas) por essas instituições.

O ministério infantil é um aliado fundamental para tornar a igreja um ambiente seguro e inclusivo. A proteção transcende o espaço físico, residindo no comprometimento de pessoas responsáveis e engajadas no acolhimento, segurança e inclusão de todas as crianças, incluindo as atípicas. A formação de uma equipe preparada é essencial não apenas para a prevenção de abusos e violência, mas também para identificar sinais de negligência ou sofrimento que possam afetar o desenvolvimento infantil.

É fundamental investir na formação e capacitação contínua de líderes e voluntários do ministério infantil. Esses treinamentos devem abordar temas como: desenvolvimento infantil, identificação de sinais de abuso e negligência, protocolos de segurança, como nunca deixar um adulto sozinho com uma criança, procedimentos para denúncias e conhecimento em primeiros socorros.

Afirma Candieiro (2013, p. 7) “Sobre a vulnerabilidade das crianças e a falta de preparo de muitas igrejas; muitas vezes, os líderes e responsáveis não sabem como agir, nem o que fazer, em situações como abuso e violência contra a criança”, Dessa forma, é necessário adotar protocolos claros, sobre o caminho a seguir e quais pessoas e instituições devem ser acessadas. A prevenção, segundo a autora, é o melhor caminho, e isso passa pela criação e divulgação de políticas claras de proteção à infância dentro da comunidade de fé.

Essas políticas devem incluir códigos de conduta para todos que trabalham com crianças, processos de verificação de antecedentes (quando legalmente possível e apropriado) e canais claros e seguros para que crianças e adultos possam reportar preocupações ou incidentes.

O estatuto da criança e do adolescente - ECA - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 Art. 3º declara: “A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”.

4. PREVENÇÃO E COMBATE AO ABUSO DE CRIANÇAS NO MINISTÉRIO INFANTIL

A igreja como voz e refúgio, deve ser reconhecida como um lugar onde as famílias encontram apoio e acolhimento, isso implica posicionar-se ativamente em favor dos indefesos, como exorta o pastor Carlos Queirós (2008, p. 13): “A atitude de proteção e cuidado com as nossas crianças é muito mais do que um significativo gesto de amor e justiça para com elas, é uma questão de compromisso com o Deus Eterno, Pai e protetor de toda criança”. Ignorar ou silenciar diante da violência, especialmente quando ocorre dentro do próprio ambiente religioso, se calar e omitir para evitar escândalos é compactuar com a injustiça.

É preciso que a igreja reconheça o valor intrínseco de cada criança, como Jesus demonstrou (Mateus 18:1-4). Elas precisam ser vistas, ouvidas, valorizadas e protegidas, promover uma cultura de paz, compaixão, justiça e igualdade, por meio de ações práticas, estudos bíblicos e reflexões sobre posturas equivocadas.

A igreja deve ser um espaço onde o bem vence toda forma de mal, garantindo que as crianças não apenas aprendam sobre o amor de Deus, mas o experimentem em um ambiente seguro e acolhedor.

Como discutido nos tópicos anteriores, a igreja tem um papel central na formação espiritual das crianças, atuando em parceria com os pais. No entanto, situações de abuso ou negligência constituem um obstáculo grave nesse processo, comprometendo a confiança da criança, dificultando seu desenvolvimento emocional e prejudicando o vínculo com a comunidade de fé.

O abuso, seja ele físico, (sexual) ou psicológico, destrói pontes que poderiam fortalecer a relação da criança com a igreja e com Deus, evidenciando a urgência de ações específicas para prevenir e combater tais situações.

É fundamental que a igreja não se limite a protocolos e capacitação já mencionada, mas que também desenvolva uma cultura de vigilância e cuidado contínuo e preventivo, em que líderes, voluntários e famílias compreendam a gravidade do abuso e suas consequências de longo prazo, como observar mudanças comportamentais nas crianças, identificar sinais sutis de sofrimento emocional, garantir que denúncias ou suspeitas sejam tratadas com seriedade, rapidez e confidencialidade.

Além da prevenção, é crucial que o ministério infantil adote medidas educativas que fortaleçam a consciência das crianças sobre seus direitos, limites e formas de se proteger. Atividades lúdicas, palestras e diálogos adaptados para cada faixa etária, ajudam a capacitar os pequenos, tornando-os participantes ativos na sua própria segurança e criando um ambiente em que possam confiar e se expressar livremente.

Portanto, prevenir e combater o abuso, é mais do que adotar práticas e protocolos de política de segurança ou de treinar pessoas; vai mais além, como construir uma cultura de proteção e responsabilidade que permeie toda a comunidade de fé. A igreja que assume essa missão contribui para formar crianças emocionalmente seguras, confiantes em sua fé e capazes de experimentar o amor de Deus de maneira íntegra e protegida. Assim, o ministério infantil cumpre plenamente seu papel ao promover um ambiente seguro, inclusivo e verdadeiramente transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar os desafios e propor estratégias para o ministério infantil na igreja local, com ênfase na responsabilidade compartilhada entre família e igreja, nos fundamentos bíblicos para a educação infantil e na urgente necessidade de criar ambientes seguros e inclusivos.

A pesquisa bibliográfica, aliada à análise de dados sobre a realidade brasileira, permitiu aprofundar a compreensão da complexidade que envolve a formação espiritual e a proteção das crianças no contexto eclesial.

Confirmou-se que a responsabilidade pela formação espiritual infantil é primariamente dos pais, que devem oferecer o exemplo e a instrução no lar, conforme orientado pelas Escrituras.

O culto doméstico e a vivência cotidiana da fé são ferramentas essenciais nesse processo. No entanto, a igreja local desempenha um papel de apoio indispensável, complementando o ensino, oferecendo a vivência comunitária da fé e fornecendo recursos e suporte às famílias.

A parceria entre lar e igreja é fundamental para o desenvolvimento integral da criança. A análise dos fundamentos bíblicos e de autores cristãos revelou a alta estima de Deus pelas crianças e a clareza das Escrituras sobre a importância de

ensiná-las nos caminhos do Senhor desde cedo, utilizando métodos que respeitem sua natureza ativa e concreta (Marcos 10:13-16).

A educação cristã visa formar não apenas o intelecto, mas o caráter e a espiritualidade, preparando as crianças para uma vida de fé e valores eternos.

Contudo, a pesquisa também expôs uma realidade sombria e inadmissível, a vulnerabilidade das crianças à violência e ao abuso, inclusive dentro de instituições religiosas. Os dados apresentados, embora limitados e subnotificados, indicam que líderes religiosos podem figurar entre os agressores e que os próprios espaços eclesiais podem se tornar locais de violação de direitos. (AGÊNCIA PÚBLICA, 2019; BRASIL, 2023).

Essa dissonância entre o ideal de proteção e a realidade do abuso exige uma resposta firme e proativa das igrejas. Respondendo à questão central – "Como fazer da igreja um ambiente de ensino cristão seguro e inclusivo para a criança a partir do ministério infantil?" – conclui-se que é necessário um compromisso multifacetado. Isso envolve investir na capacitação rigorosa de líderes e voluntários, adaptar ações de políticas claras e robustas de proteção à infância com protocolos de segurança bem definidos, promover uma cultura de transparência e vigilância, criar canais seguros para denúncias e, acima de tudo, posicionar-se inequivocamente contra qualquer forma de abuso, garantindo a responsabilização dos agressores e o acolhimento das vítimas. (CANDIEIRO, 2013).

A igreja deve ser de fato, um lugar seguro onde as crianças não apenas aprendam sobre o amor de Deus, mas o experimentem concretamente através do cuidado, respeito e proteção oferecidos às famílias da comunidade de fé. O sucesso do ministério infantil, portanto, não se mede apenas pela qualidade do ensino bíblico ou pela inovação metodológica, mas fundamentalmente pela capacidade da igreja em garantir um ambiente onde cada criança possa florescer em segurança, sentindo-se valorizada, protegida e amada, refletindo assim o coração do Pai. (QUEIRÓS, 2008).

Portanto, conclui-se que a transmissão da fé e de valores cristãos, requer intencionalidade, continuidade e parceria entre família e igreja, ao assumirem conjuntamente a missão na construção de uma herança espiritual sólida, contribuindo para formação de crianças e adolescentes fortes diante dos desafios contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA PÚBLICA, 24 jun. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/06/disque-100-registrou-167-denuncias-de-violacao-sexual-praticada-por-lideres-religiosos-em-tres-anos/>. Acesso em: 2025.

BÍBLIA. Português. **Bíblia da Mulher**: leitura, devocional e estudo. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BRASIL. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**. Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contracriancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>. acesso: 2025.

CANDIEIRO, Terezinha Ap. de Lima. **Cartilha Minha Igreja, um Lugar Seguro para as Crianças**. Rio de Janeiro: JMM, 2013.

CHAPMAN, Gary, Ross Campbell: **As Cinco Linguagens do Amor das Crianças**. 2º ed., ed. Mundo Cristão, trad. Maria Emília de Oliveira, São Paulo, 2017.

COLEMAN, William L. **Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos**, Curitiba: Betânia. 2017.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. ed. Sextante, RJ, 2003.

GUERRA, Alexandra. **Infância, o Melhor Tempo para Semear**. Ed. Betânia, BH, 2006.

KLEIN, Remi: **A-criança e a narração**. Acesso-20-05-25, <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/137/169>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. Ed. 6, São Paulo, Atlas, 2006.

LOPES, Hernandes Dias: **Marcos o Evangelho do Servo de Deus**, ed. Hagnos, SP 2006.

MASTERS, Carlos: **Criança Prioridade Absoluta no Reino de Deus**, Produção editorial Pastoral do menor, São Paulo, 1997.

MORRIS, Leon. **Lucas: Introdução e Comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

PEIXOTO, Hélio. **A Responsabilidade dos Pais na Vida Espiritual dos Filhos**. https://www.heliopeixoto.com/estudos/aresponsabilidade_dos-pais-na-vida-espiritual-dos-filhos/. Acesso em: 2025.

PELT, Nancy L. Van. **Como Formar Filhos Vencedores**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, SP,1996.

RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**, ed. Vida Nova, São Paulo, 1989.

SPURGEON, Charles H. **Pescadores de Crianças**, Shedd Publicações, São Paulo, 2004.

SWEENEY, Chris. Harvard T.H. Chan. **Educação Religiosa Ligada à Melhor Saúde e Bem-Estar Durante o Início da Idade Adulta**. Disponível em: <https://www.hsph.harvard.edu/news/press-releases/religious-upbringing-adult-health/>. 2025.

TOLEDO, G. L.; VIEIRA, T. G. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil, 2011.

TURANSKY, Scott; MILLER, Joanne. Pais Eficazes, **Filhos Responsáveis**.Ed. Mundo Cristão, São Paulo, 2013.

QUEIRÓS, Carlos. **Proteção e Cuidado com as Crianças**. Mãos Dadas, n. 21, p. 13, set. 2008.

WHITE, Ellen, G.: **A Ciência do Bom Viver**, ed, Casa Publicadora Brasileira, São Paulo,2007.

WHITE, Ellen G. **Orientação da Criança**. Casa Publicadora Brasileira, ed.Tatuí, São Paulo, 2008.

METODOLOGIAS DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Um Auxílio Para O Crescimento Intelecto-espiritual Do Cristão

Israel de Mello Ferreira ¹

Prof. Me. Rodrigo Mathias Rangel ²

RESUMO

O presente artigo busca, além de provocar despertar da igreja ao estudo Bíblico e secular, equipar o cristão com as ferramentas da Exegese e Hermenêutica, com vistas ao crescimento intelecto-espiritual e à defesa da fé. A pesquisa desenvolveu-se por meio de revisão bibliográfica, a partir da leitura de livros e artigos relevantes, a fim de fundamentar a análise. Observou-se que as heresias sempre estarão presentes no meio cristão; por isso, é imprescindível o conhecimento e a utilização de ferramentas apropriadas para o estudo das Escrituras. Evidencia-se que o estudo realizado a partir das metodologias de interpretação promove o desenvolvimento e o fortalecimento do cristão. A pesquisa destaca que todo seguidor de Cristo é capaz de aprofundar e proteger sua fé por meio das metodologias interpretativas.

Palavras-chave: Heresias, Crescimento Intelecto-espiritual, Exegese, Hermenêutica, Fé.

ABSTRACT

This article seeks, in addition to awakening the church to the Biblical and secular study, to equip Christians with the tools of Exegesis and Hermeneutics, aiming at intellectual and spiritual growth and the defense of the faith. The research was carried out through a bibliographic review, based on the reading of relevant books and articles in order to support the analysis. It was observed that heresies will always be present in the Christian context; therefore, the knowledge and use of appropriate tools for the study of the Scriptures are essential. It is evident that study based on interpretative methodologies promotes the development and strengthening of the Christian. This study highlights that every Christian is capable of deepening and protecting their faith through interpretative methods.

Keywords: Heresy, Intellectual And Spiritual Growth, Exegesis, Hermeneutics, Faith.

INTRODUÇÃO

Ainda antes da formação do cânon, na época da transmissão oral, já existiam abusos e deturpações no ensino, a exemplo da serpente que distorce a ordem direta de Deus ao homem sobre o fruto do Bem e do Mal. E mesmo após ter

⁷ Graduando em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE), E-mail: israel.ferreira2106@gmail.com

² Bacharel em Teologia com ênfase em exegese (FABAPAR), especialista em liderança e pastoreio (FABAPAR), formação de docentes para o EAD (UNINTER) e em neuroeducação (UNINTER), Mestre em Teologia (FABAPAR). Licenciado em pedagogia (UNINTER) e em Filosofia (UNINTER). E-mail: rev.pr.rodrigorangel@gmail.com

³ Para fins didáticos, os elementos: Espírito, Exegese e Hermenêutica foram descritos separadamente. No entanto, em se tratando do estudo Bíblico, são interdependentes; as duas últimas sempre sob a supervisão do Espírito Santo.

sido transformada em livro, a Palavra de Deus sofre com homens que, abusando dela, promovem todo tipo de mentiras e ensinamentos não ortodoxos com o propósito de autopromoção e enriquecimento sem se importarem com os malefícios, à curto, médio e longo prazo, causados aos que os ouvem e seguem. É fato que a pregação é o principal meio de transmissão das Escrituras e, quando exposta e aplicada de forma correta e sincera, torna-se profunda profecia, conforme afirma o Reverendo Augustus Nicodemus (NICODEMUS. 2023, p. 36).

Muitos, por falta de conhecimento, acreditam que todos aqueles que falam a partir dos textos bíblicos ensinam a palavra de Deus, mas é só olhar para o passado e veremos que os apóstolos, pais da igreja e reformadores, lutaram contra doutrinas e conceitos equivocados fundamentados nas Escrituras. Isso também é visível hoje em diversos púlpitos e igrejas, sejam físicas ou virtuais, levando diversos cristãos, novos e antigos, a perderem-se em um caminho tortuoso, carregando uma fé vazia e antibíblica.

Propõe-se, neste trabalho, ofertar aos cristãos de todas as idades o conhecimento das ferramentas básicas, mas necessárias, para auxílio no estudo dos textos sagrados. Seja pastor ou leigo, todos que fazem uso da Bíblia precisam conhecer, ao mínimo, os alicerces da correta interpretação, Exegese e Hermenêutica; enquanto uma olha para o passado (interpreta) a outra olha para o presente (aplica).

Essas ferramentas facilitarão a escuta libertadora das Escrituras, pois é a verdade quem liberta (João 8.32). Lutero, citado por George, diz que o cristão só é digno de assim ser denominado se ele ouve a palavra de Deus. George diz que a partir do momento que Lutero “ouviu”, estudou, corretamente as Escrituras, entendeu que a doutrina da salvação por ela apresentada destoava do que a igreja ensinava, e agora, sentindo-se livre, Lutero expressa – “o papado soltou-se de mim”. (GEORGE. 1993, p.56, 57).

O apóstolo Pedro, em sua segunda epístola, aconselha a igreja a aprimorar sua intelectualidade – conhecimento – e a desenvolver sua espiritualidade – graça – pois os falsos mestres e ensinamentos, ou um simples entendimento equivocado, sempre estarão presentes na história da igreja e, a única forma do cristão não ser enganado é estudando a palavra de Deus. Isto posto, é importante que o cristão conheça as metodologias de interpretação bíblica que auxiliam no crescimento

intelecto-espiritual; compreendendo, assim, a vontade de Deus e, tornando-se hábil em defender sua fé.

1. CONTEXTO HISTÓRICO

O ensino e estudo da palavra de Deus foi, desde o início, incentivado e orientado com a finalidade de que todo o povo de Israel no Antigo Testamento, assim como a Igreja no Novo, obtivesse conhecimento para viver de acordo com a vontade de Deus e assim não cometer os erros dos outros povos. Esta palavra deveria perdurar através das gerações, e para isso, o próprio Deus as gravou em tábuas de pedra, ordenou que ela fosse transmitida todos os dias a todas as gerações e a inscrevesse em suas mentes e corações.

“Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões.” (Deuteronômio 6.6-9 NVI).

Contudo, a falta de conhecimento e exame dos textos sagrados permitem a ação dos falsos mestres e profetas, assim como acontecia no Antigo Testamento, a exemplo de Balaão e outros, que deturparam as Escrituras, transmitiram supostas mensagens de Deus e causaram danos muitas vezes irreparáveis. Segundo Nicodemus, os falsos ensinamentos devem ser combatidos, pois possuem alto poder destrutivo, tanto para o grupo, igreja, quanto individualmente (NICODEMUS. 2023, p. 47). Nesse sentido, o profeta Oséias alerta a nação de Israel sobre o motivo de estarem em cativeiro: “O meu povo está sendo destruído, pois lhe falta o conhecimento.” (cf. Oséias 4:6 NAA).

Estudar e ensinar corretamente as Escrituras não só proporcionam um relacionamento com o Senhor, como também garante uma vida bem-sucedida (Josué 1.8). Segundo o salmista, o estudo aprofundado da escritura, a ponto de tê-la gravada no coração, auxilia a uma vida santa diante de Deus (Salmos 119.11). Essa prática não era para ser privilégio de alguns, mas todos deveriam conhecer as leis e os líderes tinham a responsabilidade de ensiná-las; o livro de Neemias mostra o momento de grande avivamento na nação de Israel quando Esdras se levanta abre o livro sagrado e passa a ensinar as palavras de Deus a todo o povo (Neemias 8.2-6).

Note que o verso oito mostra não apenas uma exposição efêmera e vazia das Escrituras, senão um estudo detalhado - “Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido.” (Neemias 8:8 NVI) - ou seja, Esdras leu, interpretou e aplicou o texto a fim de que não houvesse dúvidas sobre o texto sagrado.

Infelizmente, de acordo com Nicodemus, os pseudos-mestres sempre se levantam em “nome de Deus” para conduzir as pessoas a caminhos tortuosos com mentiras transvestidas de verdade.

“Os falsos profetas, além de proporem novas doutrinas para a igreja, orientam pessoas em Particular a seguirem certos caminhos na vida, alegando que a diretriz que transmitem a elas lhes foi revelada Pelo próprio Deus, as suas Palavras podem levá-las a tomar decisões que serão extremamente prejudiciais para a sua vida.” (NICODEMUS. 2023, p. 47)

Nos tempos do Novo Testamento, foi contra os fariseus e doutores da Lei que Jesus se levantou, pois segundo o próprio mestre, aqueles viviam uma vida de hipocrisia, distorcendo os mandamentos, ensinando o que as Escrituras não falavam. - “Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los.” (Mateus 23.4 NVI).

E é nesse contexto de falsos ensinamentos que Cristo instrui seus discípulos a não aceitarem tudo que ouvem, antes, que estudem a fundo as Escrituras: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais em ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (João 5.39).

Anos mais tarde, a infante Igreja de Cristo, formada pelos apóstolos e discípulos do Senhor, começa a enfrentar alguns problemas semelhantes aos que permeavam o judaísmo do Antigo Testamento: o sentido dos textos sagrados sendo alterado, dando origem a falsas doutrinas e enganando a muitos, como o próprio Jesus disse que aconteceria (Mateus 24.11). Esse problema impulsionou os seguidores de Cristo a escrever e registrar a história, ensinamentos e tratados apologéticos para derrubar as deturpações e fortalecer a fé dos novos cristãos.

Algumas das heresias da época foram o Gnosticismo e o Docetismo, uma mistura entre fé e filosofias gregas, que “defendiam uma separação entre os mundos material e espiritual, porque para eles a matéria estava sempre identificada com o mal e o espírito com o bem.” (CAIRNS. 2008, p.90) e, segundo a revista Defesa da Fé do Instituto Cristão de Pesquisas, “Cristo, embora parecesse ser

homem, nunca assumiu um corpo; portanto, não foi sujeito às fraquezas e às emoções humanas.” (ICP. Ano 7 - nº11, 2002); o Frei Mariano Diekhans explica, também, que esses negavam a divindade de Cristo e sua obra redentora (DIEKHANS. 1946, p.11).

Os apóstolos combateram fortemente essas falsas doutrinas, além de outras distorções, através do ensino das Escrituras mediante cartas que eram enviadas aos cristãos de todo o mundo. O Evangelho de João, Carta aos Coríntios e 1ª João, são mais que livros, são tratados teológicos em defesa da fé. Enquanto lutavam contra os falsos ensinamentos, os líderes da igreja do primeiro século também orientavam os cristãos a examinar tudo quanto recebiam e reter aquilo que era proveitoso (1ª Tessalonicenses 5.20,21). O Pastor e Teólogo Souza, diz:

“Durante este tempo, não foram poucas as vezes em que houve não só desvios morais, mas também doutrinários entre aqueles que receberam a Palavra. Isto levou os apóstolos a escreverem suas epístolas, que eram verdadeiros tratados, com teores doutrinários, teológicos e apologéticos. Não só as epístolas, mas até mesmo os demais escritos do Novo Testamento apresentam caráter apologético em algum ponto, visando corrigir inverdades históricas e doutrinárias correntes.” (SOUZA. 2015, p.05)

Lamentavelmente, com o passar dos anos a luta e trabalho da igreja em defender sua fé não acabou, se antes muitas falsas doutrinas surgiam de fora para dentro, agora era no meio do seio cristão que as argumentações equivocadas e maquiadas de verdade brotavam, e os pais da igreja precisaram se posicionar para rebatê-las.

Souza argumenta que a Igreja Primitiva teve de lidar com essas intercorrências, desde o período apostólico. Além da extrema perseguição que sofriam a fim de que negassem sua fé, ainda sofriam com “ensinamentos errôneos que comprometiam a mensagem”. Cenário que exigiu dos líderes, em suas respectivas épocas, a necessidade de, concomitantemente à preservação de sua crença, combatessem os ensinamentos heréticos através das Escrituras. (Souza. 2015, p.03)

O gnosticismo reaparece trazendo como ramificação o Marcionismo, fundado por Marcião de Sinope, que defendia uma dualidade entre o Deus do AT e o do NT, “Do lado da Igreja, foram mormente S. Irineu, S. Hipólito e Tertuliano que combateram magistralmente o gnosticismo.” (DIEKHANS. 1946, p.11).

Montano (120 - 180), apesar de se opor ao gnosticismo, diz possuir novas revelações e se identificava como o próprio Espírito Santo. Ário (256-336), presbítero de Alexandria, questionava a unidade da Trindade e colocava Jesus

como um ser criado por Deus, portanto subordinado a ele. Apolinário (≈310-390), bispo em Laodiceia, por um lado discorda da teoria de Ário, no entanto se opunha a completa união das naturezas de Cristo, seu argumento era que “Jesus não tinha um espírito humano. Segundo ele, o espírito de Cristo manipulava o corpo humano.” (ICP. Ano 7 - nº11, 2002). Nestor (≈375-451), patriarca em Constantinopla, dizia existir realmente as duas naturezas, divina e humana, mas que elas não geravam uma unidade, o Logos residia apenas moralmente no homem Jesus, este era hospedeiro do Cristo (ICP. Ano 7 - nº11, 2002).

Cairns registra que os pais da igreja, seja pela escrita ou pela oratória, “construíram uma literatura apologética e polêmica para fazer frente à perseguição externa e à heresia interna. Credos foram concebidos para formular com precisão os fundamentos da fé.” (CAIRNS. 2008, p.60).

Ainda que com o emprego de grandes esforços, as divergências teológicas dentro da Eclésia continuaram, o que culminou no Grande Cisma de 1054, em que as Igrejas do Oriente e Ocidente se separaram, conforme citado pelos escritores Bruno e Daniel no site Areópago:

“Eram de fato dois mundos completamente diferentes, cujo diálogo sempre se revelou difícil e que lentamente, desde o século IV, ambas se afastaram uma da outra. Seria o maior problema o antagonismo político – papa ou rei? Ou cultural e litúrgico – grego ou latim? A teologia também se dividia em diversas querelas desde o Concílio de Nicéia em 325 d.C., sobretudo no que diz respeito à divindade de Cristo. A crise chegou em seu ápice em 1054, quando a Igreja de Constantinopla deixou de aceitar a autoridade de Roma. (Bruno; Daniel. 2021).

Nos anos subsequentes alguns grupos, foram considerados hereges pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) por discordar de várias de suas doutrinas e por combater “a Igreja pela hipocrisia, ganância e luxúria de seu clero e a riqueza e aquisição de terras.” (MARK. WORLDHISTORY. 2019). Dois deles foram os Cátaros e os Valdenses que, segundo o diácono Estevão Bettencourt - “se valiam da Bíblia para apoiar suas concepções errôneas.” (BETTENCOURT. VERIATIS. 2020). A expansão dessas teologias foi possível pela utilização da tradução das Escrituras para a língua vernácula, porém em alguns casos, como os Cátaros, houve interpretações erradas e influência do maniqueísmo em suas doutrinas. Bettencourt detalha alguns pontos que, segundo a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), tornaram os Valdenses hereges:

“os Valdenses (de Pedro Valdo, Pierre de Vaux) apoiavam-se na Bíblia traduzida para o provençal a fim de negar o purgatório, o culto dos Santos,

o serviço militar, o juramento...; só admitiam os sacramentos do Batismo, da Penitência e da Eucaristia.” (BETTENCOURT. 2020)

É importante destacar que a interpretação dos Valdenses não incorria em erro doutrinário, mas era uma afronta direta a fé Católica e, por isso foram considerados hereges pelo clero. Alguns desses temas seriam apontados por Lutero aproximadamente 300 anos mais tarde.

A fim de tentar barrar o estudo do Livro Sagrado por parte dos leigos, a Igreja convoca o Concílio de Toulouse (1229) onde, de acordo com Bettencourt, a tradução das Escrituras para as línguas vernáculas fora proibida, e de igual modo, em 1235, Rei Jaime I emite um decreto proibindo a posse da Bíblia em sua própria língua (BETTENCOURT. VERIATIS. 2020); um artigo sobre concílios ecumênicos diz que não foi uma proibição, apenas uma restrição, porém apresenta o cânon 14 do Concílio que é claro em suas palavras: “Proibimos que os leigos possuam os livros do Antigo e do Novo Testamento, exceto o Saltério e os Ofícios divinos. E em nenhuma circunstância devem ter esses livros em língua vernácula.” (CATHOLICUS. 2025)

Apesar da suposta boa intenção em proibir traduções vernáculas - para impedir supostas falsas doutrinas - a Igreja acaba por fechar a porta de acesso às Escrituras, exceto aquela transmitida em latim nas missas, já que conforme o site Igreja Mãe, a Igreja não é obrigada oferecer Bíblias nas línguas vulgares dos muitos povos, uma vez que ela possui sua própria língua, o velho Latim (IGREJA MÃE).

Membros da própria igreja não aceitaram que assim se fizesse, defendendo que, como orientou o próprio Cristo, as Escrituras fossem examinadas por todos (João 5.39). Estes, a partir dos textos sagrados passaram a apontar como erradas algumas doutrinas da igreja como: autoridade papal e sucessão apostólica, culto aos santos; o que foi rebatido pelo “Sínodo de Oxford (1408) que proibiu a publicação e a leitura de textos vernáculos da Bíblia não autorizados. O mesmo se deu no Sínodo dos Bispos alemães em Mogúncia (1485).” (BETTENCOURT. VERIATIS. 2020).

Alguns dos que se levantaram contra a heresias da Igreja Católica foram condenados como hereges, e receberam pena de morte, como John Hus; ou como John Wycliffe, que foi considerado postumamente como herege, teve seus ossos exumados, queimados e lançados no rio Swift.

O ápice desses acontecimentos se deu em 1516 quando, com o propósito de arrecadar fundos para a construção da Basílica de São Pedro e apoiado pelo Papa Leão X, um homem chamado Johann Tetzel (1465-1519) chega em Wittenberg e começa a pregar a venda de indulgências com a promessa de remover almas do purgatório e perdoar pecados anteriores, atuais e posteriores. (MARK. WORLDHISTORY. 2021). Então um monge Agostiniano, professor de Teologia e sacerdote da Igreja, publica 95 teses com a intenção não de dividir a cristandade, mas de alertar sobre os diversos erros bíblicos e doutrinários promulgados pelo clero, motivo pelo qual foi excomungado da igreja.

Lutero logo se moveu em direção à tradução das Escrituras para o Alemão, facilitando o Livre Exame pelo povo como desejava Wycliffe. Isso fez com que muitas pessoas passassem a segui-lo, uma vez que podiam entender o que a Bíblia falava.

Entre os anos de 1543 e 1565, a ICAR convoca o Concílio de Trento (1543-65) a fim de rebater a chamada Reforma Protestante reafirmando dogmas e tradições; rejeita e proíbe o Livre Exame dos textos sagrados por qualquer pessoa, afirmando que as únicas fontes de fiel entendimento eram a Tradição e o Magistério; também proíbe a propagação do texto bíblico sem a autorização do Bispo diocesano (BETTENCOURT. 2020).

A Reforma proporcionou, dentre outros benefícios ao cristianismo, o acesso às Escrituras que teve a primeira versão impressa do Novo Testamento, do grego para o inglês, em 1525 feita por William Tyndale, que posteriormente foi condenado à morte, estrangulado e queimado como herege por disponibilizar a Bíblia em idioma diferente do latim.

Mesmo após a luta de diversos homens e mulheres, desde as instruções no Sinai, para que a sã doutrina fosse mantida e depois para que fosse de conhecimento e acesso de todos, a história se repete e os falsos mestres, interpretações falaciosas e doutrinas diabólicas continuam a surgir no meio da igreja atual. Homens perversos se levantam todos os dias dizendo possuírem aquilo que Paulo chamou de anátema, uma nova revelação (Gálatas 1.6), o que é explicitado pelo Rv. Nicodemus:

“Deus não instiga um pastor, durante a entrega de um sermão, a revelar coisas novas, mas a reforçar e explicar as antigas, aquelas que ele revelou aos escritores bíblicos e que se acham reunidas no cânon sagrado. Nunca

se dará o caso de Deus levar um pregador a proferir conteúdos que jamais foram ouvidos e conhecidos.” (NICODEMUS. 2023, p. 38)

O livre exame nunca foi uma autorização para a interpretação bíblica conforme a vontade do homem, mas um direcionamento a estudar da forma correta, essa era a proposta de John Wycliffe; o Instituto de História Cristã diz que Wycliffe escreveu cinco regras para o exame e estudo das Escrituras:

“Obtenha um texto confiável, entenda a lógica das Escrituras, compare as partes das Escrituras umas com as outras, mantenha uma atitude de busca humilde e receba a instrução do Espírito.” (Christian History. 1983).

Infelizmente, essas heresias e revelações supostamente recebidas de Deus, segundo Nicodemus, tem gerado novas doutrinas que não possuem base bíblica e ainda ferem os princípios e dogmas já previstos pela Palavra de Deus causando grande perturbação à Igreja de Cristo (Nicodemus. 2023, p. 47).

Assim se forma o cenário atual da Igreja, a palavra se cumpre e doutores do engano lançam suas inverdades sobre a humanidade, enganando e destruindo um número de cristãos cada vez maior, pela falta de preparo conhecimento quanto ao manual único de fé e prática. No entanto assim como no passado, ainda existem alguns Esdras, Joãos, Paulos, Atanásios, Wycliffes e Luteros alicerçados na palavra prontos a enfrentar e combater as doutrinas falaciosas como Paulo disse: “não foram dados com a linguagem da sabedoria humana, mas com provas firmes do poder do Espírito de Deus.” (1Coríntios 2.4 NTLH).

Sendo o estudo uma arte deveras relevante para que se conheça a verdade e assim, permanecer livre da ação dos falsos mestre, é preciso conhecer as metodologias que auxiliarão o estudar correto das Escrituras. Por isso, essas metodologias, Exegese e Hermenêutica, e suas ferramentas serão apresentadas a seguir, para que o cristão saiba como analisar os textos sagrados com bons fundamentos.

2. METODOLOGIAS DE INTERPRETAÇÃO: Exegese E Hermenêutica

O cristão precisa saber se defender das heresias que surgem a cada dia, ação que será possível apenas através do desenvolvimento intelectual mediante o estudo das Escrituras. O escritor Patrick Dugan questiona como será possível utilizar a Bíblia como bússola, se nem mesmo os líderes sabem o conteúdo dela,

que se dirá sobre os crentes leigos (DUGAN. 2012, p. 28), e isso reflete a grande realidade do mundo gospel, seus membros sequer leem a Bíblia e aqueles que a leem provavelmente não sabem como fazê-lo.

Silva, citando o escritor Ziraldo, diz que ler é mais importante que estudar, no sentido de ser necessária a utilização de alguns métodos para que essa leitura seja saboreada, não apenas uma fonte de respostas para perguntas prontas, em que se força o texto a respondê-las ao bel prazer. E segue perguntando: “Sabemos ler a Bíblia? Cada vez que a tomamos nas mãos, lembramo-nos de que a Bíblia é uma obra literária?”, quais os instrumentos utilizados para ler o texto sagrado? (SILVA. 2022, p.23)

Ao fazer uso das Escrituras, o leitor busca saber como o texto o atinge, no entanto é preciso fazer essa busca da forma correta não com vistas ao próprio interesse. O texto possui em si uma intenção original e o autor espera ser compreendido pelo leitor, no caso da Bíblia o autor é o Espírito Santo e não pode haver uma interpretação diferente do que ele propôs. Sobre essa questão Gordon Fee e Stuart afirmam que: “O Espírito Santo não pode contradizer a si mesmo; afinal, foi ele que inspirou a intenção original... certamente deve haver concordância quanto a isto: um texto não pode significar o que nunca significou.” (FEE; STUART. 2011, p. 39).

Infelizmente, os que possuem um pouco mais de conhecimento parecem não estar muito preocupados com a profundidade ou qualidade dos ensinamentos, antes promovem sessões terapêuticas com homilias da Bíblia que, no entanto, não são bíblicas. Rui Ferreira fala sobre esses movimentos, igrejas e pregadores empenhados em falsificar o verdadeiro evangelho em benefício de seus interesses pessoais, e alerta que quem é responsável por enganar pessoas incautas é o diabo (FERREIRA. 2013, p. 135).

Em demonstração ao problema, Gordon Fee conta uma história que vivenciou quando ouvia uma pregação pelo rádio, onde o preletor se utilizou de uma interpretação equivocada de um texto do Novo Testamento, colando um peso espiritual sobre os ouvintes que não existia no texto, e mostra sua preocupação com os crentes mais simples, pois se aqueles torcem e interpretam de forma errada, o que resta para estes que quase não tem acesso:

“Se é assim que pregadores bíblicos famosos lidam com o texto bíblico - perguntei a mim mesmo - que esperança existe para o crente comum, que tem bem pouco tempo para o estudo, e que ouve que os textos significam

algo bem diferente daquilo que o próprio Paulo estava dizendo aos coríntios?” (FEE et al. 2012, p. 11).

São por estes motivos que se faz imprescindível que todo cristão saiba ler e estudar as Escrituras de forma correta e intencional, não necessitando obrigatoriamente de formação acadêmica teológica para isso, embora seja excelente possuir tal formação, o texto bíblico não pode, segundo Wegner, se tornar um assunto apenas de e para teólogos (WEGNER. 1998, p. 13).

Existem duas metodologias de interpretação muito utilizadas na literatura, tanto na secular quanto na sacra, trata-se da Exegese e Hermenêutica, que apesar de soarem como termos do mundo científico, Wegner, expressa que a finalidade dessas técnicas precisa ser pública e popular, com o intuito de não só “respaldar, confirmar, alimentar e animar”, mas, também para fundamentar ou corrigir “expressões e convicções de fé” (WEGNER. 1998, p. 13).

Sobre a boa interpretação, Fee e Stuart manifestam que o seu objetivo fim deve ser o de alcançar o sentido correto do texto; e quanto a importância de saber fazê-la, seguem:

A primeira razão por que precisamos aprender como interpretar é que todo leitor - quer queira, quer não – é ao mesmo tempo um intérprete; ou seja, a maioria de nós assume que, quando lemos, também entendemos o que lemos. (FEE; STUART. 2011, p. 24)

Ainda em outro livro, mas sobre o mesmo assunto, Fee diz que todo leitor carrega em si uma bagagem de informações “culturais, lexicais, muitas vezes sem terem conhecimento disso”, e afirma que a questão principal nessa prática, a interpretação bíblica, é se é realizada de forma correta. (FEE et al. 2012, p.13)

Patrick Dugan também expressa sua preocupação ao dizer que, com o desejo de verificar a veracidade de uma doutrina, a prática de interpretar os textos sagrados deve ser revestida de responsabilidade, pois as suposições não podem ser fundamentadas em “textos curtos, isolados, pinçados do contexto.” (DUGAN. 2012, p. 38)

É necessário, então, definir o que são essas metodologias a fim de compreender como funcionam e quais ferramentas oferecem para que o leitor e estudante tenha condições de manter-se fiel quanto ao exercício da interpretação dos textos sagrados, assim como ser capaz de analisar a fidelidade das mensagens a que se expõe no dia a dia. Fee e Stuart resumem da seguinte maneira:

Em primeiro lugar, é necessário escutar a Palavra que eles ouviram; você deve procurar compreender o que foi dito a eles lá e antigamente

(Exegese). Em segundo lugar, você deve aprender a ouvir essa mesma Palavra aqui e atualmente (Hermenêutica). (FEE; STUART. 2011, p. 30,31)

Wegner lança do dicionário Aurélio para descrever o significado dos termos, o qual define a Exegese como “comentário ou dissertação para esclarecimento ou minuciosa interpretação de um texto ou de uma palavra”. O autor complementa com o sentido a partir do seu original grego “que tanto pode significar apresentação, descrição ou narração, como explicação e interpretação.”; e acrescenta que referente ao texto sagrado o sentido sempre será o de explicação e interpretação (WEGNER. 1998, p. 11).

A Exegese dispõe de algumas ferramentas valiosas e de acesso simples para que qualquer que queira obter maior conhecimento sobre a Bíblia possa utilizá-las. Seus dispositivos ofertados auxiliam o leitor a compreender o texto à luz de sua intenção primária. Fee esclarece que a Exegese é responsável por prover o alicerce das pesquisas, uma vez que tem por finalidade responder certas perguntas, como: “qual a intenção do autor ao escrever?”, “o que ele quis dizer ou ensinar sobre o assunto exposto?” (FEE at al. 2012, p.74). Wegner ratifica as palavras de Fee, dizendo:

A primeira tarefa da Exegese é aclarar as situações descritas nos textos, ou seja, redescobrir o passado bíblico de tal forma que o que foi narrado nos textos se torne transparente e compreensível para nós que vivemos em outra época e em circunstâncias e cultura diferentes (WEGNER. 1998, p.12).

Para que aquelas perguntas sejam respondidas e essas informações sejam obtidas é preciso entender e conhecer o contexto em que o texto foi escrito e no qual o escritor estava inserido. Tanto Fee, quanto o Kunz, apresentam-nas em concordância em seus escritos: Contexto-Histórico - nesse ponto é importante buscar informações sobre Onde e Quando, Por que e Para quem, que desvendará questões políticas, econômicas, culturais, de costume e geográficas as quais envolveram autor e destinatários do texto; Contexto-Literário - aqui inicia-se um exame do texto em si, onde começa e termina o trecho em análise, qual o tipo de texto, o que foi dito antes e depois, o que se procura responder naquele escrito. (FEE; STUART. 2011, p. 31-37; KUNZ. 2008, p. 203-205).

O escritor Chisholm Jr. diz que apenas a partir de “uma análise do pano de fundo histórico-cultural do texto e da sua dimensão literária” será possível alcançar uma interpretação fiel (CHISHOLM JR. 2016, 274), enquanto Fee endossa a importância do contexto-literário, visto que a falta deste gera erros na compreensão

das Escrituras, é preciso ler a Bíblia e entendê-la dentro de seu contexto original antes de aplicá-la nos dias hodiernos (FEE; STUART. 2011, p. 35).

Outra ferramenta apresentada por Fee e Claiton Kunz é a tradução, porém não espera-se que o cristão comum possua a habilidade de trabalhar com os textos em seus originais grego e hebraico, motivo pelo qual deverá buscar auxílio de, segundo Fee, não de uma, mas várias boas traduções para compará-las entre si a fim de não se tornar refém de um único tradutor; sobre qual a melhor tradução, o escritor acima responde que ninguém tem essa resposta, contudo não pode ser baseado em gostar ou não na tradução (FEE; STUART. 2011, p. 43).

São, portanto, as ferramentas exegéticas que guiarão o leitor à essas informações. Embora sejam muitas e algumas até complexas é possível executar um bom trabalho com o que se pode ter em mãos; Fee reconhece que apenas um exegeta hábil é apto a utilizar todos os meios, mas também afirma ser possível fazer uma boa Exegese a partir dos seus próprios recursos e utilizando os produzidos por outros, como: boas traduções, dicionários e comentários da Bíblia. (FEE; STUART. 2011, p. 33-37).

Com isso, seguem quatro passos iniciais da Exegese que nortearão um bom estudo e análise das Escrituras: busque o contexto histórico e cultural em que o texto está inserido; delimite o trecho a ser estudado, separe os assuntos verificando possíveis ligações contextuais anteriores e posteriores; utilize quantos comentários Bíblico puder, comparando as visões de cada autor; tenham em mãos boas versões de traduções da Bíblia, isso facilitará compreender o sentido do texto.

A irmã gêmea da Exegese é a Hermenêutica, conquanto possuam o mesmo significado, executam funções distintas. Wegner as diferencia da seguinte maneira:

“Contudo, deve-se salientar uma diferenciação: a Hermenêutica bíblica designa mais particularmente os princípios que regem a interpretação dos textos; a Exegese descreve mais especificamente as etapas ou os passos que cabe dar em sua interpretação.” (WEGNER. 1998, p.11).

Portanto, enquanto a Exegese provê um arcabouço de informações que envolvem a época em que o texto foi escrito, a Hermenêutica se ocupa em interpretá-la para o aqui e agora. Aqui reside uma complexidade, apontada por Fee, sobre a Hermenêutica em relação a Exegese, tendo em vista que esta é limitada pelos contextos históricos e literários, existem parâmetros de significado, aquela parece não possuir consenso de parâmetros, o que permite aplicações plurais a um mesmo texto. Ainda revela que, mesmo não tendo conhecimento, “todas as pessoas

‘praticam’ Hermenêutica” de forma inconsciente, motivo pelo qual há “tantas diferenças entre os cristãos” (FEE; STUART. 2011, p. 87).

O problema com a Hermenêutica inconsciente, é que involuntariamente inclui-se o senso comum e aplica-se o que pode do texto a sua situação pessoal, o que gera compreensões diferentes sobre a mesma passagem. Esse tipo de atitude “resulta em muitos tipos de seletividade, ou nos faz contornar certos textos”. Isso ocorre porque, ainda que sem intenção, o cristão leva consigo todo seu saber teológico, costumes denominacionais, regras de cultura e anseios pessoais enquanto lê os textos sagrados (FEE, STUART. 2011, p. 89).

Todo leitor da Bíblia quer entender o que ela significa para sua vida, porém a seletividade Hermenêutica molda o sentido ao agrado do leitor, que entende que foi o Espírito Santo quem o revelou, contudo, este jamais diria algo que nunca disse; deve-se estar alerta a certas aplicações nunca utilizadas antes, uma vez que são elas que dão à luz às seitas e heresias.

Fee et al. (2012, p. 149) amplia o perigo da Hermenêutica seletiva referindo-se às barbáries cometidas na antiguidade:

“É só refletirmos sobre a violência das guerras religiosas, das inquisições e das caças às bruxas de todos os tipos, para vermos a veracidade nessa advertência contra qualquer Hermenêutica que é tão certa, que transforma a verdade numa arma usada para defender o privilégio epistemológico” (FEE et al. 2012, p. 149).

A Hermenêutica em si não possui ferramentas próprias para sua utilização, antes, faz uso das fornecidas pela Exegese para se compor, exceto pela contextualização, logo não é factível produzir uma Hermenêutica saudável (aplicação) sem uma Exegese (pesquisa) fiel.

Então surge a questão: qual a real função dessa metodologia? – Ela orienta que a contemporização do texto se mantenha atrelada ao original, ou, como explicado por Osborne, ela capacita a pessoa a se mover do texto para o contexto, de maneira que a verdade bíblica inspirada por Deus seja tão relevante quanto em seu ambiente primário. (OSBORNE. 2009, p. 27).

Em concordância, Fee e Stuart apresentam duas regras básicas para uma Hermenêutica saudável; a primeira é que o significado do texto para hoje não pode ser aquilo que nunca teria significado para quem escreveu e seu destinatário; e a segunda é que se ao ler o texto a situação dos receptores da época são

semelhantes às do receptor atual, logo o que Deus disse para ele tem de ser o mesmo para hoje (FEE; STUART. 2011, p. 91).

Enfim, são essas as armas disponíveis para a análise e compreensão correta das Escrituras; podem ser utilizadas pelo mais simples membro de uma comunidade, mas o líder tem o dever de utilizá-las. Deve-se lembrar de buscar orientação da principal fonte, o Espírito Santo, que não trará novas revelações, mas auxiliará a compreender aquilo que já foi ensinado; as ferramentas terrenas só não bastam, é o Espírito quem guiará aos tesouros escondidos.

Forma-se, então, a tríade perfeita[3] para o crescimento intelecto-espiritual de todo cristão: o Espírito, a Exegese e a Hermenêutica, com os quais poderá alicerçar sua fé e blindando-se das heresias, falsos mestres e até mesmo de interpretações pessoais equivocadas. A ação dessas ferramentas será o objeto a ser desenvolvido a seguir, mostrando a importância da busca pelo conhecimento da verdade através das Escrituras e o resultado de sua aplicação.

3. CRESCIMENTO INTELECTO-ESPIRITUAL PARA DEFESA DA FÉ

“Ninguém nasce sabendo”. Embora não tenha sua autoria reconhecida, a máxima é verdade e amplamente utilizada e, sua aplicação, é facilmente percebida a partir da infância até a fase adulta quando novos cenários, ao desafiarem o intelecto, reclamam que novas habilidades e conhecimentos sejam adquiridos. Da mesma forma que o ser humano, desde sua tenra idade, necessita desenvolver-se intelecto-socialmente, igualmente o cristão precisa, a contar de seu nascimento na fé, mover-se em direção ao seu crescimento intelecto-espiritual.

Tanto a criança quanto o espiritualmente recém-nascido desenvolvem seu intelecto de forma gradativa, a partir de construções constantes que realiza ao tentar solucionar problemas anteriormente desconhecidos. O psicólogo Piaget em sua obra Psicologia e Pedagogia, explica que o desenvolvimento intelectual do ser humano se dá mediante ações do próprio sujeito de forma sensorial e motora (PIAGET. 1985, p.48). Em complemento, o filósofo grego Aristóteles, trata o intelecto com uma espécie da virtude e segue dizendo que “por via de regra, gera-se e cresce graças ao ensino — por isso requer experiência e tempo.” (ARISTÓTELES. 1991, Livro II, cap 1).

Somando-se às ideias de Piaget e Aristóteles entende-se que há uma relação do sujeito com o meio que o cerca, sendo moldado então pelo ensino que oferece e tanto mais pelo que recebe. Tanto um quanto o outro são responsáveis pela transformação e construção do ser, uma vez que a finalidade do estudo é absorver novos conhecimentos assim como substituir os antigos incorretos também quando se trata do âmbito teológico, que é a proposta deste artigo.

A Bíblia, manual de fé e prática do cristão, é repleta de trechos como “medita dia e noite” (Josué 1.8), “ensina assentado e andando” (Deuteronômio 6.5-9), “dedique-se à leitura...e ao ensino” (1ª Timóteo 4.13), “guarde a lei no coração” (Provérbios 3.1). Esses e muitos outros não têm o caráter de escolha senão de conselho e ordem, pois todos aquele que é cristão precisa conhecer o que professa. Richard Foster, outorga tamanha importância à busca pelo conhecimento que a trata como uma disciplina espiritual capaz de transformar mente e espírito; após citar o texto em que Paulo diz que o crente deve colocar a mente em coisas que edificam (Filipenses 4.8), Foster completa:

“A disciplina do estudo é o instrumento principal para nos levar a “pensar nessas coisas”. Portanto, devemos exultar por não estarmos abandonados aos próprios artifícios e por termos recebido esse meio da graça de Deus para transformar nosso espírito.” (FOSTER. 2007, p.102).

Apenas a exposição constante e estudo intencional dos textos sagrados poderá gerar crescimento espiritual, este, segundo Bridges, é o mesmo que transformação espiritual e que “a palavra de Deus é o principal instrumento que o Espírito Santo usa em nossa vida” (BRIDGES. 2019, p.64). Veja que o cristão não pode desejar um e desprezar o outro, tanto intelecto quanto espírito precisam ser trabalhados e alimentados através das Escrituras se a pretensão for gerar convicções verdadeiras nelas fundamentadas e assim alcançar a semelhança com Cristo. (BRIDGES. 2019, p.73).

É aconselhável que tanto o recém-convertido quanto o que nasceu no ambiente cristão siga essa graduação e busque conhecimento quanto lhe seja cabível, ambos necessitam inicialmente, como diz o escritor aos Hebreus, alimentar-se com o leite espiritual (conteúdos básicos da fé), até que se tornem adultos e possam consumir alimentos sólidos (5.12-14). Em consonância, Dugan orienta que esse momento inicial deve ser aproveitado, contudo o cristão deve continuar a alimentar-se da Palavra e assim crescer e amadurecer espiritualmente até a fase adulta, à semelhança de Cristo (DUGAN. 2012, p.152).

Aqueles que julgam desnecessária ou egocêntrica a busca por conhecimento e sabedoria, ignoram ordenanças como as ditas anteriormente e o exemplo do próprio Cristo que “crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lucas 2.52 ARA).

Outro fator relevante quanto ao estudo é que, qualquer que seja, se provier de fontes e meios íntegros, tem poder de gerar libertação de prisões dogmáticas, enganos enraizados e ilusões doutrinárias, pois o conhecimento da verdade possui essa capacidade libertadora. Foster decreta que, por ignorar o conhecimento, muitos se perdem na caminhada espiritual e alguns são aprisionados por algemas mais pesadas: “o falso ensino”. Pouco antes, o autor declara que as sensações, experiências sobrenaturais ou mesmo “injetar Jesus na veia”, não são capazes de libertar senão o “conhecimento da verdade”, como dito em João 8.32 (FOSTER. 2007, p.102).

Como dito, o conhecimento das Escrituras é a principal ferramenta que o Espírito Santo usa em nossa vida e há algumas maneiras de sorver sapiência bíblica, que podem ser através das pregações regulares, do ensino bíblico dominical, rádio, televisão, internet ou livro cristão. Segundo McGrath, um dos recursos mais valiosos que a igreja tem é a pregação, pois é por meio dela que dia após dia o líder tem a oportunidade de encorajar e alimentar a fé dos salvos. (MCGRATH. 2008, p.330). Já para Bridges, o modo de conseguir contato direto é a leitura ou estudo particular e pessoal dos textos sagrados. Ele diz que nessa leitura provavelmente o cristão leigo não consiga enxergar o mesmo que seu pastor experiente, mas “sua leitura dá ao Espírito Santo uma oportunidade para gravar em sua mente verdades das Escrituras com particular aplicabilidade a você em determinado momento” (BRIDGES. 2019, p.68).

É mediante o alinhar das visões desses dois autores, McGrath e Bridges, que se compreende a importância do estudo das sacro-Escrituras: alimentar a fé, gravar e aplicar os textos. O que é imprescindível para manter-se firme na fé, pois assim como o cristão humilde estuda, interpreta e aprende com a Bíblia, também outro, perverso e corrompido, faz uso da mesma Bíblia para distorcer a verdade movido por egocentrismo e ganância (FEE. at al, 2012, p.154).

A ação de dedicar-se ao estudo da santa Escritura é o escudo que protege a manutenção da fé, pois crer que toda palavra ministrada com utilização da Bíblia é fiel e verdadeira é ingenuidade. Edwards questiona que se o homem natural não

precisa de nada extraordinário para transmitir trechos das Escrituras tanto quanto o faz com assuntos cotidianos, por que seria tão difícil para o Diabo se valer dos mesmos textos para enganar alguém? (EDWARDS. 2018, p.68).

O autor segue explicando que, assim como satanás teve a ousadia de trazer passagens bíblicas à mente do próprio Cristo para o tentar, também teria a ousadia de “evocar textos da Escritura na memória de pessoas iníquas para as enganar”; (EDWARDS. 2018, p.68). Ele ainda afirma que Satanás é capaz de trazer consolo e promessas de forma enganosa a partir da Bíblia:

“ele pode trazer à memória de alguém um texto consolador, pode igualmente fazer isso com mil outros; e pode escolher as passagens da Escritura mais favoráveis aos seus fins e amontoar promessas bíblicas que, de acordo com as perversas aplicações que ele faz delas, costumam afastar prodigiosamente qualquer dúvida surgida e confirmar a alegria e a confiança falsas de um pobre pecador iludido.” (EDWARDS. 2018, p.69).

Se por um lado o diabo tem conhecimento e domina os textos bíblicos a fim de distorcê-los, por outro lado o cristão deve conhecê-la profundamente a ponto de tê-la memorizada na mente e enraizada no coração. Bridges afirma que “Sem dúvida o texto clássico a favor dessa memorização é Salmos 119.11: “Guardei a tua palavra no meu coração para não pecar contra ti” (BRIDGES. 2019, p.69). O próprio Cristo se utiliza dessa ferramenta para combater as palavras mentirosas de satanás e se este faz uso de falácias a partir das Escrituras, Jesus o rebate com a utilização correta da palavra que tinha gravada em sua mente e coração. Bridges afirma que este “não foi um episódio isolado”, vê-se, ao longo dos evangelhos, Jesus recitando as Escrituras sempre que necessário, e se o filho de Deus, precisou estudar os textos sagrados, quanto mais o simples e terreno ser humano.

Voltando à ação perniciosa do Diabo de perverter os textos bíblicos, surge a figura de seus instrumentos de deturpação. Edward diz que os mestres falsos e corruptos fazem mal uso das Escrituras e destroem, não só multidões de vidas, mas igualmente, citando 2 Pedro 3.16, conduzem a si mesmos para a perdição, “os falsos mestres ensinam heresias, agem como seus instrumentos e servos” (EDWARDS. 2018, p.69). Ferreira assevera que “estes líderes não estão pregando a mensagem bíblica genuína, estão falsificando-a por seus interesses pessoais” (FERREIRA. 2013, p.118).

A fim de não ser envolvido nessas mentiras, Dugan, reafirma o apresentado no ponto anterior ratificando que as passagens precisam ser estudadas de forma completa, pois a extração de frases ou versículos de seu contexto original pode

causar pequenos mal-entendidos e até distorções heréticas do texto. (DUGAN. 2012, p.38).

Dessa forma, seguir-se-á, a exemplo dos Bereanos, já citados anteriormente, a partir de alguns versículos pinçados que possuem uma interpretação comunitária diferente de seu sentido primário, uma análise para seu real significado. Para esse propósito serão utilizadas as metodologias e suas ferramentas apresentadas no ponto anterior deste artigo: Hermenêutica e Exegese, traduções do texto bíblico e comentários bíblicos.

4. ANÁLISE

Texto 1

Salmo 23.1 (BKJ) “O Senhor é o meu pastor; nada me falta”

Interpretação e aplicação comuns: O texto é usado geralmente para expressar prosperidade financeira, promessa de receber tudo o que quer ou de que o homem viverá em constante abundância material.

Observação do contexto e comentários: Ao reler o trecho, independente da tradução que se tenha em mãos, não se verá a expressão “terei tudo que quero”, mas sim sobre ter o que é necessário, esse é o primeiro ponto contra a ideia de prosperidade financeira. Os versículos que sucedem apresentam ideias de provisões diárias: água, comida, proteção, descanso e companhia na jornada, como diz o Pr. Hernandes Dias Lopes. (LOPES. 2022, p. 265). O que é confirmado por Wiersbe ao dizer que “Jesus é suficiente para todas as necessidades que suas ovelhas possam ter.” (WIERSBE. 2006, p.133). O comentarista da Bíblia de Estudo Pentecostal é mais severo e explica que a provisão é sobre tudo que for preciso para o cumprimento da vontade de Deus e o contentamento com o que ele der (BEP. 1995, p.833). Então, o que se pode inferir do texto é que estando o cristão sob a dependência de Deus, ele será suficiente e a cada novo dia ele proverá aquilo que for necessário.

Texto 2

Mateus 18.20 (BKJ) – “Portanto, onde se reunirem dois ou três em meu Nome, ali Eu estarei no meio deles.”

Interpretação e aplicação comuns: Trecho muito usado por líderes ou membros comuns quando a reunião conta com um número pequeno de pessoas, significando que independente de quantas pessoas estejam presentes, mesmo um número ínfimo, o Senhor estará ali. E isso é corroborado por Matthew Henry ao dizer que quando Deus quer abençoar ou falar é preciso uma reunião solene, mas, não sendo possível, dois ou três é aceitável, e conclui como segue: “Quando não pudermos fazer o que faríamos, no exercício da religião, devemos fazer o que pudermos, e Deus aceitará” (HENRY. 2008, p.235).

Observação do contexto e comentários: Realmente Deus se faz presente onde estiver “dois ou três”, mas quanto a ter apenas um? Outros textos sagrados mostram que Deus estará presente tanto com um, quanto com vários (cf. Gênesis 28.15 e Mateus 28.20), o que também afirma MacArthur:

“Cristo está sempre presente com o seu povo, mesmo com um crente solitário totalmente separado de outros cristãos por muros da prisão ou por centenas de quilômetros.” (MACARTHUR. 1985, p.1008).

No entanto, ao olhar para a passagem completa, o que se observa é uma sequência de orientações de Cristo aos discípulos quanto à tomada de decisões na igreja e disciplina. Sobre isso, MacArthur explica, com base no contexto, que a necessidade de “dois ou três” é para que sejam testemunhas em um processo disciplinar, a fim de deliberar sobre o arrependimento ou impenitência do que pecou. (MACARTHUR. 1985, p.1008). Os autores Radmacher, Allen e House, concordam com MacArthur explicando que o texto “se refere especificamente à disciplina na igreja. (RADMACHER, ALLEN E HOUSE. 2010, p.54). Logo, a visão correta é que, como o corpo é constituído por membros, ao se tratar de questões doutrinárias ou disciplinares, as decisões precisam ser tomadas por “dois ou três” em acordo reunidos em nome de Cristo para sua glória.

Texto 3

João 10.10 (BKJ) – “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.”

Interpretação e aplicação comuns: O versículo é comumente citado como “o Diabo vem para roubar, matar e destruir...”, atribuindo à satanás o poder de causar danos às “ovelhas” de Cristo.

Observação do contexto e comentários: Apesar de o Diabo ter sim a intenção de enganar e destruir, um olhar atento verá que o texto é continuação do capítulo anterior, um debate entre Jesus e os fariseus após a cura de um cego, como afirma Lopes (LOPES. 2015, p.265).

Jesus introduz, então, duas personagens: o ladrão e o mercenário, que, segundo alguns comentaristas, são os próprios líderes religiosos. O Novo Comentário Bíblico diz que eram os fariseus (RADMACHER, ALLEN E HOUSE. 2010, p.255). O Pr Hernandez, aprofunda e argumenta que os fariseus não entenderam a parábola, pois eles eram o “ladrão e salteador”, uma vez que “seu poder despótico tinha sido conquistado por meios ilegais” (LOPES. 2015, p.268).

MacArthur, em concordância diz:

“Os ladrões e salteadores representam os automeados (cf. Mt 23:2.) líderes religiosos judeus que, fazendo o trabalho do diabo, não o de Deus, escalaram as paredes espirituais do aprisco para tosquiar e matar o povo. Esses líderes foram os últimos de uma longa linha de falsos pastores em Israel.” (MACARTHUR. 1985, p.3447).

Portanto, o ladrão citado por Jesus, são os líderes religiosos, falsos pastores e mestres que não são o Diabo, mas seus leais súditos, que se preocupam apenas em enriquecer às custas da morte espiritual da igreja.

Análise 4

Mateus 7.1 (BKJ) – “Não julgueis, para que não sejais julgados.”

Interpretação e aplicação comuns: Não é incomum ouvir pessoas cristãs e não cristãs utilizando este versículo argumentando que a Bíblia ensina que ninguém deve julgar o erro ou atitudes de outro.

Observação do contexto e comentários: O versículo faz parte de uma lista de ensinamentos de Jesus conhecida como “O Sermão da Montanha”. A ordem para não julgar é específica e caso fosse ampla, contradizeria a ordem do verso 6, uma vez que é preciso efetuar julgamento para “discernir entre cães e porcos dos próprios irmãos” (MACARTHUR. 2019, p.1101) – esse argumento é corroborado pelo O Novo Comentário Bíblico ((RADMACHER, ALLEN E HOUSE. 2010, p.30). Wiersbe cita ainda os versos 15-20 como prova de que “Todo crente tem obrigação de testar os outros pelos frutos que produzem” (WIERSBE. 2006, p.36).

Logo o texto, levando em consideração a orientação de “tirar primeiro a trave do próprio olho” e o termo “hipócrita” (v.5), traz o sentido de, segundo os autores acima citados, não efetuar julgamentos severos, injustos, condenatórios e

com espírito acusador. O próprio texto (vs. 3-5) explica que só é possível efetuar julgamento, com discernimento cuidadoso e justo, se os olhos de quem emite o julgamento estiverem desobstruídos, ou seja, analisar a própria vida e corrigi-la antes de apontar o erro de outro.

5. CONCLUSÃO DA ANÁLISE

Essa rápida análise de alguns versículos é apenas uma demonstração do que se propõe fazer, mas já mostra não ser algo difícil demais, sendo palpável mesmo para o cristão neonato. Com certeza tudo que tem sido apresentado, com fim de auxiliar o novo-convertido ou cristão leigo a fazer crescer e proteger sua fé, espera-se que aqueles que fazem uso da palavra, seja pastor, professor, líder ou mestre o façam com esmero e profundidade a fim de aperfeiçoar sua teologia e desenvolver sua vida espiritual (CHISHOLM. 2015, p.08).

O que foi apresentado nesta última parte mostra que o cristão precisa estar atento à toda mensagem que escuta, e também a toda interpretação que sua mente produz sobre as Escrituras. A atitude mais correta ao se debruçar sobre o texto sagrado é fazê-lo com reverência e humildade. Bridges diz que “temos de nos aproximar das Escrituras todos os dias como crianças pequenas, pedindo ao Espírito Santo que nos ensine” (BRIDGES. 2019, p.80).

É preciso reafirmar a importância da leitura e estudo das Escrituras, para que se conheça a verdade, que como Paulo disse “foi transformada em mentira” (Romanos 1.25), e é por meio da aplicação dessa disciplina que será possível reconhecer as ciladas e vivenciar a libertação que ela produz. (FOSTER, 2007, p.102). Nesse sentido, Dugan afirma que:

“Assim como alguém pode extrair uma frase de uma carta e facilmente provocar um mal-entendido, da mesma forma se tirarmos um texto bíblico do seu contexto podemos distorcer o sentido dele.” (DUGAN. 2012, p 38).

Portanto, os textos precisam ser compreendidos em sua completude, contextos, já que agora as ferramentas básicas para o estudo não são desconhecidas, e assim não incorrer nos erros já apresentados lesionando a si

mesmo e aos que te ouvem. Vale ressaltar que a teologia não é nem deve ser assunto exclusivo aos bancos acadêmicos, mas está presente na vida cotidiana.

Conclui-se que o estudo é a principal ferramenta para o crescimento e evolução das capacidades cognitivas e que as metodologias apresentadas são excelentes para direcionar a uma interpretação correta da Bíblia protegendo mente e coração de serem minados por falsos ensinamentos, produzindo alicerces fortes e firmes para o desenvolvimento da vida espiritual.

Para facilitar a vida e pesquisa do estudante iniciante, segue algumas opções de literaturas que o auxiliarão nessa jornada, além de outros constantes na Bibliografia deste trabalho:

1. Como Entender a Bíblia: Orientações Práticas para a Correta Interpretação das Escrituras Sagradas (ANTÔNIO RENATO GUSSO);
2. Como Estudar a Bíblia Sozinho (TIM LAHAYNE);
3. Como ler a Bíblia livro por livro (GORDON FEE E DOUGLAS STUART) e;
4. Exegese do Novo Testamento: Um Guia Básico para o Estudo do Texto Bíblico (MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo deseja-se que o cristão, tanto o novato como o veterano, carreguem em si o mesmo comprometimento com as Escrituras que os antepassados tiveram, a ponto de, muitas vezes, darem a vida defendendo uma correta interpretação e utilização dela. Assim como o começo da história da Igreja foi marcada por várias heresias, algumas até surgiram de debates honestos, o cristianismo sofre, hoje, com falsos mestres que se apoiam nos textos bíblicos para levarem alguns cristãos à destruição espiritual, psicológica e até física.

A patrística foi fundamental no passado para alinhar os dogmas, desenvolver credos e produzir material teológico suficiente para que a igreja de Cristo tivesse sua fé e doutrina consolidadas e, na atualidade nutrem o cristianismo com um vasto arcabouço ortodoxo.

A Bíblia deve ser o objeto principal de estudo para a vida cristã, pois, como Paulo aconselha a Timóteo, “Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça;” (2ª Timóteo

3.16), logo é útil para cada singular momento. Ela deve ser estudada com dedicação e todo material pode e deve ser utilizado para auxiliar na melhor compreensão da revelação divina.

Duas preocupações surgem dentro da esfera do estudo: o Analfabetismo Funcional e o Bíblico. O primeiro é a incapacidade de utilizar os conhecimentos de escrita e leitura para a interpretação textual; e a segunda é a falta de conhecimento bíblico e sua estrutura básica, causando dificuldade para uma interpretação fidedigna. Embora sejam assuntos importantes, não eram pertinentes para o presente estudo, mas poderão ser tratados em pesquisa posterior com foco direcionado à amenização do problema.

As metodologias de interpretação - Hermenêutica e Exegese - são excepcionais para conduzir o leitor da Bíblia por um caminho correto, uma vez que fazem uso da análise do texto completo (perícopes), contextos histórico, político e geográfico, e de outras ferramentas que lançam luz sobre detalhes, os quais diferenciam uma doutrina bíblica das heresias. O desejo não deve ser uma ideia inédita, mas uma interpretação sadia.

Se o fundamento é sólido e o material de boa qualidade, só pode resultar em uma construção firme e resistente às intempéries. Se o solo é fértil, a semente sã e o adubo nutritivo, a planta crescerá forte, saudável e frondosa. Se o cristão for humilde, com coração sincero, utilizar as ferramentas corretas e entregar-se à direção do Espírito Santo, se tornará um cristão alicerçado, inabalável que dificilmente cairá no engano de ensinamentos pervertidos. Dessa forma, o cristão cresce intelectualmente, pois aprende como ler corretamente os textos sagrados, a absorver apenas o que é bíblico, a buscar informações relevantes e sólidas e faz isso enquanto exercita sua mente memorizando as passagens. Também desenvolve sua espiritualidade, haja vista que, enquanto estuda, o Espírito Santo o atrai à intimidade e assim o leitor passa a conhecer a Deus além das letras no papel.

Enquanto conhece e memoriza a vontade de seu Senhor, o cristão é capacitado a responder sobre sua fé, combater heresias, corrigir falsos mestres e até mesmo cooperar com sua comunidade através do ensino sadio das leis de Deus.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. ÉTICA A NICÔMACO. 4. ed. Tradução de: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BETTENCOURT, Estevão. *A Igreja proibiu a leitura da Bíblia?*. Veritatis Splendor: Memória e Ortodoxia Cristãs, 14 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/a-igreja-proibiu-a-leitura-da-biblia-2/>>. Acesso em: 16 mai. 2025.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Pentecostal. João Ferreira de Almeida, revista e corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA. PORTUGUÊS. Bíblia Online. Sociedade Bíblica Do Brasil. Versão King James (BKJ). Salmos 23. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/bkj/sl/23>>. Acesso em: 18 mai. 2025.

BÍBLIA. PORTUGUÊS. Bíblia Online. Sociedade Bíblica Do Brasil. Versão King James (BKJ). Mateus 18. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/bkj/mt/18>>. Acesso em: 18 mai. 2025.

BÍBLIA. PORTUGUÊS. Bíblia Online. Sociedade Bíblica Do Brasil. Versão Almeida Revista e Atualizada (ARA). Lucas 2. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/ara/lc/2>>. Acesso em: 16 mai. 2025.

BÍBLIA. PORTUGUÊS. Bíblia Online. Sociedade Bíblica Do Brasil. Versão King James (BKJ). João 10. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/bkj/jo/10>>. Acesso em: 18 mai. 2025.

BRIDGES, Jerry. Crescimento Espiritual: como amadurecer em Cristo. Tradução de: Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BRUNO; DAVI. *História da Igreja (Pt. 2) – Período Medieval*. Areópago, 24 fev. 2021. Disponível em: <<https://areopago.teo.br/historia/historia-da-igreja-pt-2-periodo-medieva>>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã*. 2. ed. Tradução de: Israel Belo de Azevedo e Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CHISHOLM JR., Robert B. Da Exegese à exposição: Um guia prático para o uso do hebraico bíblico. Tradução de: Carlos Osvaldo Pinto e Marcos Granconato. São Paulo: Vida Nova, 2016.

Concílios Ecumênicos: história e tradição. Catholicus, 31 mar. 2025. Disponível em: <<https://catholicus.eu/pt/o-concilio-que-quase-proibiu-a-biblia-a-polemica-decisao-que-poderia-ter-mudado-a-historia/>>. Acesso em: 01 mai. 2025.

DIEKHANS, Frei Mariano. HEREGES e HERESIAS. Salvador: Mensageiros da Fé, 1946.

DUGAN, Patrick. NOVE PROVAS DE AUTENTICIDADE CRISTÃ: Você possui as marcas que identificam o verdadeiro cristão?. Belo Horizonte: Betânia, 2012.

EDWARDS, Jonathan, 1703-1758. Afeições Religiosas. Tradução de: Marcos Vasconcelos e Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2018.

FEE, Gordon *at al.* HERMENÊUTICA: uma Abordagem Multidisciplinar da Leitura Bíblica. Santo Amaro: Shedd Publicações, 2012.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. Entendes o que lê?: Um Guia Para Entender a Bíblia com Auxílio da Exegese e da Hermenêutica. 3. ed. Revista e Ampliada. Tradução de: Gordon Chown e Jonas Madureira. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FERREIRA, Rui. Se Cristo e os apóstolos vivessem hoje. Curitiba: A.D. Santos EDITORA, 2013.

FOSTER, Richard J. Celebração da Disciplina: o caminho do crescimento espiritual. 2. ed. Tradução de: Marson Guedes. São Paulo: Editora Vida, 2007.

HENRY, Matthew. Comentário Bíblico Novo Testamento: Mateus a João. Tradução de: Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HERESIAS primitivas. *Defesa da Fé*, São Paulo, ano 7, n. 11, dez. 2002. Instituto Cristão de Pesquisas. Disponível em: < <https://www.icp.com.br/df51materia2.asp> > Acesso em: 15 abr. 2025.

Indulgências. Igreja Mãe. Disponível em: <<https://www.igrejamae.com.br/texto.php?id=249&ss=25>>. Acesso em: 22 abr. 2025.

KUNZ, Claiton André. MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL: Um estudo descritivo. Via Teológica, v.2, n.16 – 2008. Disponível em: <<https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/download/204/281>>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

LOPES, Hernandes Dias. Salmos: O livro das canções e orações do povo de Deus. São Paulo: Hagnos, 2022.

_____. João: as glórias do Filho de Deus. São Paulo: Hagnos, 2015.

MACARTHUR, John F. The MacArthur New Testament Commentary – Matthew. Chicago: Moody Publishers, 1987.

_____. The MacArthur New Testament Commentary – John. Chicago: Moody Publishers, 2007.

MARK, Joshua J. *Cátaros*. World History, 2 abr. 2019. Tradução para o português. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18050/cataros/>>. Acesso em: 6 mai. 2025.

MARK, Joshua J. *Medieval Indulgence & Martin Luther*. World History Encyclopedia, 13 dez. 2021. Disponível em:

<<https://www.worldhistory.org/article/1902/medieval-indulgence--martin-luther/>>
Acesso em: 06 mai. 2025.

MCGRATH, Alister. Apologética cristã no século XXI: ciência e arte com integridade. Tradução de: Emerson Jusiino e Antivan Guimarães. São Paulo: Vida, 2008.

NICODEMUS, Augusto. Profetas: a profecia na Bíblia. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2023.

SOUZA, Eguinaldo Hélio de. História das Heresias Primitivas. Saber e Fé, 2015.

OSBORNE, Grant R. A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de: Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkornes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1976.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne. O Novo Comentário Bíblico NT, com recursos adicionais: A Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. Metodologia de Exegese bíblica. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 2022.

Wegner, Uwe. Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia. São Paulo: Paulus, 1998.

Why Wycliffe translated the bible into english. *Christian History Magazine*: Christian History Institute, n. 3, 1983. Disponível em: <<https://christianhistoryinstitute.org/magazine/article/archives-why-wycliffe-translated>>. Acesso em: 06 mai. 2025

WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento – volume III, Poéticos. Tradução de: Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.

O DESAFIO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA IGREJA LOCAL DIANTE DO AVANÇO TECNOLÓGICO

Kamilla de Assis Coelho⁸

Eduardo Luiz Medeiros⁹

RESUMO

Este trabalho analisa os desafios das relações interpessoais na igreja local diante do avanço tecnológico e da cultura digital. A pesquisa destaca que, embora a tecnologia facilite conexões, ela também promove relações superficiais, isolamento emocional e enfraquecimento dos vínculos comunitários. A partir do modelo relacional da Trindade, fundamenta-se que a essência da vida cristã é vivida em comunhão, algo que as interações digitais não conseguem substituir plenamente. Exemplos bíblicos como Elias e Eliseu, Paulo e Timóteo, e principalmente Jesus com seus discípulos, evidenciam que o discipulado e o crescimento espiritual ocorrem na convivência presencial e intencional. A hiper conectividade, apesar de oferecer acesso a conteúdo e comunicações rápidas, tem gerado consequências negativas como solidão, depressão e ansiedade, afetando principalmente as novas gerações. O trabalho propõe estratégias para a igreja fortalecer a comunhão, como valorizar encontros presenciais, utilizar a tecnologia como ponte e não como substituto, capacitar líderes para atuação equilibrada no ambiente digital e elaborar uma teologia da tecnologia. Conclui-se que a igreja, ao adotar uma postura crítica e missional, pode utilizar os recursos tecnológicos com sabedoria, preservando sua identidade relacional e promovendo um discipulado autêntico. Assim, reafirma-se que o Reino de Deus se manifesta de maneira plena no amor, na presença e na comunhão entre os irmãos.

Palavras-chave: Igreja, relações interpessoais, tecnologia, comunhão, discipulado.

ABSTRACT

This study examines the challenges of interpersonal relationships in the context of the local church amid technological advancement and digital culture. The research highlights that, although technology facilitates connections, it also fosters superficial relationships, emotional isolation, and the weakening of community bonds. Based on the relational model of the Trinity, it is affirmed that the essence of Christian life is lived in communion, something that digital interactions cannot fully replace. Biblical examples such as Elijah and Elisha, Paul and Timothy, and especially Jesus with His disciples, demonstrate that discipleship and spiritual growth occur through intentional and face-to-face fellowship. Hyperconnectivity, while offering access to content and quick communication, has generated negative consequences such as loneliness, depression, and anxiety, particularly affecting younger generations. The work proposes strategies for the church to strengthen communion, such as valuing in-person meetings, using technology as a bridge rather than a substitute, equipping leaders for balanced engagement in the digital environment, and developing a theology of technology. It concludes that the church, by adopting a critical and missional stance, can wisely use technological resources while preserving its relational identity and promoting authentic discipleship. Thus, it is reaffirmed that the Kingdom of God is fully manifested in love, presence, and communion among believers.

Keywords: Church, interpersonal relationships, technology, communion, discipleship.

⁸ Graduando em Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: kamilla.assis.coelho@gmail.com.

⁹ Professor Doutor em História pela UFPR, Pós-graduação em Teologia Bíblica pela Universidade Mackenzie, Bacharelado e Licenciatura em História pela UFPR, Bacharelado em Teologia – FATIN. E-mail: parabolageek@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Desde o princípio, Deus deixou destacado que não era bom para o homem estar só, “O SENHOR Deus disse: “*Não é bom que o homem esteja sozinho. Farei alguém que o ajude e o complete*”. (Gênesis. 2.18). Esse versículo revela a essência relacional da humanidade, criada à imagem de um Deus que vive em perfeita comunhão na Trindade. O ser humano, portanto, carrega em sua natureza o desejo e a necessidade de se relacionar, de pertencer a um grupo e de viver em interação com o outro.

Essa característica relacional se manifesta em todas as esferas da vida: nos laços familiares, nas amizades, nos relacionamentos amorosos, nas conexões profissionais e, especialmente, na convivência do ambiente eclesial. A igreja, enquanto corpo de Cristo, é chamada a ser uma comunidade de comunhão, partilha e cuidado mútuo. Ao longo da história, a vida comunitária tem sido fundamental para o crescimento espiritual, emocional e social dos cristãos.

Entretanto, nas últimas décadas, observamos uma transformação significativa nas formas de se relacionar, impulsionada pelo avanço acelerado da tecnologia. Com o surgimento e a popularização de dispositivos móveis, redes sociais, realidades virtuais, inteligência artificial, Internet das Coisas (IoT), automação e outros recursos tecnológicos, as relações humanas passaram a acontecer, em muitos casos, mais no ambiente virtual do que no presencial.

Esses avanços, apesar de trazerem inúmeros benefícios e facilidades, também apresentam desafios, especialmente no que se refere à manutenção de vínculos interpessoais saudáveis e profundos. Muitas pessoas, embora conectadas digitalmente, vivem em isolamento emocional, sem experiências significativas de convivência e comunhão. O ambiente eclesial, infelizmente, também tem sido afetado por essa realidade. Igrejas locais enfrentam o desafio de manter a unidade e a vivência comunitária em um tempo em que muitos preferem o culto online à presença física, e em que o individualismo tem crescido em meio à cultura digital.

Além disso, o uso constante da tecnologia tem gerado impactos profundos no modo como as pessoas pensam, se concentram e se relacionam. Como aponta o livro *Pirâmide da Sabedoria*, “estudiosos descobriram que a natureza de *junk food* [3] do consumo de informação online está reprogramando nossos cérebros, de

modo que nossas habilidades cognitivas de pensamento cuidadoso e crítico estão sendo corroídas” (2022, p.20). Esse tipo de consumo rápido e superficial afeta diretamente a qualidade das conversas, dos relacionamentos interpessoais e da vida comunitária, inclusive dentro da igreja.

A situação é ainda mais preocupante quando observamos os efeitos entre as novas gerações. O pesquisador Jonathan Haidt destaca que,

“Os adolescentes da geração Z passaram muito menos tempo brincando, conversando, tendo contato com seus amigos e parentes, ou até mesmo fazendo contato visual com eles, o que reduziu suas interações sociais corporificadas e essenciais para o bom desenvolvimento humano” (2024, p.15).

Tal cenário evidencia que a tecnologia, quando mal administrada, contribui para o empobrecimento dos relacionamentos mais fundamentais, o que impacta diretamente a missão da igreja de ser um lugar de comunhão, acolhimento e crescimento mútuo.

Neste contexto, torna-se urgente refletir sobre como a igreja deve se posicionar diante do impacto das tecnologias nas relações interpessoais. Qual deve ser sua postura diante das mudanças sociais e comportamentais que essas inovações têm causado? Como preservar a comunhão, o cuidado mútuo, o discipulado e a vida em comunidade em um mundo cada vez mais digitalizado?

A metodologia utilizada neste trabalho está baseada em pesquisa bibliográfica, que possibilita reunir e analisar diferentes perspectivas já consolidadas sobre o tema.

O objetivo principal é apresentar os desafios das relações interpessoais na igreja local diante do avanço tecnológico, reconhecendo os impactos da cultura digital nas dinâmicas de convivência cristã. Além disso, propõe-se apresentar estratégias práticas que possam fortalecer a comunhão entre os membros da igreja, mesmo em um contexto marcado pela virtualização das interações humanas.

1 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS PARA A VIDA COMUNITÁRIA DA IGREJA

O ser humano, por natureza, foi criado para viver em relacionamento. Contudo, o isolamento social pode acarretar diferentes consequências, e a redução da convivência com outras pessoas tem produzido impactos relevantes. Estamos

percebendo cada vez mais, os efeitos que o distanciamento, e conseqüentemente o que essa separação tem causado nas novas gerações. Pois percebe-se que estão trocando os relacionamentos interpessoais, os encontros em locais públicos, piquenique em parques e saídas com amigos por encontros virtuais, grupos em redes sociais, inclusive encontros religiosos estão ganhando cada vez mais força no mundo virtual.

A igreja, ao longo de sua história, tem encontrado na vida comunitária um aspecto central de sua essência, pois sem essa característica ela acaba perdendo parte fundamental da sua identidade. Jesus reforça a importância desse valor ao dizer em João 13.35 “Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos.” Leonardo Boff, em seu livro, *A Trindade, sociedade e libertação*, complementa essa ideia, afirmando que “a Trindade aparece como o modelo para todo o convívio social igualitário, respeitoso das diferenças e justo.” (Boff, 1999, p.23). Desse modo, podemos compreender que a identidade da igreja está profundamente ligada à vivência em comunidade, e que o relacionamento entre as pessoas da Trindade não apenas revela a essência de Deus, mas também serve como fundamento teológico e modelo prático para os relacionamentos cristãos, baseados na igualdade e na comunhão.

Na teologia, o relacionamento trinitário é considerado, apesar de sua complexidade, o principal modelo de convivência relacional a ser seguido. Wayne Grudem oferece um resumo didático sobre o que é a Trindade em sua *Teologia Sistemática* dizendo, “Deus existe eternamente como três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – e cada pessoa é plenamente Deus, e existe um só Deus.” (Grudem, 1999, p.165). Com base nesse conceito, Pedro Pamplona em seu livro, *Como Deus é um e três ao mesmo tempo*, assegura que podemos encontrar pelo menos três verdades inquestionáveis e complementares sobre quem Deus é. Ele diz: “Deus é três pessoas distintas; cada pessoa é completamente Deus em todos os seus atributos e qualidades e só existe um Deus.” (Pamplona, 2023, p.15). No *Comentário Bíblico Expositivo*, escrito por Warren W. Wiersbe, ele aprofunda essa compreensão ao explicar como Deus é um em três pessoas distintas:

“Esse Deus, verdadeiro e único existe na forma de três pessoas: Deus Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo. Isso não quer dizer que um só Deus se manifesta de três formas diferentes nem que há três deuses, mas sim que um Deus existe em três Pessoas, iguais em seus atributos e, no

entanto, individuais e distintas no que se refere a seus ofícios, incumbências e ministérios.” (Wiersbe, 2006, p.10).

Percebe-se assim que apesar da complexidade para compreender a Trindade, é inegável o modelo de relacionamento exemplar que é demonstrado entre eles.

O monge João Damasceno, ao descrever a relação entre as pessoas da Trindade, utiliza o conceito de pericorese. Por meio dele, afirma que o relacionamento trinitário é íntimo, inseparável e harmonioso entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Esse conceito nos permite compreender como as três pessoas divinas vivem em perfeita unidade, amor e compreensão, sem confusão ou divisão, respeitando-se mutuamente.

Pedro Pamplona, ao abordar o termo, esclarece: “a pericorese é uma palavra grega estranha [que] se refere à habitação mútua das pessoas da Trindade, ou seja, que o Pai, o Filho e o Espírito Santo habitam plenamente uns nos outros” (Pamplona, 2023, p.15). Dessa forma, o conceito da pericorese nos mostra como o relacionamento entre as pessoas da Trindade pode servir de exemplo para os relacionamentos humanos.

Ricardo Barbosa completa essa visão em seu livro *O Caminho do Coração*, ao afirmar: “antes mesmo que houvesse qualquer objeto criado para ser alvo do amor divino, Deus já era amor e se relacionava em amor por ser essa a natureza da Trindade” (Barbosa, 2017, p.53). Percebe-se assim, que a igreja tem um exemplo perfeito de relacionamento que demonstra a importância do mesmo.

Dessa forma, a Trindade se apresenta como modelo ideal de relacionamento, oferecendo à igreja um exemplo perfeito de convivência caracterizado por unidade, amor e cooperação. A partir desse modelo teológico, é possível identificar relacionamentos humanos que refletem, ainda que de forma limitada, essa comunhão trinitária e pode-se perceber os benefícios que o relacionamento trouxe para os envolvidos.

Em contraste com os relacionamentos superficiais que têm aumentado na sociedade atual, em grande parte devido à crescente virtualização das interações, podemos perceber que os exemplos bíblicos de Elias e Eliseu, Paulo e Timóteo e Jesus com seus discípulos, revelam relacionamentos profundos, intencionais e transformadores. Elias, ao caminhar com Eliseu, não apenas o formou como

sucessor profético, mas compartilhou com ele sua vida e missão (1Reis 19.19-21; 2Reis 2.1-14).

A relação entre os dois foi marcada por convivência, ensino e fidelidade, permitindo que Eliseu assumisse com autoridade o ministério profético. Esse relacionamento mostra a importância da passagem de conhecimento, maturidade espiritual e continuidade do propósito de Deus através de uma geração para a outra.

De forma semelhante, Paulo reconheceu em Timóteo, não apenas um companheiro de missão, mas um “filho na fé” (1Timóteo. 1.2), com quem compartilhou seu conhecimento teológico, sua experiência ministerial e seus valores. Ao investir na formação de Timóteo, Paulo contribuiu para a edificação da igreja e para a preservação da sã doutrina (Atos 16.1-5; 2Timóteo 2.2). Essa relação entre Paulo e Timóteo destaca como os vínculos profundos podem gerar líderes preparados, maduros e comprometidos com a missão, superando os desafios das gerações e mantendo os princípios da fé cristã vivos.

Outro grande modelo discipulador foi Jesus, que desenvolveu um relacionamento com seus discípulos, investindo na proximidade com eles (Marcos 3.13-15), ensinando-os por meio da convivência diária. Ele dedicou momentos forjando o potencial que via em cada um dos seguidores, separou ocasiões para escutá-los, ensinou através do serviço e do amor, e os considerava amigos (João 15.15). Demonstrando que os queria perto e desejava gastar tempo com eles, tanto como grupo como individualmente.

Partilhou com eles sua vida e, ao final, os enviou para continuar sua missão (Mateus 28.18-20). A formação dos discípulos não foi resultado de encontros esporádicos ou mensagens pontuais, mas de uma jornada vivida em comunidade, com intencionalidade e presença constante durante os três anos do seu ministério terreno.

Esses relacionamentos nos mostram que o crescimento espiritual, a maturidade emocional e o avanço da missão não são frutos de interações rápidas ou distantes, mas do comprometimento geracional, da caminhada conjunta, da troca de experiências vividas. Em síntese, o crescimento e o amadurecimento se desenvolvem no convívio diário e intencional.

Nesse sentido, a igreja do primeiro século deixa um exemplo de como os relacionamentos intencionais e a comunhão são elementos fundamentais para a saúde espiritual e o cumprimento da missão. Em Atos 2.42-44, lemos que os

crístãos perseveravam “na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações”, vivendo unidos, compartilhando recursos e sustentando-se mutuamente. Esse exemplo revela uma comunidade marcada pela proximidade, pelo cuidado e pela prática constante de relacionamentos significativos.

Além disso, o autor de Hebreus exorta os crístãos a manterem o compromisso com a vida comunitária, dizendo: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando de congregar-se, como é costume de alguns” (Hebreus 10.24-25). Esse chamado reforça a importância da presença, do encorajamento que só encontramos quando estamos em grupo, além da comunhão constante para o fortalecimento da fé e para a edificação do corpo de Cristo.

Portanto, à luz das Escrituras, percebemos que o discipulado e os relacionamentos dentro da igreja não são opcionais, mas expressões centrais da vida crístã saudável e missionária.

No entanto, na sociedade atual, muitas pessoas têm investido mais tempo em relacionamentos virtuais com desconhecidos ou em conexões superficiais mantidas por meio de redes sociais, deixando de lado vínculos reais e profundos tanto no dia a dia quanto na igreja. Esse movimento se intensificou durante a pandemia da COVID-19, quando as medidas de isolamento social alteraram significativamente a forma de participação nos cultos.

Segundo pesquisa divulgada pelo Poder Data, em outubro de 2020, 57% dos jovens entre 16 e 24 anos que se identificavam com alguma religião estavam acompanhando cultos pela TV ou pela internet. Esse percentual representa o maior índice entre as faixas etárias pesquisadas (PODER360, 2020). Esse dado mostra como as gerações mais novas se adaptaram com mais facilidade às plataformas digitais. Mas também levanta um alerta sobre o risco de substituição dos relacionamentos interpessoais experimentados no dia a dia por experiências virtuais, que, apesar de acessíveis, tendem a enfraquecer os laços de relacionamentos e o senso de pertencimento à sua comunidade de fé.

Jonathan Haidt em seu livro: *A Geração Ansiosa*, enfatiza a importância de vivenciar a comunidade de forma concreta e duradoura. Ele observa que:

“Quando as pessoas são criadas em comunidades das quais não podem escapar com facilidade, fazem aquilo que nossos ancestrais fizeram ao longo de milhões de anos: aprendem a gerenciar relacionamentos e a

gerenciar a si mesmas e as suas emoções com o intuito de preservar esses relacionamentos tão preciosos.” (Haidt, 2024, p.19).

Brett McCracken reforça a ideia da importância do convívio em comunidade e como ele contribui no desenvolvimento do ser humano. Segundo ele, conviver na igreja nem sempre é fácil, porém são dificuldades que nos ajudam a amadurecer e evoluir como cristãos (McCracken, 2022). Assim, podemos perceber que os vínculos interpessoais, mesmo com seus desafios, são fundamentais para o crescimento integral do ser humano e para a convivência plena da fé cristã.

Isso não quer dizer que as redes sociais, e toda a facilidade de conexão que temos em nossa sociedade seja ruim. O grande desafio da igreja é encontrar o equilíbrio entre as relações presenciais e virtuais. Pois, pode-se afirmar que, além do ambiente físico onde nossas vidas se desenvolvem, atualmente existe também um ambiente digital. Ele não pode ser considerado simplesmente um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens.

Embora a tecnologia tenha facilitado a conectividade, ela não pode substituir totalmente a experiência do corpo, que é fundamental para a vivência da comunhão cristã. A igreja, como o corpo de Cristo, depende do encontro físico para fortalecer os laços de amor, acolhimento e intimidade. A virtualização pode reduzir a qualidade emocional e espiritual das interações. Brett McCracken aponta, “A igreja traz plenitude e foco à nossa compreensão e aplicação da verdade de Deus de maneiras que vão mais fundo do que uma abordagem ‘apenas eu e Jesus’ pode fornecer” (McCracken, 2022, p.107). Embora os cultos e grupos de encontros online ofereçam conveniência, o risco é que, sem o envolvimento físico e a reciprocidade que a convivência presencial proporciona, a comunhão cristã se torne mais uma atividade funcional do que uma vivência transformadora e relacional.

Em seu livro *O poder da amizade: A resposta para um mundo de solidão e discórdia*, John Perkins destaca o valor e a importância dos relacionamentos quando diz:

“Se Jesus, o Deus-homem, que era todo-poderoso e sabia todas as coisas, precisava de amigos e os queria, acho que todos nós precisamos de amigos em nossa vida. Acredito que há um profundo desejo em nosso coração por amizades verdadeiras e significativas.” (Perkins, 2022, p.81).

Diante disso, a igreja é chamada a reafirmar o valor da presença, da escuta e da convivência autêntica, para que os princípios da fé continuem sendo transmitidos de forma viva, prática e relacional fortalecendo assim a relação entre as pessoas.

2 O IMPACTO DA VIRTUALIZAÇÃO DE ENCONTROS NOS RELACIONAMENTOS

Apesar do avanço das tecnologias e da facilidade de conexão digital, a sociedade atual enfrenta uma crescente onda de solidão, depressão e distanciamento relacional. A promessa de maior proximidade oferecida pelas redes sociais tem resultado contraditoriamente em indivíduos cada vez mais isolados e emocionalmente frágeis. Zygmunt Bauman, ao abordar essa questão em sua obra *Amor Líquido*, afirma: “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços” (Bauman, 2021, p.83). Há uma contradição muito grande quando se tem a sociedade mais hiper conectada da história, mas também uma das mais solitárias e emocionalmente fragilizadas.

Embora vivamos em uma era marcada pela ampla conectividade, os dados disponibilizados pelo IBGE revelam uma realidade preocupante. No Brasil a média é de 1,2 smartphones por habitante. Em maio de 2024, o país contava com 258 milhões de aparelhos em uso. A média de tempo que o brasileiro passa usando o celular varia entre 5 e 9 horas de uso por dia, o que significa que, em grande parte do tempo em que estão acordados, permanecem conectados a seus smartphones. Sobre isso, Brett McCracken diz que:

“A geração Z, ou iGen como a psicóloga Jean Twenge os apelidou, está vivendo sua vida em telefones, e ela não está mais feliz. Com suas vidas caracterizadas pela tela onipresente, mensagens e redes sociais a iGen, foi posteriormente definida por taxas crescentes de depressão, solidão, ansiedade, insônia e ideação suicida.” (McCracken, 2022, p.13).

Esta é a geração mais conectada e com o maior acesso a informações da história. Apesar disso, ela está sendo afetada, tanto em seus relacionamentos, quanto em sua saúde, seja física ou emocional.

A questão da saúde mental está em pauta em vários estudos realizados globalmente, pois a situação atual tem gerado grande preocupação para órgãos

educacionais e para a área da saúde, as taxas de doenças mentais, como depressão, ansiedade, automutilação, ideação suicida e transtornos relacionados, têm aumentado de forma alarmante, especialmente entre os jovens. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comparando os anos de 2013-2019 quando foi feita a última análise de saúde mental.

Essas pesquisas afirmam que em 2019, 10,2% das pessoas com 18 anos ou mais de idade confirmaram ter recebido o diagnóstico de alguma doença que afetou sua saúde mental. Os dados ainda mostram que as pessoas com idade de 18 a 29 anos com depressão passou de 3,9% para 5,9%, as com idade entre 30 e 59 anos teve um aumento de 8,8% para 11,3%. A solidão, muitas vezes camuflada pela conexão digital, se tornou um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade moderna.

A fim de compreender de forma mais clara os impactos que os vínculos fragilizados têm causado na sociedade, é necessário entender alguns transtornos e sentimentos mais presentes na atualidade: a solidão, a depressão e a ansiedade. Por isso, é importante refletir sobre o significado de cada um deles e como têm impactado profundamente as relações humanas.

A solidão pode ser compreendida como a experiência de se sentir desconectado dos outros, mesmo quando se está fisicamente acompanhado. Diferente do simples estar só, ou solitude, a solidão é marcada pela ausência de vínculos significativos e pelo sentimento de vazio relacional. Segundo a OMS, a solidão é um fator de risco para diversos problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, e pode ser tão prejudicial quanto hábitos nocivos como tabagismo e sedentarismo.

Um estudo conduzido pelo cirurgião-geral nos Estados Unidos, Dr. Vivek Murthy, autoridade na saúde pública do país aponta que “a solidão representa riscos à saúde comparáveis aos de fumar até 15 cigarros por dia, aumentando em quase 30% o risco de morte prematura, além de estar associada a maiores chances de AVC, doenças cardíacas, depressão, ansiedade e demência” (PBS, 2023). No contexto atual, esse sentimento tem se tornado cada vez mais comum, especialmente entre os jovens, que mesmo altamente conectados, relatam sentir-se sozinhos com frequência.

A depressão, de acordo com a OMS, é um transtorno mental caracterizado por sentimentos persistentes de tristeza, perda de interesse ou prazer em atividades, baixa autoestima, fadiga, alterações no sono e no apetite, entre outros sintomas emocionais e físicos. De acordo com Jonathan Haidt, indivíduos que enfrentam um transtorno depressivo tendem a ter mais pensamentos suicidas, pois experimentam uma sensação de que sua dor é interminável, e enxergam na morte uma forma definitiva de alívio (HAIDT, 2024).

Embora tenha muitas causas, os especialistas apontam que o isolamento social, a falta de apoio emocional e a ausência de relacionamentos significativos são fatores que contribuem diretamente para o surgimento e agravamento da doença. A Organização Mundial da Saúde (OMS), aponta que a depressão ocupa a quarta posição entre as principais causas de impacto negativo na saúde global, sendo responsável por 4,4% da carga total de doenças ao longo da vida.

Quando se leva em conta o tempo vivido com alguma forma de incapacidade, a depressão passa a ser a principal causa, com uma taxa de 11,9%. Ainda segundo a OMS, a condição pode surgir em qualquer idade, e pesquisas indicam que, ao longo da vida, até 20% das mulheres e 12% dos homens podem ser acometidos por essa condição. Nesse cenário de crescente virtualização dos relacionamentos, com vínculos mais frágeis e superficiais, a depressão se manifesta como um sinal de alerta, exigindo da sociedade, uma atenção redobrada ao cuidado com a saúde emocional.

A ansiedade é uma reação natural do corpo diante de situações de perigo ou estresse, mas quando se torna intensa, frequente e desproporcional, configura-se como um transtorno. Embora esteja relacionada ao medo, a ansiedade possui características próprias. Conforme explica Jonathan Haidt, com base no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (MSM-5)*, o medo é uma resposta emocional diante de uma ameaça imediata, real ou percebida, enquanto a ansiedade envolve a antecipação de uma ameaça futura.

Ambas são reações naturais e, em contextos apropriados, podem ser úteis para a sobrevivência e adaptação. No entanto, quando ocorrem de forma exagerada ou prolongada, podem comprometer seriamente a saúde emocional e funcionamento diário da pessoa, exigindo atenção e acompanhamento especializado (HAIDT, 2024).

Segundo a OMS, o Brasil é o país com a maior taxa de pessoas ansiosas no mundo, com cerca de 9,3% da população afetada. Entre os jovens, os números têm aumentado significativamente, especialmente em razão da pressão social, da comparação constante nas redes sociais e do excesso de estímulos digitais. A ansiedade, quando não tratada, compromete a qualidade de vida, prejudica a capacidade de concentração e o desempenho em diversas áreas, inclusive na espiritualidade e na convivência comunitária, fragilizando ainda mais os laços interpessoais.

Diante desse cenário, percebe-se que a solidão, a depressão e a ansiedade não são apenas sintomas individuais, mas sinais de uma sociedade marcada pelo enfraquecimento dos vínculos reais. A ausência de relacionamentos profundos e constantes tem afetado diretamente a saúde emocional das pessoas, revelando a urgência de resgatar espaços de convivência autêntica, acolhimento e cuidado mútuo, tanto na sociedade quanto no ambiente eclesial.

Esses sentimentos e transtornos, quando observados fora do campo conceitual e inseridos na realidade vivida por muitos jovens, tornam-se ainda mais alarmantes. A minissérie *Adolescência* (NETFLIX, 2025) ilustra com profundidade como vínculos fragilizados impactam diretamente a saúde emocional de adolescentes. A trama acompanha Jamie, um jovem acusado de assassinato e detido pela polícia, que se vê sob forte pressão e julgamento.

Embora tivesse uma família aparentemente estruturada e pais presentes, o perigo se infiltrou silenciosamente por meio das redes sociais, mostrando que a vulnerabilidade emocional muitas vezes não está na ausência física de cuidado, mas na falta de percepção sobre os riscos do ambiente digital. Jonathan Haidt alerta para a contradição entre a superproteção no mundo real e o descuido com a segurança no mundo virtual:

“Decidimos que o mundo real apresentava tantos perigos que as crianças não deviam explorá-lo sem a supervisão de um adulto, embora os riscos em decorrências de crimes, violências, motoristas bêbados e da maior parte das outras fontes viessem despencando desde os anos 1990. Ao mesmo tempo, imaginar e exigir formas de protegê-las na internet parecia ser trabalhoso demais, por isso as deixamos vagar livres na terra de ninguém do mundo virtual, repleto de ameaças” (HAIDT, 2024, p.83).

O isolamento, a incompreensão e o medo revelam o peso da solidão vivida por muitos adolescentes, principalmente diante da ausência de relacionamentos

profundos. O vazio relacional retratado no enredo, reflete o que estudos recentes apontam: a ausência de vínculos significativos favorece o desenvolvimento de quadros de ansiedade e depressão.

A série também retrata de forma crítica a comunicação superficial entre adolescentes, baseada quase exclusivamente em emojis, mas que entre eles consiste em um meio de comunicação eficaz. Há ainda entre eles códigos onde informam se podem ou não conversar, se estão ou não com os pais perto ou se até mesmo os seus responsáveis estão com seus aparelhos celulares nas mãos. A utilização de emojis e códigos evidencia a dificuldade de expressar emoções de forma saudável.

Essa linguagem limitada confunde até mesmo o investigador do caso, que não compreende o padrão de comunicação do grupo. Além disso, a produção aborda temas como bullying, exclusão social e pressão nas redes sociais, mostrando como esses fatores agravam sentimentos de solidão e sintomas depressivos. *Adolescência* se torna, assim, uma dramaturgia poderosa de dados e reflexões urgentes na sociedade contemporânea.

Assim como temos visto as consequências da hiper conectividade na sociedade. No âmbito eclesial é necessário estar atento a todos esses agravantes e às implicações que tais fenômenos têm gerado no presente, e ainda mais, ao impacto que poderão causar nas próximas gerações. Eduardo Medeiros em seu livro *Liderança Relevante* destaca a relevância das redes sociais para as novas gerações. Ele afirma: “a interação com o digital é tão intrínseca à vida dos jovens e adolescentes que, ao trabalhar com eles em contextos cristãos, não se pode subestimar o potencial das redes sociais” (2023, p.73). Isso reforça que a igreja não pode ignorar a realidade digital, mas deve discernir como interagir de maneira sábia nesse ambiente.

Essa constatação exige da igreja uma postura equilibrada: compreender a cultura digital em que esses jovens estão inseridos e, ao mesmo tempo, não se render à lógica superficial que ela pode gerar. Nesse cenário, emerge um desafio urgente: como usar os recursos tecnológicos de forma intencional, preservando a essência relacional e formativa do discipulado? Para isso, compreender a cultura digital em que as novas gerações estão inseridas é indispensável, pois, como lembra Medeiros, “entender a cultura [...] é fundamental para traçar estratégias para

alcançá-los” (2023, p.49). Somente com essa compreensão será possível construir estratégias eficazes que unam tecnologia e discipulado bíblico.

Esse desafio se evidencia quando observamos como a profundidade do discipulado tem sido afetada quando migrado para encontros virtuais. Jonas Madureira, em seu livro *O Custo do Discipulado*, aponta que vivemos a era da “síndrome de superficialidade”, na qual o discípulo é levado a ter experiências rasas, sem muitas reflexões teológicas e principalmente sem transformação de caráter. Ele afirma que não há discipulado sem renúncia, indo contra a mentalidade atual que evita o sofrimento e o comprometimento (Madureira, 2019). Essa constatação nos leva a refletir sobre a necessidade de resgatar um discipulado que vá além da tela e promova verdadeira maturidade cristã.

Há principalmente a perda do relacionamento individual, pois a partir do momento em que os relacionamentos se tornam virtuais, há uma perda no sentido de intimidade, confiabilidade e troca de experiência, características estas fundamentais no discipulado. Nesse sentido, Keith Phillips em seu livro *A Formação de um Discípulo* reforça a importância da caminhada no discipulado dizendo:

“o discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros.” (Phillips, 2008, p.20).

Diante disso, pode-se perceber que o discipulado genuíno exige presença, profundidade e compromisso, elementos que não podem ser plenamente alcançados em relações mediadas exclusivamente pelas tecnologias.

Willibaldo Ruppenthal Neto em seu livro *Igreja do Cansaço*, amplia essa crítica ao abordar o fenômeno da “confissão digital”. Segundo ele, esse tipo de exposição nas redes sociais não promove transformação genuína, mas reforça uma aceitação superficial de si mesmo, marcada por uma busca por positividade e fama. O autor afirma que “a confissão digital, não tem como intenção a confrontação, assim como não é fruto de um desejo de cura, mas pela fama” (Ruppenthal, 2024, p.54). Esse tipo de exposição digital, que evita confronto e renúncia, dialoga diretamente com a denúncia feita por Dietrich Bonhoeffer (2016) ao tratar da chamada “graça barata”, aquela que oferece perdão sem arrependimento, batismo sem disciplina e comunhão sem cruz. Para o autor, um discipulado sem custo não passa de uma representação vazia da verdadeira vida cristã.

Essa crítica à superficialidade da fé é ampliada quando consideramos o impacto da lógica digital nas relações humanas e eclesiais. Willibaldo Ruppenthal Neto ao refletir sobre a cultura do desempenho e da quantificação. Ele afirma que vivemos em uma era em que “tudo é tornado enumerável, a fim de poder ser convertido na linguagem do desempenho e da eficiência”. Como consequência, “tudo que não é enumerável, parece simplesmente deixar de ser, perdendo completamente a importância” (Ruppenthal, 2024, p.40). Tal lógica atinge também o discipulado cristão, reduzindo-o, muitas vezes, a métricas de engajamento ou quantidade de encontros, em vez de processos de transformação.

Assim, percebe-se que autores como Jonas Madureira e Keith Phillips enfatizam que o discipulado cristão exige profundidade relacional, presença intencional e transformação de caráter. Estes elementos estão sendo comprometidos quando se adota um modelo superficial e virtualizado de caminhada cristã.

Nessa mesma direção, Ruppenthal e Bonhoeffer alertam para os riscos de um discipulado esvaziado de confronto, renúncia e compromisso, seja por meio da “confissão digital” ou da “graça barata”. Em comum, todos apontam que, quando o discipulado é moldado mais pelas lógicas das redes sociais do que pelos ensinamentos de Cristo, ele perde sua essência e se distancia da proposta bíblica de formação de verdadeiros discípulos.

Esse cenário conduz a um problema subsequente: a crescente sensação de falta de pertencimento nas pessoas. Quando os relacionamentos dentro da comunidade de fé são superficiais, torna-se difícil estabelecer vínculos profundos e significativos, o que enfraquece o compromisso com a igreja local e a vivência plena da comunhão cristã. Esse quadro contrasta com o modelo apresentado em Atos 2.42-47, onde a comunidade cristã primitiva perseverava no ensino, na comunhão, no partir do pão e nas orações, compartilhando tudo com alegria de coração.

Esse exemplo evidencia que o verdadeiro pertencimento nasce de uma vida cristã vivida em conjunto, marcada por intencionalidade, cuidado mútuo e participação ativa. No entanto, o uso intenso da internet e das redes sociais tem contribuído para um cenário de instabilidade na fé, insegurança emocional e mudanças significativas na forma como muitos encaram temas como sexualidade, casamento, filhos e questões relacionadas à identidade de gênero.

Essa realidade, marcada por uma forte ênfase na individualidade e pelo relativismo moral, leva cada pessoa a definir, por si mesma, como deve viver. Assim, como afirma Luiz Adriano Borges “como tem acesso a muitas informações e por não estarem inseridos plenamente em uma comunidade real, acabam construindo e costurando uma visão própria desses assuntos” (Borges, 2024, p.63). Fortalecendo essa visão, Willibaldo Ruppenthal diz “assim, ao invés de aproximar as pessoas, apesar de suas diferenças, a mídia digital nos afasta cada vez mais do outro conduzindo-nos ao extremismo daquilo que pensamos” (Ruppenthal, 2024, p.70). Dessa forma, sem raízes profundas em uma comunidade cristã e guiados por uma construção individualizada da fé, muitos acabam desenvolvendo convicções frágeis e facilmente moldáveis pelos discursos predominantes nas redes.

A ausência de vínculos profundos e o enfraquecimento do senso de pertencimento nas comunidades de fé tem contribuído para um fenômeno cada vez mais comum: a migração eclesial. Muitos cristãos passam a transitar de igreja em igreja em busca de experiências que satisfaçam expectativas pessoais imediatas, frequentemente moldadas por padrões consumistas e pela influência das redes sociais. Em vez de permanecerem em suas comunidades para crescerem em maturidade espiritual, enfrentando conflitos com graça e contribuindo com seus dons, optam por abandonar o compromisso diante das primeiras frustrações.

Tal comportamento revela uma espiritualidade centrada no “eu”, que reduz a igreja a um espaço de consumo religioso e ignora sua natureza relacional. Nesse contexto, Willibaldo Ruppenthal alerta que “quando perdemos a sensibilidade em relação ao outro, nós o reduzimos a um simples número. Ele se torna algo e não alguém” (2024, p.39). Essa lógica de despersonalização enfraquece os laços de pertencimento e impede a verdadeira edificação mútua que a igreja deve promover, tornando-se mais um lugar de entretenimento espiritual do que um espaço de transformação e crescimento coletivo.

É fato que a hiper conectividade tem moldado o comportamento humano, reprogramando o cérebro das pessoas para evitar a espera e buscar gratificação imediata. Nesse contexto, Luiz Sayão (2024), observa que a espiritualidade contemporânea tem se tornado cada vez mais centrada no indivíduo, transformando a igreja em um espaço de consumo religioso, onde as escolhas são motivadas pelo conforto pessoal, em detrimento do compromisso comunitário.

Timothy Keller, por sua vez, reforça essa realidade da igreja quanto ao consumismo religioso em seu livro *Igreja Centrada* ao afirmar que “hoje os indivíduos são ‘consumidores espirituais’ que só vão à igreja se (e enquanto) o culto e a mensagem forem cativantes e atraentes” (Keller, 2024, p.21). Diante dessa realidade, torna-se urgente refletir sobre como a igreja pode preservar sua identidade como corpo de Cristo em um mundo que condiciona as pessoas a buscarem apenas experiências rápidas, agradáveis e personalizadas, esvaziando o sentido profundo da comunhão.

Diante desse cenário complexo, marcado por relações superficiais, fé fragilizada e crescente afastamento da comunidade de fé, se torna evidente que a igreja não pode permanecer indiferente e paralisada. Mais do que nunca, é necessário refletir sobre seu papel e como pode atuar de forma intencional para resgatar a profundidade dos vínculos, fortalecer o discipulado e o senso de pertencimento, características essas que refletem a identidade do corpo de Cristo.

Assim, no próximo tópico, propomos analisar algumas estratégias que podem ser adotadas pela igreja local, a fim de minimizar os danos provocados pela hiper conectividade. Além disso verificar como podemos utilizar as tecnologias disponíveis com equilíbrio e sabedoria, sempre preservando a essência relacional e comunitária que é tão fundamental à vida cristã.

3 ESTRATÉGIAS PARA FORTALECER A COMUNHÃO EM UM MUNDO ALTAMENTE DIGITALIZADO

Os desafios que batem à porta da sociedade hoje não são novidades. Sabe-se que no decorrer da história outros tiveram desafios relacionados à sua época. Para a igreja não é diferente, pois ao analisar a trajetória histórica pode-se observar que a igreja primitiva também enfrentou desafios semelhantes ao que enfrentamos quanto à manutenção dos vínculos e do discipulado à distância.

O apóstolo Paulo por exemplo, como é relatado na carta aos tessalonicenses, diz: “Queríamos muito visitá-los, e eu, Paulo, tentei não apenas uma vez, mas duas (1 Ts. 2.18)”, ou ainda quando deseja ir ver os discípulos em Roma, ele expressa seus sentimentos dizendo: "Anseio vê-los, a fim de compartilhar com vocês algum

dom espiritual, para fortalecê-los... Muitas vezes planejei visitá-los, mas fui impedido até agora... (Romanos. 1.11-13)". Nas ocasiões em que ele era impedido de estar presencialmente com as comunidades que plantou, Paulo recorreu à principal tecnologia de comunicação da sua época: as cartas.

Ao escrever para Timóteo e Tito, Paulo não apenas transmitia informações doutrinárias, mas fortalecia laços afetivos que revelam seu profundo zelo. Isso pode ser visto quando ele dizia a Timóteo: "Lembro-me das suas lágrimas e desejo muito vê-lo, para que eu fique cheio de alegria" (2 Timóteo. 1.4). Já em relação a Tito, Paulo demonstra vínculo espiritual semelhante ao pai e filho na fé, como expressa em suas palavras: "A Tito, meu verdadeiro filho em nossa fé comum: graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador." (Tito. 1.4). Suas cartas revelam zelo, amor e responsabilidade pelo crescimento saudável da igreja.

Mesmo impedido de estar fisicamente presente, Paulo reconhecia o poder da comunicação escrita para edificar a igreja e formar novos líderes, incentivando por exemplo, Timóteo a transmitir os ensinamentos aprendidos a homens fiéis, capazes de instruir outros. A eficácia dessa comunicação gerou resultados, pois podemos perceber a força de suas cartas, descritas como "duras e severas" (2 Coríntios 10.10). Assim, o ministério de Paulo demonstra que a comunicação à distância quando motivada pelo amor e pela responsabilidade espiritual, é uma poderosa ferramenta para o fortalecimento da fé e a continuidade da missão cristã.

O exemplo de Paulo nos convida a uma reflexão madura: a tecnologia pode ser uma ferramenta eficaz para a expansão do Reino e o fortalecimento dos vínculos, desde que seja utilizada com equilíbrio, intencionalidade e sabedoria. Como bem observa Brett McCracken (2022), a tecnologia em si não é intrinsecamente boa nem má; ela se torna aquilo que fazemos dela. Nesse contexto, a igreja pode adotar algumas estratégias importantes para fortalecer a comunhão cristã sem renunciar aos recursos tecnológicos disponíveis.

Em primeiro lugar, é fundamental valorizar e priorizar os encontros presenciais. A comunhão cristã, por essência, se vive no encontro de pessoas: envolve presença, partilha e afetividade. Como aponta Brett McCracken, "a igreja traz plenitude e foco à nossa compreensão e aplicação da verdade de Deus de maneira que vão mais fundo do que uma abordagem 'apenas eu e Jesus' pode oferecer" (McCracken, 2022, p.107). Assim, a igreja deve sempre valorizar e priorizar a presença física de seus membros, evidenciando sempre quais os

benefícios desses encontros, Brett McCracken (2022) destaca que seguir sozinho dificilmente nos levará longe, pois depender da própria autoridade pode resultar em adoecimento espiritual.

Para ele, precisamos de comunidade para amadurecer e crescer em sabedoria, seja através da família, dos amigos, de colegas de profissão ou de outros grupos. Pois a vivência em comunidade não apenas fortalece os vínculos espirituais, mas também oferece apoio emocional e social, funcionando como um antídoto contra o isolamento tão comum na era digital.

Por outro lado, os meios de comunicação digitais podem e devem ser utilizados como meio de integração para membros que, por enfermidade, viagem ou outras limitações, não conseguem estar fisicamente presentes. A tecnologia, nesse caso, atua como uma ponte, evitando o afastamento e fortalecendo o senso de pertencimento. Mas, sempre deixando claro que uma igreja presencial, feita de pessoas reais, pode servir como refúgio daqueles que muitas vezes habitam o mundo digital.

Mesmo que seja desconfortável estar entre centenas de desconhecidos, diferentes uns dos outros, com abraços e cumprimentos muitas vezes desajeitados, a vivência concreta e física da comunidade cristã pode se tornar uma poderosa fonte de verdade e esperança em meio à solidão marcante da era digital. (McCracken, 2022, p.118). Sendo assim, esse contato uns com os outros na igreja mais do que um hábito social é uma expressão concreta de amor cristão, onde a presença se torna sinal de cuidado, compromisso e comunhão.

Outra estratégia importante e fundamental é que a igreja aproveite os ilimitados recursos digitais que se tem como ferramenta de ensino e formação espiritual. As plataformas online podem ampliar o acesso a cursos, palestras e devocionais, alcançando pessoas que, de outra forma, não teriam contato com tais conteúdos, mas sem perder de vista que a formação cristã plena acontece na convivência concreta da comunidade.

Como destaca Tony Reinke (2019), embora a tecnologia facilite o acesso à verdade, ela não pode replicar o amor cristão vivido na comunhão diária. Além disso, Luiz Adriano reforça, “reuniões e aulas online nos deixam cansados e com uma sensação de incompletude. As ligações não são perfeitas, há falhas e ruídos de comunicação, falta de expressão corporal e saímos estafados e tensos” (Borges,

2024, p.117). No entanto, a formação cristã vai além do acúmulo de conhecimento, ela envolve a prática da comunhão, do serviço e do discipulado relacional.

Por isso, a igreja deve combinar a oferta de conteúdos formativos online com o estímulo à participação presencial em pequenos grupos, escolas bíblicas e encontros comunitários, onde a fé é vivida na partilha de experiências e no exercício dos dons espirituais.

O avanço das tecnologias exige que a igreja prepare sua liderança para atuar de maneira equilibrada e intencional também no ambiente digital. Isso envolve a utilização de recursos já disponíveis como videochamada, mensagens instantâneas e redes sociais para acolher, aconselhar e discipular. Contudo, é importante destacar que esse ministério digital não pode substituir a proximidade entre líder e liderado, ou entre os irmãos na fé.

O discipulado cristão sempre foi caracterizado pelo “olho no olho”, pelo cuidado presencial, e essas características são suas marcas distintivas. Como destacou Keith Phillips, “o discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos” (Phillips, 2008, p.20). Assim, a liderança deve estar capacitada para usar as ferramentas digitais de forma eficaz, mas sem perder de vista a importância do acompanhamento presencial, que é fundamental para manter a profundidade dos relacionamentos.

Por fim, a partir de tudo o que foi discutido ao longo do presente artigo, é fundamental que a igreja desenvolva uma “teologia da tecnologia”, compreendida como uma reflexão teológica que leve em consideração os impactos do avanço tecnológico. Nesse sentido, como afirma Francine Walsh, “somos a primeira geração a ter de criar uma teologia da tecnologia, mas vou além: precisamos de uma teologia das redes sociais” (prefácio em Monteiro, 2025, p.10), reforçando a urgência e relevância desse debate no contexto contemporâneo.

Além disso, é necessário pensar em como a fé cristã deve responder a esse fenômeno, reconhecendo tanto os riscos como as oportunidades para o desenvolvimento e amadurecimento dos relacionamentos, de modo a evitar as consequências negativas apontadas. Essa perspectiva já está sendo tratada pela literatura brasileira, com destaque para Adriano Borges e Willibaldo Ruppenthal.

Esses dois autores vêm contribuindo significativamente para a compreensão desse tema, embora não utilizem explicitamente o termo, defendem que a tecnologia não é neutra e influencia diretamente a espiritualidade e a vida

comunitária. Em seus livros, percebe-se o apontamento para a necessidade de discernimento ético e teológico diante da lógica da performance, do consumo digital e superficialidade relacional.

Esse movimento reflexivo demonstra a urgência de ações práticas, diante do desenvolvimento das tecnologias, incluindo a inteligência artificial. Sendo assim, torna-se fundamental que a igreja promova fóruns, seminários e espaços de diálogo e reflexão sobre o uso racional, intencional e ético dessas ferramentas. Instituições como a ABC², especialmente com a frente dedicada à tecnologia, desempenham papel fundamental nesse debate, incentivando uma aproximação responsável entre a fé e a ciência.

Esse discernimento crítico e missional ajudará a comunidade a utilizar as ferramentas digitais de maneira consciente e com ética, reconhecendo que as tecnologias foram feitas para nos servir e não para substituir relacionamentos. Além disso, a igreja é chamada não apenas a utilizar a tecnologia, mas refletir teologicamente sobre ela, discernindo seus limites e potencialidades para a missão cristã.

Portanto, é preciso estar atento ao risco do engano cognitivo e intelectual que as tecnologias podem provocar, moldando nossa visão de mundo de forma sutil e, muitas vezes, inconsciente. Como afirma McCracken (2022), não devemos ser consumidores passivos da tecnologia, mas sim discernir o que nos forma para o bem e o que nos deforma.

Tal discernimento envolve refletir sobre questões éticas, estabelecer limites saudáveis, avaliar o impacto relacional e considerar o potencial missional dos recursos tecnológicos. Assim, a comunidade será incentivada a usar as tecnologias de forma intencional, sempre com a consciência de que o problema não está na ferramenta ou na tecnologia em si, mas sim em quem está no comando dela. Desse modo, as tecnologias poderão ser usadas para glorificar a Deus e servir ao próximo, e não para enfraquecer a comunhão ou comprometer a integridade da missão.

CONCLUSÃO

Diante das análises realizadas, conclui-se que a igreja local enfrenta talvez um dos maiores desafios de sua história: manter e fortalecer os vínculos

interpessoais em um contexto marcado pela hiper conectividade e pelo individualismo. A reflexão teológica sobre a Trindade revela que a essência da vida cristã é relacional, e que a comunhão não pode ser substituída por interações superficiais mediadas por tecnologias somente. Os relacionamentos que foram usados como exemplos de Elias e Eliseu, Paulo e Timóteo e, principalmente, de Jesus e seus discípulos, indicam que o discipulado e o crescimento espiritual acontecem, no serviço e na partilha de vida.

No entanto, não se pode ignorar que vivemos em uma era profundamente moldada pela tecnologia. Ela oferece recursos importantes para a missão da igreja, como a facilidade ao acesso a conteúdos teológicos que ajudam no ensino bíblico e o acolhimento de membros impedidos de estar fisicamente presentes. O exemplo de Paulo, que utilizou as cartas como meio de discipulado à distância, mostra que, desde o início, a igreja soube se adaptar aos desafios comunicacionais.

Contudo, o avanço tecnológico atual também impõe riscos consideráveis, como o enfraquecimento dos vínculos comunitários, o surgimento de relações superficiais e o agravamento de questões de saúde emocional, como solidão, ansiedade e depressão.

Neste cenário, a igreja precisa adotar uma postura de discernimento crítico e missional, compreendendo que a tecnologia, em si, não é nem boa nem má, mas uma ferramenta que pode ser utilizada para glorificar a Deus e ao próximo. As tecnologias nos desafiam a fazer uma leitura crítica da realidade, avaliando não apenas sua utilidade, mas também seus impactos sobre a visão de mundo, nossos relacionamentos e nossa espiritualidade.

Portanto, as estratégias apresentadas ao longo deste trabalho enfatizam a necessidade de valorizar e priorizar os encontros presenciais. Usar as tecnologias como ponte e não como substituto, capacitar a liderança para atuar de forma equilibrada no ambiente digital, e esboçar a elaboração de uma teologia da tecnologia. E assim apontar caminhos possíveis e necessários para que a igreja continue sendo um espaço de comunhão, discipulado e transformação. Pois no final de tudo, não será o algoritmo que definirá o nosso amanhã, nem quantas ferramentas dominamos, mas sim quantas vidas tocamos.

Assim, a igreja não apenas resistirá aos desafios impostos pela cultura digital, mas também dará um testemunho profético e relacional ao mundo, reafirmando que

o Reino de Deus se manifesta de forma plena no amor, na presença e na comunhão entre os irmãos.

O problema apresentado é complexo e contemporâneo, o que dificulta uma resposta conclusiva, uma vez que ainda está em pleno desenvolvimento. Embora os autores citados ofereçam importantes contribuições, as reflexões permanecem abertas e em construção. Carecemos, portanto de estudos mais aprofundados sobre os efeitos do uso das tecnologias, tanto na sociedade em geral, quanto no campo da teologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLESCÊNCIA. Direção: Philip Barantini. [S.l.]: Netflix, 2025. Série. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 23 mar. 2025.

BAUMAN. Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021.

BÍBLIA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2017.

BOFF, Leonardo. A Trindade, sociedade e libertação: uma releitura a partir da fé cristã. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Depressão*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao>. Acesso em: 19 abr. 2025.

GRUDEN, Wayne. Teologia Sistemática Atual e Exaustiva. São Paulo, SP. Vida Nova, 1999.

HAIDT, Jonathan. A geração ansiosa: Como a infância hiper conectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. 1ª ed. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional de Saúde: 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 113 p. ISBN 978-65-87201-33-7. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101764.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KELLER, Timothy. Igreja centrada. Vida Nova. Edição do Kindle, 2024.

MADUREIRA, Jonas. *O Custo do Discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos, SP. Editora Fiel, 2019.

McCRACKEN, Brett. *A Pirâmide da Sabedoria: alimentando sua alma em um mundo pós verdade*. Tradução: David Brum Soares. 1ª ed. São Paulo, SP. Pilgrim, 2022.

MEDEIROS, Eduardo; *Liderança relevante: estratégias e ferramentas para líderes de jovens*. 1. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2023.

MONTEIRO, Jacira. *Hiperconectados: Como a era da informação forma e deforma nossa espiritualidade*. 1ª ed. São Paulo, SP. Editora Mundo Cristão, 2025.

PAMPLONA, Pedro. *Como Deus é um e três ao mesmo tempo*. 1º ed. Rio de Janeiro, RJ. Thomas Nelson, 2023.

PERKINS, John M. *O Poder da Amizade: A resposta para um mundo de solidão e discórdia*. 1ª ed. São Paulo, SP. Editora Mundo Cristão, 2022.

PHILLIPS, Keith W. *A formação de um discípulo*. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.

PODER360. 45% dos que professam alguma fé está acompanhando cultos pela TV ou internet. *Poder360*, 25 out. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poderdata/45-dos-que-professam-alguma-fe-estao-acompanhando-cultos-pela-tv-ou-internet/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

REINKE, Tony. *12 maneiras como o seu celular está mudando você*. Tradução: Tiago C. Santos. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2019.

RUPPENTHAL Neto, Willibaldo. *Igreja do Cansaço: desafios do cristianismo no mundo atual*. Curitiba, PR. Editora Esperança, 2024.

SAYÃO, Luiz Augusto T. *Contextualização e tradição no ministério cristão contemporâneo*. *Revista Teológica*, v. 13, n. 1, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/381787189_CONTEXTUALIZACAO_E_TRADICAO_NO_MINISTERIO_CRISTAO_CONTEMPORANEO. Acesso em: 19 maio 2025.

SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: o sentido da espiritualidade cristã*. 1ª ed. Viçosa, MG. Ultimato, 2017.

STONE, Will. *Loneliness poses health risks as deadly as smoking, U.S. Surgeon General says*. *PBS NewsHour*, 02 maio 2023. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/health/loneliness-poses-health-risks-as-deadly-as-smoking-u-s-surgeon-general-says>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OS DESAFIOS DA IGREJA NA EVANGELIZAÇÃO DA CLASSE ECONÔMICA ALTA NO BRASIL

Emanuelle Passos de Souza¹
Dr. Eduardo Luiz Medeiros²

RESUMO

A pesquisa foca na missão universal da igreja de pregar o evangelho a todas as pessoas, independentemente de classe social, raça ou status intelectual, conforme ordenado por Cristo em Marcos 16:15. O texto destaca que o evangelho é para todos, incluindo aqueles que são materialmente abastados, mas possivelmente sentem um vazio espiritual preenchível apenas por Cristo. O objetivo principal é identificar as barreiras que a igreja enfrenta ao evangelizar a classe alta, uma das populações menos alcançadas no Brasil. Entender o conceito de evangelização como tarefa fundamental da igreja, identificando suas dificuldades em cumprir essa missão e apresentando estratégias eficazes para alcançar os mais ricos da sociedade. A pesquisa utiliza uma ampla gama de recursos, como literatura acadêmica, livros, artigos científicos e plataformas tecnológicas, para investigar profundamente esses desafios. Reconhece-se que, embora haja receptividade entre as classes economicamente carentes, há necessidade de explorar maneiras eficazes de comunicar o evangelho aos mais ricos, enfatizando o papel crucial da igreja em adaptar suas abordagens para incluir todos os estratos sociais na mensagem cristã.

Palavras-chave: Classe Social; Igreja; Evangelho; Economia; Missão.

ABSTRACT

The research focuses on the church's universal mission to preach the gospel to all people, regardless of social class, race, or intellectual status, as commanded by Christ in Mark 16:15. The text highlights that the gospel is for everyone, including those who are materially affluent but may still feel a spiritual void that only Christ can fill. The main objective is to identify the barriers that the church faces in evangelizing the upper class, one of the least reached populations in Brazil. It proposes to conceptualize evangelization as a fundamental task of the church, identify its difficulties in fulfilling this mission, and present effective strategies to reach the wealthiest in society. The research will utilize a wide range of resources such as academic literature, books, scientific articles, and technological platforms to deeply investigate these challenges. It acknowledges that while there is openness among economically disadvantaged classes, there is a need to explore effective ways to communicate the gospel to the wealthy, emphasizing the crucial role of the church in adapting its approaches to include all social strata in the Christian message.

¹ Graduada em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: emanupassos1@gmail.com

² Professor Doutor em História pela UFPR, Pós-graduação em Teologia Bíblica pela Universidade Mackenzie, Bacharelado e Licenciatura em História pela UFPR, Bacharelado em Teologia – FATIN. Professor da Fatebe, E-mail:parabolasgeek@gmail.com.

Keywords: Social Class, Church, Gospel, Economy, Mission.

INTRODUÇÃO

A grande comissão da igreja de Cristo é pregar o evangelho a toda criatura, e dentro desta ordem não há uma determinada classe social, uma raça, idade ou nível intelectual para que o evangelho seja pregado. As escrituras são claras ao comissionar os discípulos “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Marcos 16:15). A missão de todo cristão está em pregar o evangelho a todos, sem exclusão, sem favoritismo, sem preferência.

O Evangelho é para todos, inclusive para as pessoas que tem tudo que precisam materialmente, não lhes falta comida, tudo que desejam está em seu poder de compra e bens materiais não lhe faltam, dinheiro não é ou nunca foi seu problema, porém há um vazio, há uma falta que só pode ser preenchida por meio de Cristo. Os benefícios do evangelho não estão fadados às práticas religiosas, a essência do evangelho é Jesus, o qual nos ensina a viver de acordo com a lei de Deus.

Essa pesquisa visa orientar a igreja em ver suas próprias necessidades e corrigi-las para que o evangelho permaneça em expansão em todas as classes sociais econômicas, também identificar qual seria a melhor forma de expor a verdade do evangelho.

É perceptível a boa recepção que a igreja de Cristo tem ao pregar o evangelho para as famílias carentes, pois há uma acessibilidade maior em oferecer um suprimento às suas necessidades e assim ter a atenção para ouvirem sobre a mensagem da Cruz. Mas, como a igreja pode alcançar as pessoas que visivelmente não teriam uma necessidade física para ser suprida em troca de algumas horas de atenção? Se é um dever o evangelho ser pregado para todos, por que não o falamos também à classe econômica alta da sociedade? Qual é o empecilho para alcançar os ricos dos mais ricos, considerando o fato que é uma das classes menos alcançadas no Brasil?

O objetivo principal desta pesquisa visa propor formas de identificar as principais dificuldades da igreja na conscientização da pregação do evangelho aos mais ricos da sociedade, sendo eles uma das classes não alcançadas no Brasil e,

apresentar a maneira mais eficaz para a igreja anunciar as boas novas a essa classe. Objetivos específicos do presente artigo:

- a) Conceituar a tarefa da igreja - evangelização.
- b) Exemplos Bíblicos e na História da Igreja
- c) Equilíbrio bíblico na economia

Para a realização deste estudo fez-se necessário uma pesquisa aprofundada para investigar os desafios da igreja na evangelização da classe econômica alta no Brasil, usufruindo de toda literatura disponível na biblioteca da instituição, livros, vídeos, artigos científicos, dissertações, teses, sites e plataformas tecnológicas que auxiliem na melhor compreensão e desenvolvimento do tema.

O conhecimento de que os mais ricos dos ricos seja uma classe não alcançada no Brasil é extremamente necessário para que a igreja se prepare para fazer algo em prol da evangelização dos ricos, ao acesso e integração dos membros, identificação e senso de pertencimento ao corpo de Cristo, pregando principalmente o verdadeiro evangelho a todos.

1 A TAREFA DE EVANGELIZAÇÃO DA IGREJA

A grande comissão confiada à igreja por meio de Cristo Jesus, traz uma vasta convicção de amor e compromisso. Em Marcos 16:15 Jesus dá uma ordem: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas”, não restringindo nenhuma classe econômica. Ronaldo Lidório afirma que “a evangelização é dialógica e relacional, uma vez que utiliza processos de conversação, exposição e discipulado que visam ao entendimento da mensagem e à sua aplicação na vida diária” (2011, p.44).

No livro *Evangelho e Revolução Social*, o autor Frei Carlos Josaphat diz “cremos igualmente na fecundidade social do Evangelho, no seu dinamismo criador e restaurador, na sua capacidade de engendrar mundos novos, mesmo e sobretudo quando agonizam velhas estruturas.” (1962, p.5). Ou seja, Frei traz uma ideia de expansão do evangelho, algo que pode se multiplicar a todos os povos e estar em constante movimento.

O evangelho é para todos, independente da classe econômica, é necessário que a igreja se disponibilize para ser usada na tarefa de evangelização. Matheus Ortega comenta sobre sua primeira descoberta e convicção acerca do Evangelho entre os ricos e pobres: “o Reino de Deus aceita tanto ricos como pobres, desde que ambos estejam sujeitos ao mesmo Rei. Nada é impossível para Deus, e aprova a ele aceitar a todos que o seguem de todo o coração, independentemente de sua condição.” (2021, p.37).

Assim, como diz em Marcos 10:23-27:

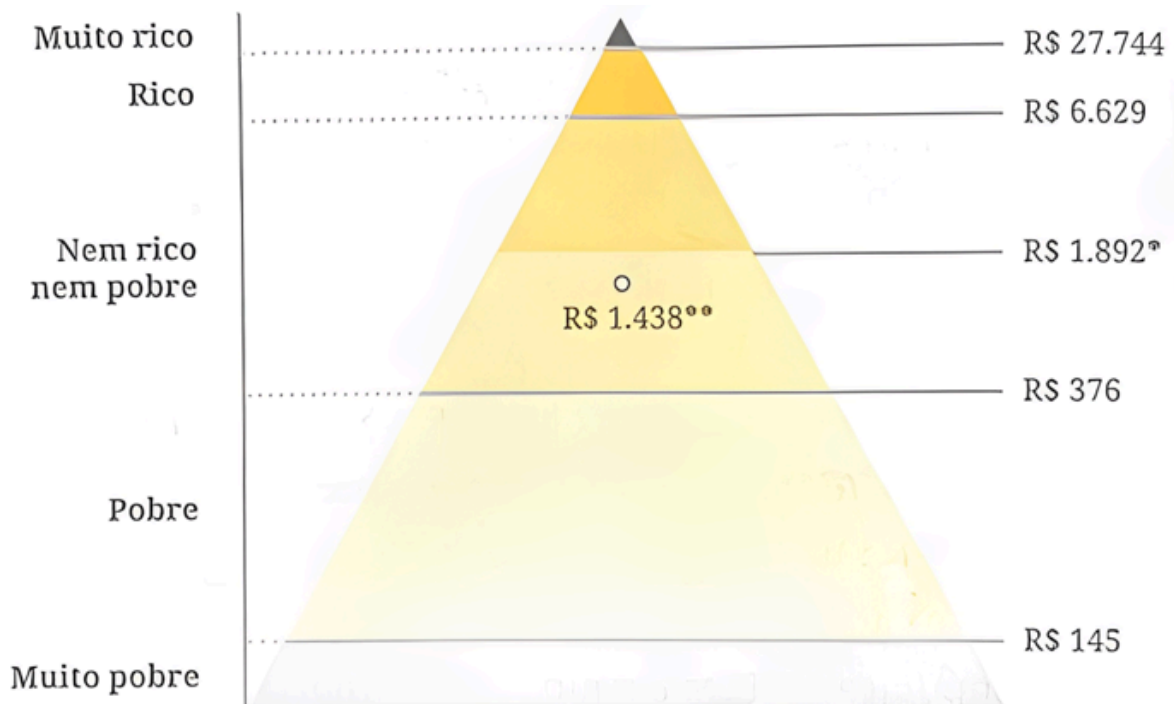
23 Então, Jesus, olhando ao redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! 24 Os discípulos estranharam estas palavras; mas Jesus insistiu em dizer-lhes: Filhos, quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus! 25 É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. 26 Eles ficaram sobremodo maravilhados, dizendo entre si: Então, quem pode ser salvo? 27 Jesus, porém, fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível.

A passagem conta que os discípulos admiraram as palavras de Jesus e se questionaram, afinal: “Quem pode ser salvo?”. É de se admirar que até nos dias atuais muitas pessoas têm dúvidas acerca da salvação para aqueles que possuem riquezas, pois as afirmações de Jesus na Bíblia trazem um nível de dificuldade para que a salvação aconteça, mas em hipótese alguma Jesus diz que um rico não pode ser salvo, neste mesmo versículo Jesus afirma que “para Deus tudo é possível”.

Segundo a Revista Ultimato, na pesquisa de 2014 sobre PNA (Povos não alcançados) é constatado apenas um segmento socioeconômico em destaque como não alcançado pelo Evangelho que são “os mais ricos dos ricos e os mais pobres dos pobres”. As últimas pesquisas nacionais (IBGE 2010, 2012, 2014), mostram que a presença evangélica é expressiva nas escalas socioeconômicas que se encontram entre os dois pontos, porém sensivelmente menores nos extremos. Os dados da Revista Forbes mostram que, no ano de 2019, o número de bilionários no Brasil aumentou aproximadamente 50%. “Segundo o ranking anual da Forbes, o país tem 58 bilionários, cuja fortuna soma 179,7 bilhões de dólares. No ano passado, eram 42 pessoas com mais de 1 bilhão de dólares no bolso”.

Em relação a população brasileira, segundo o IBGE 2017, metade dos brasileiros se encaixam na categoria que vive na subsistência, ou seja, nem rico nem pobre, o que podemos chamar de “classe média”. Matheus Ortega traz esses

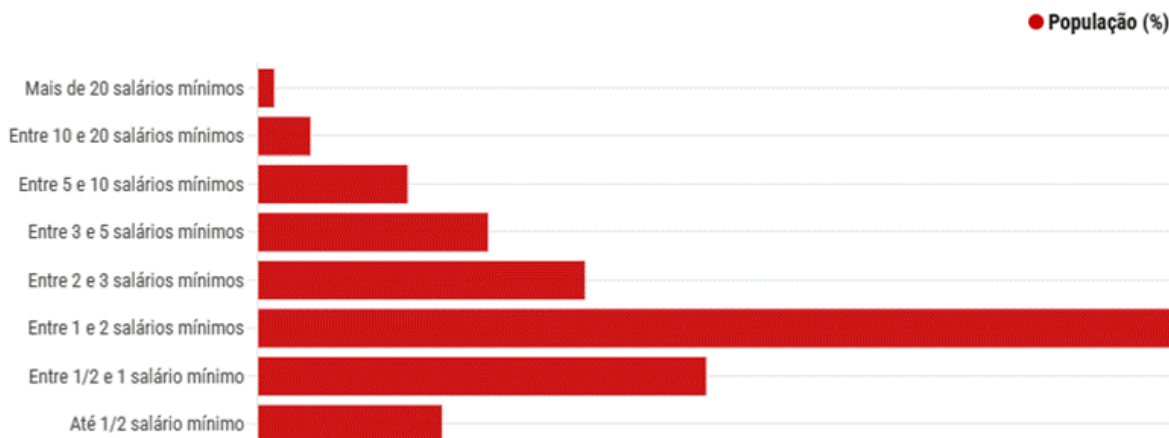
dados no livro “Economia do Reino” declarando que “Outros 40% são pobres ou muito pobres, e apenas cerca de 10% são ricos ou muito ricos.” (2021, p.44). Conforme o gráfico abaixo:



O século atual é totalmente influenciado pelo capitalismo, onde as propagandas e o marketing são dirigidos para consumo de produtos de marca, tornando a sociedade mais ambiciosa pelos bens materiais. Para Patrick Kerans a sociedade está cada vez mais obsessiva pelo crescimento econômico e por um padrão de vida perfeito, buscando sempre um padrão acima do seu, tendo isso como resultado da constante propaganda. Atualmente lidamos com problemas socioeconômicos tão evidentes que podem dificultar o alcance do evangelho aos povos menos alcançados, especialmente da classe socioeconômica alta – os mais ricos dos ricos.

Pirâmide salarial no Brasil

Pessoas de 15 anos ou mais por classes de rendimento mensal, 2015 (IBGE)



Fonte: IBGE



O gráfico acima apresenta a distribuição das classes econômicas no Brasil com base na renda salarial. Observa-se que apenas 0,6% da população pertence à classe de renda mais elevada, composta por indivíduos que recebem mais de 20 salários mínimos, sendo considerados os mais ricos do país.

O teólogo Ronald J. Sider faz uma admirável comparação entre a igreja primitiva e a igreja moderna que se preocupa em alcançar os ricos da sociedade. A igreja de Jerusalém vivia em igualdade, comunhão de bens por livre vontade dos fiéis, observa-se em Atos 2:44 que “todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum”, uma igreja que distribuía conforme a necessidade de cada um. Ronald complementa que era “uma nova comunidade, na qual todas as áreas da vida (incluindo a econômica) estavam sendo transformadas, ia-se tornando vibrante realidade”. (SIDER, 1982, p.103).

A importância de entender a relação da igreja primitiva com a economia, poderá revelar qual a maneira que a igreja hoje se relaciona com o dinheiro. Sider descreve abaixo a respeito da relação da igreja primitiva:

Em que consistia, então, a essência das novas relações econômicas na comunidade de Jerusalém? A melhor maneira de descrever o que lá acontecia é dizer que havia uma ilimitada sensibilidade para com as necessidades dos outros e uma total disponibilidade dos irmãos entre si. O seu compartilhar não era superficial e ocasional. [...] Ser um em Cristo significava para a comunidade cristã primitiva um compromisso ilimitado e

uma total disponibilidade financeira para com os outros membros do corpo de Cristo. (SIDER, 1982, p.105).

É evidente que este comportamento da assim chamada, igreja primitiva, soaria estranho, pois a divisão de bens é um grande desafio. Porém, a principal questão neste contexto é apontar para o egocentrismo econômico dos cristãos contemporâneos. Sider comenta:

As atuais relações econômicas no corpo de Cristo, hoje espalhado pelo mundo inteiro, não são bíblicas; são pecaminosas, são um obstáculo ao evangelismo e uma profanação do corpo e sangue de Cristo. [...] A presente divisão no corpo de Cristo, entre os que têm e o que não tem, é um grande obstáculo à evangelização do mundo. [...] O mundo em que vivemos está perigosamente dividido entre ricos e pobres. Se ao menos uma pequena fração dos cristãos começasse a aplicar princípios bíblicos de compartilhamento econômico entre o povo de Deus espalhado pela face da terra, o mundo ficaria embasbacado. [...] A Bíblia ensina com clareza que Deus deseja relações econômicas fundamentalmente transformadas entre seu povo. (SIDER, 1982, p.115, 116).

O foco do evangelho deve ser todos os povos e com atenção a minoria, assim como Jesus ensinou. A questão de Sider nos mostra uma divisão econômica no corpo de Cristo, infelizmente nesta pesquisa não será possível suprir toda importância que devemos dar para esse assunto, mas brevemente pode-se notar que a preocupação evidente de parte dos cristãos atuais é a ganância. Há uma dificuldade no partilhar e compartilhar como a igreja primitiva ensinava.

É preciso olhar os mais ricos dos ricos como uma classe em meio aos povos, a qual necessita do evangelho, não como agentes econômicos que podem melhorar a renda da igreja. Assim como Jesus olhou para Zaqueu (Lucas 19:5-10), havia interesse em salvar o cobrador de impostos e não em adquirir bens para si através de Zaqueu. Timothy Keller aborda a grande probabilidade do motivo de Zaqueu ser um cobrador de impostos.

Por que alguém aceitaria um emprego de cobrador de impostos? O que poderia seduzir um homem a trair a família e o país e viver como um pária da própria sociedade? A resposta? O dinheiro. O incentivo que os romanos ofereciam aos cobradores de impostos era irresistível. Auxiliados pela força militar, o cobrador de impostos tinha permissão de exigir muito mais dinheiro dos conterrâneos judeus do que havia se comprometido a pagar ao governo. Hoje damos a isso o nome de extorsão. Era uma prática extremamente lucrativa. Os cobradores de impostos eram as pessoas mais ricas da sociedade, bem como as mais odiadas. (KELLER, 2018, p.75).

Assim como Jesus se aproximou de Zaqueu, apesar de sua reputação, a igreja atual precisa se preocupar com os mais ricos dos ricos. A dificuldade da igreja é ter receio e não ter o conhecimento adequado para alcançar determinadas classes socioeconômicas, porém a primeira chave é encontrada na cultura desta classe necessitada de Cristo. Ronaldo Lidório diz que “a compreensão do Evangelho segundo a Palavra de Deus é essencial para que se defina o conteúdo durante a evangelização” (2011, p.123)

O evangelho é valioso, por isso precisa-se de conhecimento para que se consiga transmitir a mensagem correta, de um evangelho genuíno ao receptor da mensagem. Este conhecimento pode-se chamar de contextualização, pessoas que já conhecem e vivem uma vida no mesmo padrão que esta classe poderão falar na mesma linguagem e assim apresentar o evangelho. Lidório acentua que “a contextualização expõe um Deus revelado e um Evangelho que confronta a cultura, visto que o pecado contaminou o homem dentro do seu círculo sociocultural” (2011, p.128).

Os mais ricos dos ricos são seres humanos que precisam de redenção, estão condenados à morte eterna e assim como todo homem comum eles podem se chegar a Deus somente por intermédio de Cristo.

Os homens, portanto, não estão condenados por desconhecer a história bíblica. Estão condenados porque, mesmo sabendo da existência de Deus por meio da criação, não o glorificaram, nem lhe deram graças. Os homens estão condenados não por deixar de ouvir a Palavra. Estão condenados pelo pecado de negar a existência e os atributos de Deus, anunciados a todos os homens por meio da criação. (LIDÓRIO, 2011, p.129).

Enquanto muitos padecem, as igrejas contemporâneas olham e discutem a respeito da riqueza. A igreja de Cristo deve olhar para o valor da alma de um homem rico. O salmista escreve no capítulo 49, versículos 7, 8 e 9:

“Mas ninguém pode salvar a si mesmo, nem pagar a Deus o preço da sua vida, pois não há dinheiro que pague a vida de alguém. Por mais dinheiro que uma pessoa tenha, isso não garante que ela nunca vá morrer, que ela vá viver para sempre.”

A riqueza não concede a salvação ao homem e, também não é garantia de vida. Por isso o cristão rico não deveria pecar na ganância, pois a história do evangelho é marcada pela generosidade. O cristão rico deve entender que suas

posses pertencem a Deus, Max Weber complementa “O homem é apenas o fiduciário dos bens que lhe foram entregues pela graça de Deus” (2002, p.123). Para complementar, Matheus Ortega explana a respeito da generosidade que todo cristão precisa ter.

A riqueza se torna perniciosa se não for liberalmente compartilhada; mas jogar riquezas fora tampouco é compatível. Jesus disse que, se temos recursos, sejamos generosos. [...] Ainda que o caminho pelo fundo da agulha seja estreito, é possível ter riquezas e entrar no Reino dos céus. Um rico pode agradar a Deus com suas doações, como fez Cornélio. O problema não é ter riquezas, mas manter o coração nelas. (ORTEGA, 2021 p.39).

Pode-se ter paz em meio às riquezas, desde que seu coração não esteja nelas. Os mais ricos dos ricos são homens e mulheres que necessitam de Cristo assim como qualquer ser humano. Não há empecilhos acerca da pregação do evangelho e, sim, o desafio da igreja de ensinar e praticar a generosidade e compaixão, olhando para esta classe socioeconômica alta, olhando para o alto da árvore, assim como Jesus fez no encontro com Zaqueu a igreja deve proporcionar encontros com essas pessoas.

2 EXEMPLOS BÍBLICOS DO NOVO TESTAMENTO

Nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), encontramos a história de um jovem que se aproxima de Jesus com a pergunta: "O que devo fazer para herdar a vida eterna?" Este jovem, conhecido como o "jovem rico", busca uma resposta que o guie sobre como alcançar a salvação. A passagem é amplamente conhecida e oferece uma visão clara e direta sobre o verdadeiro evangelho. Ela retrata a figura de um judeu religioso, que desde seus 13 anos dedica-se ao cumprimento rigoroso da Lei de Moisés, mas ainda assim busca uma resposta de Jesus sobre o destino eterno de sua vida.

Essa história revela a profundidade da busca por salvação e a necessidade de compreender a verdadeira natureza da vida eterna, além do simples cumprimento de regras e práticas religiosas. Para Moody, no evangelho de Lucas, o jovem tinha uma posição de destaque. Ele era jovem demais para ocupar tal cargo, podendo ser do Sinédrio ou pertencer à Aristocracia. Sua pergunta para Jesus,

demonstra insatisfação consigo mesmo e sua vida moral. Segue o texto completo de Lucas 18:18-30:

18 Certo homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? 19 Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. 20 Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. 21 Replicou ele: Tudo isso tenho observado desde a minha juventude. 22 Ouvindo-o Jesus, disse-lhe: Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-me. 23 Mas, ouvindo ele estas palavras, ficou muito triste, porque era riquíssimo. 24 E Jesus, vendo-o assim triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! 25 Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. 26 E os que ouviram disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? 27 Mas ele respondeu: Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus. 28 E disse Pedro: Eis que nós deixamos nossa casa e te seguimos. 29 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus, 30 que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna.

O Mestre Jesus questiona o jovem rico de forma a levá-lo a refletir sobre a sinceridade por trás de suas palavras. Ao mencionar os mandamentos, Jesus poderia ter se referido aos primeiros, que tratam do relacionamento do homem com Deus, ou até mesmo aos mandamentos que envolvem questões mais íntimas do coração. No entanto, ele escolhe destacar os mandamentos relacionados ao trato com o próximo — o ser humano visível. Essa escolha revela a importância de entender que a verdadeira vivência da fé não se resume apenas ao cumprimento de obrigações espirituais, mas também ao modo como nos relacionamos com os outros ao nosso redor. Beacon diz:

Jesus não mencionou os primeiros quatro mandamentos que indicam as obrigações em relação a Deus, talvez porque tivesse a intenção de, neste momento, testar o jovem rico. O jovem havia quebrado o primeiro mandamento, pelo fato de "mamom" ter se tornado o seu principal deus. (BEACON, 2006, p.137,138)

O jovem rico insiste em perguntar a Jesus o que lhe falta para herdar a vida eterna “O que mais devo fazer além de cumprir os mandamentos?” (Mt 19:20). Não obteve uma resposta que lhe agradasse, pois o que lhe foi pedido foi além do que o mesmo pudesse imaginar. Beacon (2006) afirma que para a perfeição que o jovem

queria atingir exigia que ele vendesse suas propriedades e doasse aos pobres, pois o dinheiro era o principal objetivo da sua vida e não, Deus.

Embora o jovem rico fosse um judeu praticante que cumpria os mandamentos religiosos, falhou em reconhecer o verdadeiro tesouro que Jesus oferecia. Ele estava apegado às suas posses materiais, o que revela uma idolatria ao dinheiro e uma falta de disposição para abrir mão de seus bens em favor de seguir a Jesus.

A interpretação desta parábola ressalta a importância de não apenas seguir as leis ou cumprir mandamentos externamente, mas também ter um coração disposto a renunciar ao que é material em favor do Reino de Deus. O jovem rico, embora praticasse sua fé, não estava disposto a fazer esse sacrifício, mostrando uma falta de compreensão sobre o verdadeiro significado da vida eterna. Rienecker comenta o seguinte:

O chamado para seguir a Jesus custa o sacrifício de abandonar tudo e tornar-se um “portador da cruz” (cf. Mc 10.21). Essa exigência exterior feita ao jovem rico precisa ser cumprida interiormente por todo crente, entregando tudo o que possui em termos de vontade e força próprias, a fim de, pobre e nu perante Deus, obter pela fé o tesouro no céu. Ou seja, “tornar-se rico em Deus” (cf. Lc 9.23s; 14.33; 12.33s). (REINECKER, 2005, p.246)

A lição é clara, todo cristão recebe o convite de Jesus para renunciar o que ocupa o lugar de Deus no coração e seguir a Ele sem reservas em busca do caminho da perfeição. O verdadeiro cristão obedece o chamado de Deus e se humilha perante suas próprias limitações, ao contrário do jovem rico. Fernandez complementa:

Certamente Jesus propõe estes conselhos a todos e a todos os obriga em conformidade com suas vocações diversas, de modo que uns os tomam como forma devida e outros como disposições do coração e como exigência concreta em caso de necessidade. Ao Jovem rico foi pedido o abandono dos bens e doação aos pobres, pois foi uma exigência para ganhar a vida eterna. Zaqueu a exigência, decorreu da consciência de também doar os bens aos pobres mediante a promessa: “Eis dou a metade dos meus bens aos pobres” (Lc 19,8) (FERNÁNDEZ, 1994, p. 264)

No evangelho de Lucas, encontramos a história de Zaqueu, um homem rico cuja trajetória contrasta profundamente com a do jovem rico. A narrativa de Zaqueu, o publicano, é um relato poderoso que ilustra a transformação radical provocada pelo encontro com Jesus. Como cobrador de impostos para o governo romano, Zaqueu enfrentava o desprezo e a hostilidade do seu próprio povo, pois sua profissão era frequentemente associada à corrupção e à exploração. Contudo, sua

vida foi transformada por um encontro único com Jesus Cristo, um momento que não apenas transformou sua existência, mas também revelou o poder da graça redentora de Deus, afetando não só Zaqueu, mas também todos ao seu redor. Beacon diz:

Um pecador em busca do Salvador se encontra com o Salvador que está em busca do pecador. Com verdadeiro arrependimento, o homem encontrou a salvação pessoal. Estas palavras graciosas do Mestre eram uma garantia da salvação de Zaqueu, uma proclamação em sua defesa diante da multidão, e uma promessa a todos os homens, em todos os lugares, e em todas as épocas, de que Jesus Cristo salva os pecadores. (BEACON, 2006, p. 471)

É de grande importância o conhecimento acerca do contexto em que Jesus estava e quem era a pessoa de Zaqueu. Beacon destaca que havia uma rota comercial que passava por Jericó e também era considerado centro de tráfego internacional de bálsamo, muito provavelmente havia uma das maiores alfândegas daquela região do Império Romano e “Zaqueu era chefe dos cobradores da alfândega de Jericó, e a renda que obteve com esta atividade fez dele um homem rico”. Plummer cita que Zaqueu era “Comissário dos Impostos”, já Champlin chama Zaqueu de diretor lucrativo do ofício de impostos e acrescenta que ele era “naturalmente” muito rico.

Apesar de Zaqueu ser rico, ao se encontrar com Jesus ele reconhece seu erro, se arrepende genuinamente e através da sua atitude é evidente a transformação – e a salvação que havia chegado em sua casa. Blomberg comenta:

Zaqueu não é salvo por sua administração, mas pelo encontro com o Filho do Homem [...] No entanto, o que Zaqueu faz com seu dinheiro mais uma vez é um exemplo excelente das boas obras que fluem do verdadeiro arrependimento. (BLOMBERG, 2009, p.141)

O arrependimento é um pilar essencial para a transformação. O novo nascimento e arrependimento são evidências de que pode haver salvação. Como diz em 2 Pedro 3:9b “Mas ele é paciente convosco e não quer que ninguém pereça, mas que todos venham a se arrepender.” Por meio da fala de Zaqueu em dar aos pobres metade de seus bens e restituir aqueles que havia defraudado. Beacon destaca a evidência de transformação do coletor de impostos:

Aqui vemos tanto um verdadeiro espírito generoso como o desejo genuíno de reparar qualquer erro do passado. As duas atitudes refletem uma mudança de coração. O discurso de Zaqueu não foi dirigido à multidão, mas a Jesus. Não era um esforço para convencer as pessoas de que ele

era sincero. Ao invés disso, era uma resposta não premeditada, espontânea, de um coração que se tornará limpo, e de um espírito que se tornara novo e que havia recebido a vida eterna. (BEACON, 2006, p.470)

Mesmo sendo da classe alta da sociedade, Zaqueu se rende a Cristo evidenciando sua transformação. Esta história é um exemplo até os dias atuais, de que Jesus não se importa com a classe econômica do indivíduo, mas sim com seu coração. Lorandi diz que “Não importa se pobre ou rico, se coletor de esmolas ou coletor de impostos, Deus quer a todos e salva a todos que o querem. Este é o resultado do encontro com Jesus. Para aquele que quer o encontro, é o próprio Jesus que o encontra.” (2023, p.69)

Assim como Zaqueu experimentou redenção e transformação ao encontrar-se com Jesus, a história relatada no livro de Filemom aborda a reconciliação entre um servo e seu senhor, destacando a igualdade de todos diante de Cristo Jesus. Essa narrativa ilustra o poder do perdão e da restauração, mostrando que, em Cristo, as barreiras sociais e de status são superadas, e todos são chamados a viver em harmonia e reconciliação. Hernandez Dias Lopes apresenta um breve panorama da carta do apóstolo Paulo à Filemon:

Contudo, para nós, essa carta foi preservada, dentre ampla variedade de outras cartas do apóstolo, como um tesouro precioso. Em nenhum lugar a influência social do evangelho é vista com tanta eloquência. Em nenhum lugar a nobreza do caráter do apóstolo transparece com tanto vigor quanto nesse incidente do veterano apóstolo rogando a favor de um escravo fugitivo. (HERNANDES, 2009, p.126)

O tema central desta carta é de grande relevância para compreender o comportamento de um cristão de classe alta diante da sociedade, da igreja e de seus empregados. O apóstolo Paulo dedica esta carta de forma especial a Filemom, começando com a saudação: “Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, ao amado Filemom, nosso cooperador” (Fl 1:1, ARC). Neste contexto, Paulo enfatiza a importância da postura cristã nas relações interpessoais e sociais, destacando o exemplo de Filemom como um modelo de cooperação e respeito mútuo dentro da comunidade cristã.

A Bíblia Sagrada se refere a Filemom como “amado colaborador”, e o comentarista Hernandez Dias Lopes o descreve como um “rico senhor de escravos”. O apóstolo Paulo, além de se dirigir a Filemom, menciona também Áfia, esposa de Filemom, Arquipo, seu filho, e à igreja que se reunia em sua casa. É possível que

Filemom morasse em Colossos, e sua família não apenas havia confessado Jesus Cristo como Salvador, mas também se dedicava ativamente ao trabalho pelo Reino de Deus, servindo à comunidade cristã em seu lar. Esse contexto destaca o papel de Filemom como um exemplo de fé prática, com sua família engajada no serviço cristão tanto no âmbito doméstico quanto eclesial. Hernandez complementa:

A casa deles não apenas havia sido transformada pelo poder do evangelho, mas estava a serviço do evangelho. Eles não apenas faziam parte da igreja, mas também abrigava a igreja em sua própria casa [...] O apóstolo tinha um estreito relacionamento com Filemom, cidadão abastado de Colossos. O relacionamento entre Paulo e Filemom é cordial, de confiança e parceria. Paulo o chama de irmão, amado, colaborador e companheiro. (HERNANDES, 2009, p. 130)

O principal objetivo da carta a Filemom é solicitar que ele receba Onésimo, seu escravo fugitivo, não mais como escravo, mas como um irmão em Cristo: “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo, especialmente de mim, e com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor” (Fm 1:16). O apóstolo Paulo faz esse apelo com grande sabedoria, pois não o apresenta como uma ordem autoritária de seu apostolado. Em vez disso, Paulo fundamenta seu pedido no amor e na fidelidade de Filemom: “prefiro, todavia, solicitar em nome do amor, sendo o que sou, Paulo, o velho, e agora, até prisioneiro de Cristo Jesus” (Fm 1:9). Esse apelo demonstra a profundidade do relacionamento cristão, que transcende as barreiras sociais e busca a reconciliação e o perdão fundamentados no amor de Cristo.

Segundo a interpretação de Wiersbe, esta carta retrata Cristo como o redentor do pecador perdido, enfatizando o fato de que Jesus Cristo pagou o preço na cruz por seus filhos desobedientes, comparando com o apóstolo Paulo que se dispôs a pagar o preço da desobediência de Onésimo à Filemom. (WIERSBE, 2018, p. 172)

Embora a dívida de Onésimo não fosse de responsabilidade do apóstolo Paulo, ele se dispõe a assumi-la, declarando: “E, se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta. Eu, Paulo, de próprio punho, o escrevo: Eu pagarei — para não te alegar que também tu me deves até a ti mesmo” (Fm 1:18-19). Com essa atitude, Paulo não apenas se oferece para resolver a situação financeira, mas também expressa um gesto de profundo sacrifício e reconciliação, enfatizando o vínculo de amor e responsabilidade que existe entre ele e Filemom.

Para Moody há uma singularidade encontrada nesta carta que não é evidenciada nos outros escritos de Paulo e como o viver para Cristo influência em todos os relacionamentos:

Em Cristo há uma estrutura de referência completamente diferente que transforma todos os relacionamentos terrestres; a fraternidade é o ponto central sobre o qual todos os outros relacionamentos devem ser avaliados. Paulo não faz polêmica contra a escravidão, mas no decorrer dos séculos, a fé cristã chegou a compreender que a prática da escravidão é incompatível com os princípios aqui enunciados por Paulo. (MOODY, p. 2)

É evidente o zelo de Paulo ao escrever para Filemom. Uma questão crucial que merece ser destacada é a importância da igualdade no corpo de Cristo. Beale complementa ao afirmar que “o evangelho transforma os relacionamentos humanos, apesar das distinções de classe ou raça” (BEALE, 2022, p. 488). No reino de Deus, não há distinções; independentemente da posição econômica, todos pertencem ao mesmo Deus. Como está escrito em Colossenses 3:11: “no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.” Esta passagem reforça a ideia de que, em Cristo, as diferenças humanas são superadas, e todos são iguais diante de Deus.

3 EXEMPLOS EXTREMOS NA HISTÓRIA DA IGREJA

Desde o início da história da igreja um dos maiores desafios é manter-se alinhada aos ensinamentos e princípios estabelecidos por Jesus aqui nesta terra. Observa-se diversas linhas teológicas e preceitos instituídos por homens que tiveram (e tem) grande notoriedade, mas que em grande medida estão desalinhadas aos princípios do Evangelho.

Um exemplo marcante da Baixa Idade Média revela-se na atuação da Igreja Católica, que enfrentava uma série de desafios significativos, como a corrupção dentro do clero, o surgimento de movimentos heréticos e os intensos conflitos políticos que caracterizavam a época. No final do século XI, essas dificuldades se intensificaram, mas também surgiram, de maneira crescente, iniciativas religiosas que buscavam resgatar os princípios fundamentais da vida de Cristo e de seus apóstolos. Tais movimentos, como as reformas monásticas e o fortalecimento da moral cristã, procuravam reverter os excessos e abusos que se haviam espalhado

pela Igreja, buscando uma renovação espiritual e um retorno à pureza dos ensinamentos originais do cristianismo.

O sistema feudal, com sua estrutura hierárquica, foi um fator importante nas transformações sociais da época, promovendo uma maior concentração de poder e recursos nas mãos dos senhores feudais, ao mesmo tempo que ampliava a subordinação das famílias de servos que trabalhavam em suas terras. Esse cenário, por sua vez, contrastava com os intensos movimentos heréticos e as diversas mudanças sociais e religiosas que aconteciam na Europa. Em meio a esse contexto, destaca-se a figura de um homem, Giovanni di Pietro di Bernardone, mais conhecido como São Francisco de Assis. Francisco, em sua busca por uma vida de total simplicidade e renúncia, optou por abandonar suas riquezas e privilégios de nascimento. Sua decisão refletia um profundo desejo de viver conforme os princípios do Evangelho de Cristo, abraçando a pobreza e a humildade como virtudes centrais em sua missão de renovação espiritual..

Giovanni di Pietro di Bernardone era filho de um comerciante próspero de tecidos. A condição financeira de sua família lhe proporcionou boas condições de vida, mas apesar de uma vida financeiramente estável, Francisco começa a se dedicar inteiramente aos pobres. Duby comenta sobre essa decisão frenética “quis despojar-se de tudo, quando apresentou-se nu diante do pai, lançando-lhe aos pés os seus adornos e os seus dinheiros. Foi o bispo da cidade que o cobriu com seu manto. Permaneceu na igreja, fiel (DUBY,1978, p. 142).

A decisão de Francisco chateou completamente o seu pai, que se revoltou com a entrega do filho aos pobres, reivindicando tudo o que Francisco havia doado. Por isso, no julgamento Francisco abriu mão até mesmo de suas vestes, entregando-as ao pai e dizendo: "Até agora eu chamei Pietro di Bernardone de pai, mas daqui em diante direi: 'Pai Nosso, que estás nos céus'.". A partir deste momento, Francisco se compromete em viver na pobreza absoluta e na confiança plena da providência divina.

Pode-se notar uma mudança drástica na vida de Francisco de Assis, onde ele mesmo aponta em seu testamento.

O Senhor assim deu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: porque, como estava em pecados, parecia-me por demais

amargo ver os leprosos. E o próprio Senhor me levou para o meio deles, e fiz misericórdia com eles. E, afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo; e depois parei um pouco e saí do século (nº 1 - 3).

O padrão de vida adotado por Francisco impactou profundamente diversas pessoas conhecidas como “franciscanas”, pois sua conduta surgiu como uma resposta ao contexto vivido pela Igreja na época. Seu exemplo de humildade, desapego material e dedicação aos mais necessitados inspirou seguidores a adotarem um estilo de vida pautado na simplicidade e na espiritualidade, promovendo uma renovação dentro da comunidade cristã. Alex Silva da Costa escreve os requisitos essenciais para se tornar um franciscano:

Dessa forma, elementos como o exercício da pregação e a vida itinerante, o não exercício de poder, a pobreza no sentido de falta de posses e de bens (“só o necessário para viver”), precariedade (o “não ser do mundo” contraposto ao “estar em paz com o mundo”) são os traços característicos de uma vida e de uma proposta que se resumem nas fórmulas usuais de “pauper Christi, sequi vestigia Christi, vita apostolorum: um distintivo amplamente generalizado e difundido naqueles decênios, que, naquele contexto, porém assume uma carga forte e diretamente contestatória da realidade eclesial existente” (MICCOLI, 2004, p.12).

A linha teológica de Francisco apresentou desafios na evangelização dos mais ricos, pois adotou uma visão extremamente crítica em relação às posses materiais. Esse posicionamento levou a atitudes radicais, como o rompimento completo dos vínculos familiares, o que contraria princípios fundamentais da fé cristã, como o respeito e a honra aos pais, conforme expressa o quinto mandamento. Dessa forma, embora seu exemplo tenha inspirado muitos, também gerou tensões e dificuldades na inclusão de determinadas camadas sociais na mensagem evangélica.

Um exemplo contrastante ao de Francisco pode ser observado na transição do período medieval para os dias atuais. Enquanto Francisco defendia a renúncia aos bens materiais e a simplicidade extrema, muitas denominações contemporâneas pregam a necessidade de prosperidade material e uma vida abundante na terra. Esse contraste evidencia um desalinhamento entre diferentes interpretações da fé ao longo do tempo. Tanto o movimento franciscano quanto a teologia da prosperidade encontram respaldo em textos bíblicos e atraem inúmeros

seguidores, demonstrando como a mesma base religiosa pode gerar perspectivas opostas sobre a relação entre espiritualidade e riqueza.

A Teologia da Prosperidade é uma dessas correntes que enfatizam a prosperidade como prioridade de Deus, defendendo o bem-estar humano e tratando a pobreza e a doença como os maiores inimigos do cristão. Além disso, afirma que a felicidade e o sucesso em todas as áreas da vida são direitos garantidos, justificando essa visão com a crença de que Jesus Cristo morreu para que os fiéis vivam em plenitude e abundância.

O principal fundamento pregado na teologia da Prosperidade é a Confissão Positiva, que consiste na ideia de que tudo o que o cristão declarar em voz alta, da sua boca, tanto para o bem quanto para o mal trará a existência, esta confissão é como uma promessa das Escrituras e conquistada através do sacrifício de Jesus. Uma das principais vozes desse movimento é Kenneth Hagin que fortaleceu ainda mais a Teologia da Prosperidade. Mariano afirma a importância de Hagin para a expansão:

Reunindo crenças sobre poder e cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs. Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, o movimento de Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países. Evangelista batista, porém crente na cura divina, Hagin logo se aproximou dos pentecostais, recebendo o batismo do Espírito Santo em 1937, e nesse mesmo ano foi licenciado pastor na assembleia de Deus, na qual permaneceu até 1949, quando se tornou evangelista itinerante [...] Em 1962 fundou seu próprio ministério, caracterizado por transe, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais, dos quais fez derivar sua "autoridade espiritual". Entre 1950 e 1959 Hagin declara ter, em oito ocasiões, conversado pessoalmente com Jesus, algumas vezes no céu, outras no inferno. (MARIANO, 1999, p.51)

Historicamente, a Teologia da Prosperidade é recente. Segundo Alan B. Pieratt, "a doutrina da prosperidade é tão recente que apenas nos anos 70 ela havia desenvolvido o bastante para ser identificada como um movimento constituído" (1993, p.21). No entanto, a questão central não é sua antiguidade, mas sua relação com o evangelho genuíno e como a igreja contemporânea lida com a riqueza. Para

compreender esses aspectos, é essencial conhecer a Teologia da Prosperidade, que tem impactado significativamente muitos cristãos na atualidade.

A Teologia da Prosperidade coloca Deus apenas como um supridor de necessidades, como um gênio da lâmpada que está prestes a atender o que o cristão declara em alta voz e usando o nome de Jesus. O autor Alan B. Pieratt deixa claro que o evangelho da prosperidade se difundiu principalmente nas igrejas pentecostais, mas não teve origem delas, a cosmovisão é retirada de várias seitas metafísicas obscuras. A confissão do cristão independente se for para o bem ou para o mal cria a realidade, Hagin simplifica: “Tudo que Deus diz que você é e tudo que Deus diz que você tem, já é real na dimensão espiritual. Mas você deseja que se torne real na dimensão física para então desfrutar o que já é seu em Cristo.” (Combater, 35; 1993, p. 87)

Esse discurso coloca o ser humano em um pedestal, pois os fiéis passam a acreditar que o que professarem terá poder, esse tipo de ação coloca os direitos do cristão no céu. Um dos argumentos de Hagin para afirmar que a declaração confiante resulta em atendimento baseia-se na forma como Deus criou a Terra por meio da palavra. Ele sugere que os fiéis devem possuir o mesmo tipo de fé que Deus tem, ou seja, uma confiança inabalável em si mesmos. Nesse sentido, Hagin aconselha: “Aprenda a confiar plenamente naquele que habita em você. Desenvolva seu espírito e exerça fé na própria fé.” (Dirigido, 68) (1993, p.85).

É nítido ao conhecer a respeito da Teologia da Prosperidade que a base para sua existência não é a Bíblia Sagrada, pois os fundamentos usados são contrários a santa Palavra de Deus. Blomberg diz

Mas tal “teologia” apenas pode ser desenvolvida retirando texto após texto de seu contexto e fazendo aplicações que pareceriam ridículas na maioria das realidades do Mundo dos Dois Terços, onde, é claro, toda fé que se pode reunir dá a poucas pessoas uma chance de melhorar significativamente o aspecto material da vida. Infelizmente [...] ganham número significativo de seguidores e oferecem muita esperança em contextos de pobreza exatamente porque as circunstâncias das pessoas são tão drásticas. (Blomberg, p.25)

O público mais atingido é a classe baixa, pois a performance do discurso de uma vida repleta de bens e tesouros nessa terra traz esperança. Mas, John Stott traz atenção ao cenário desta “teologia” dizendo que “Precisamos ter coragem de

rejeitar o evangelho da saúde e da riqueza por completo. É um falso evangelho” (McCloughry, 1996, p.29).

Devido a esse desvio mencionado anteriormente, muitas igrejas evangélicas hoje estão repletas de pessoas influenciadas por uma ideologia de acumulação de riquezas, em vez de uma autêntica experiência de conversão, amor ao próximo e compromisso com o cristianismo genuíno, fundamentado na Bíblia e na história.

4 A RIQUEZA SEGUNDO A BÍBLIA

Diante dos exemplos bíblicos neotestamentários, na história e desalinhamentos teológicos, no livro "Nem pobreza, nem riqueza", o autor Blomberg faz apontamentos importantes para uma boa teologia de posses materiais, trazendo equilíbrio e moderação para o cristão.

Primeiramente, ele destaca que as posses materiais são um bom dom de Deus, dado com o objetivo de que seu povo as aprecie. Nota-se no Antigo Testamento que a literatura proverbial oferece riquezas como recompensas pelo trabalho benéfico e no Novo Testamento há exemplos de cristãos prósperos que contribuíram ao longo da história primitiva do cristianismo, onde recebem igrejas em suas casas, fazem viagens de negócios e se tornam mantenedores dos ministros itinerantes, incluindo o próprio Jesus.

Segundo ponto é que os bens materiais são um dos meios para afastar o homem de Deus, pois está intrinsecamente ligado à cobiça, nota-se desde a criação, onde Adão e Eva desejaram o que não poderiam ter. Com as palavras do autor “A posse ou o desejo de possuir muitos bens materiais produz rejeição a Deus, hostilidade interpessoal e negligência do pobre.”

O processo de redenção na vida do cristão precisa ser notório na transformação em suas finanças e administração. É preciso dedicar a vida inteiramente a Deus, em todas as áreas, incluindo as finanças. No Sermão do Monte (Mt 6. 1-4) Jesus ensina a caridade generosa. Outro exemplo que Blomberg traz é de Tiago e João, quando ambos afirmam que aquele que conhece a necessidade do irmão em Cristo e tem condições de ajudar, mas não o faz então não pode ser salvo (Tg 2.14-17; 1Jo 3.17).

Há alguns extremos de riqueza e pobreza que são intoleráveis. Blomberg diz que “uma coisa é gerar renda e canalizá-la para propósitos do reino (Lc 16.9,

19.11-27); outra, muito diferente, é acumular e guardar recursos [...] que serão destruídos (Tg 5.1-6). Um exemplo de moderação nitidamente evidenciado no Antigo Testamento é a provisão do maná por Deus para o povo no deserto (Ex 16.18). Notamos o princípio da moderação na vida de Jesus e Paulo, que se preocupam em ter uma vida simples.

Blomberg conclui que, acima de tudo, o ensino bíblico sobre posses materiais está profundamente ligado a questões espirituais. Os ricos são frequentemente retratados como autossuficientes, depositando sua segurança nos bens que possuem, enquanto os pobres confiam na fé para a esperança de dias melhores. Ele afirma que “o desejo primário de Deus para este mundo caído é a reconciliação: todos os seres humanos reconciliados com Deus, depois uns com os outros e, enfim, com todo o cosmo.” Dessa forma, a maneira como o cristão lida com seus bens materiais reflete diretamente seu processo de regeneração em Cristo, evidenciando sua verdadeira transformação espiritual.

5 O PERFIL DOS RICOS NO BRASIL ATUAL

No levantamento do IBGE, já citado no 1º capítulo, têm-se observado um crescimento do número de bilionários no Brasil. Metade destes bilionários brasileiros encontra-se na capital de São Paulo.

Segundo Matheus Ortega, citado no primeiro capítulo, 10% da população brasileira é "rica ou muito rica", com renda mensal acima de R\$27.744,00. Esse grupo se concentra nas capitais, sobretudo em áreas nobres, condomínios fechados e prédios de alto padrão, com acesso restrito. Em geral, não frequentam espaços comuns de ampla diversidade social.

Esse grupo costuma frequentar ambientes de alto padrão, como restaurantes sofisticados, clubes exclusivos e áreas VIP em eventos e casas de festas. Em estádios, optam por cabines privativas e setores reservados com assentos numerados. Nos aeroportos, utilizam salas VIP por meio de convênios e programas de pontos. A educação ocorre, em sua maioria, em escolas particulares de alto custo, com acesso a aulas particulares e formações exclusivas. Seus hobbies, geralmente onerosos, incluem atividades como golfe, hipismo e outras práticas associadas a um estilo de vida de luxo.

Em nível pessoal, indivíduos da classe alta tendem a ter interesses mais exclusivos e uma sociabilidade restrita, interagindo predominantemente dentro de círculos sociais seletos. Suas relações são, em grande parte, baseadas em status, poder econômico e conexões estratégicas, o que limita a abertura para novas interações fora desse meio. A proximidade ocorre, sobretudo, com pessoas de mesma posição social, reforçando um padrão de convivência fechado e pouco acessível a outras realidades.

Uma vida completamente isolada traz sérias consequências internas para o indivíduo. Em uma reportagem, o jovem chamado Tyler Huang herda uma fortuna bilionária aos 23 anos de idade, ele conta que em toda sua vida nunca teve uma infância como as crianças normais – sempre viveu rodeado de seguranças e uma rotina diferente dos outros. Isso ainda implicou em convívio distante de seus pais. Huang conta: "A riqueza pode resolver muitos problemas externos, mas não faz nada para resolver os problemas internos". A riqueza influencia completamente os relacionamentos e a saúde mental do indivíduo.

No artigo "Children of the Affluent: Challenges to Well-Being" os pesquisadores Shawn J. Latendresse, Ph.D. em psicologia e neurociência, e por Suniya S. Luthar, professora emérita na Universidade de Colúmbia, mostrou que Huang não é o único que se sente assim. Em geral, crianças que são filhas de pessoas muito ricas tendem a ser mais depressivas e ansiosas. Por mais que as crianças possam ter boas condições de vida, traz um risco ao bem-estar psicológico.

Um bilionário americano chamado Warren Buffet, em uma entrevista ao canal CNBC em 2018 afirmou que a perspectiva de que alguém sempre vai ter mais dinheiro do que você faz com que a felicidade atrelada ao dinheiro não dure muito. "Você não será mais feliz se dobrar seu patrimônio", disse ele.

Assim como os jovens Huang e Warren, muitas pessoas enfrentam sofrimento emocional, psicológico e espiritual por terem crescido em ambientes restritos e isolados. Embora o dinheiro proporcione conforto, segurança e privilégios, também pode alimentar a ansiedade, a ganância e a prepotência. Em um artigo, a doutora Ana Beatriz destaca algumas razões pelas quais indivíduos ricos tendem a ser mais infelizes, enfatizando a hiper valorização do materialismo, a pressão por desempenho, as altas expectativas, o isolamento social e a falta de um propósito de vida significativo.

A mensagem propagada pela Teologia da Prosperidade atrai aqueles movidos pela ganância e pelo desejo incessante de acumular riquezas e bens materiais. No entanto, como esse evangelho pode suprir as necessidades emocionais e espirituais de pessoas com a alma adoecida? Torna-se essencial pregar um evangelho genuíno, fundamentado no amor de Jesus, na generosidade, na comunhão e no relacionamento. Um evangelho que não se limita ao receber, mas que ensina a doar-se pelo próximo, conforme os princípios bíblicos (At 20:35; 1Tm 6:17-19; Jo 15:13-15).

6 UMA PROPOSTA DE EVANGELISMO AOS MAIS RICOS

No segundo ponto deste artigo, destaca-se o exemplo bíblico de Zaqueu, cujo encontro com Jesus transformou radicalmente sua vida. Antes um cobrador de impostos desonesto e possivelmente desprezado pela sociedade, Zaqueu experimenta uma mudança profunda após receber Jesus em sua casa. Embora a bíblia não detalhe sua vida emocional, sentimental ou espiritual antes desse encontro, seu contexto sugere que ele era alvo de rejeição devido a sua conduta. No entanto, tocado pela presença de Cristo, Zaqueu decide repartir metade de seus bens com os pobres e restituir em quatro vezes aqueles a quem havia lesado, evidenciando sua verdadeira conversão.

Seguindo o exemplo do Mestre Jesus, a melhor forma de apresentar o evangelho genuíno à alta sociedade é por meio do relacionamento. Assim como Jesus se aproximou de Zaqueu, a Igreja deve agir intencionalmente para estabelecer vínculos com essa classe social, demonstrando empatia, acolhimento e o verdadeiro amor cristão.

A salvação alcançou a casa de Zaqueu não por sua herança, mas porque ele teve fé em Jesus. Fritz Rienecker comenta que “Para Jesus havia tão-somente uma necessidade: não entrar em nenhuma outra moradia senão na casa do coletor de impostos. Seu coração assim o ordenava.” (2005). É nítida a importância para Jesus entrar não somente na casa de Zaqueu, mas fazer morada no coração daquele coletor de impostos.

A intenção de evangelizar essa classe social deve ser clara para toda a igreja e, assim como Jesus parou e atendeu a Zaqueu a igreja precisa olhar e notar este público que também necessita de atenção. É necessário buscar uma aproximação,

na qual a igreja poderá promover eventos, reuniões semanais ou quinzenais com temas relevantes e que chamam atenção do público a respeito de relacionamentos, saúde mental, negócios, família e bem estar com o objetivo de atrair o público.

Um exemplo admirável para reunir e se importar com pessoas da classe alta que também necessitam do evangelho é buscar o interesse desta classe, assim como a Primeira Igreja Batista de Curitiba (PIB), que é localizada em um dos bairros mais ricos da capital do Paraná. A igreja promove um evento chamado “Café com Negócio” que tem como objetivo conectar empreendedores, profissionais liberais e líderes para juntos se tornarem cada vez melhores em seu ramo. Segundo fontes da própria igreja, são reunidas cerca de 400 empreendedores e a maioria deste público são pessoas que não conhecem a Jesus e não O confessam como seu Senhor.

A PIB também trabalha com um movimento chamado “Kingdom” - empresários com um propósito, que conectam executivos e executivas, empresários e empresárias, fornecendo uma rede de relacionamento, cooperação e apoio espiritual. Um exemplo excelente que faz a diferença na vida daqueles que se envolvem e da sociedade.

A Igreja de Cristo foi chamada para acolher e amar a todos, cumprindo sua missão de levar o evangelho genuíno a toda criatura (Mc 16:15). Isso inclui a classe rica, que, apesar de sua posição privilegiada, também enfrenta desafios espirituais, emocionais e relacionais. Muitas vezes, a riqueza cria uma falsa sensação de autossuficiência, tornando essencial que a Igreja dedique tempo, atenção e empenho para alcançar essas pessoas. O evangelho autêntico não apenas transforma corações, mas também ensina sobre generosidade, propósito e a verdadeira dependência de Deus.

CONCLUSÃO

A missão fundamental da Igreja de Cristo, conforme estabelecida na Grande Comissão, é levar o evangelho a todas as pessoas, sem distinção de classe social, raça, idade ou nível intelectual. Em Marcos 16:15, Jesus comissiona Seus discípulos a espalhar a mensagem do evangelho universalmente, sem qualquer restrição. Esse imperativo inclui até mesmo aqueles que possuem abundância material, pois, apesar de terem suas necessidades físicas atendidas, muitas vezes carregam um vazio espiritual que somente Cristo pode preencher. Os benefícios do

evangelho vão além de práticas religiosas, sendo centrados na essência de Jesus Cristo, que ensina um modo de vida alinhado com a vontade de Deus.

Esta pesquisa sublinha a importância de a igreja avaliar constantemente suas próprias necessidades e ajustar suas abordagens para garantir que o evangelho continue a se expandir em todas as esferas sociais e econômicas. Embora a mensagem de Cristo tenha uma boa recepção entre as famílias carentes, há um desafio significativo em alcançar aqueles que não enfrentam necessidades materiais imediatas e, portanto, podem ser mais difíceis de acessar espiritualmente.

É imperativo que a igreja se depare com o desafio de alcançar a classe econômica alta, que, no Brasil, ainda é uma das menos evangelizadas. Para isso, é essencial identificar as barreiras que dificultam esse alcance e desenvolver estratégias eficazes de comunicação do evangelho a esse público. Esta pesquisa propõe-se a aprofundar essas questões, utilizando uma ampla gama de recursos acadêmicos e tecnológicos para oferecer subsídios que aprimorem as abordagens de evangelização.

Reconhecer que os mais ricos constituem uma classe ainda não plenamente alcançada pelo evangelho é crucial para que a igreja se prepare de maneira adequada para integrar esses indivíduos à sua comunidade, promovendo um senso de pertencimento no corpo de Cristo. Compartilhar o verdadeiro evangelho com todos, independentemente de sua posição na sociedade, é um passo essencial para o cumprimento da missão cristã, reafirmando o princípio de que a salvação de Cristo é para todos, sem exceção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Beatriz. Por que pessoas ricas muitas vezes se sentem tristes?. Disponível em:

<https://draanabeatriz.com.br/por-que-pessoas-ricas-muitas-vezes-se-sentem-triste/>. Acesso em: novembro de 2025.

BEALE, G. K. Comentário exegético: Colossenses e Filemon. Tradução de Daniel Hubert Kroker, Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2022.

COSTA, Alex Silva. Religiosidade medieval e Franciscanismo. Vozes, pretérito e Devir: Dossiê Temática. 2021.

DUBY, G. Tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420). Genebra: Estampa, 1978.

FRIGOTTO, G. Empresários mais ricos do Brasil: a ignorância, o cinismo e a ganância que matam. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/10852>. Acesso em: 11 mar. 2024.

GUERRA, D.; SILVA, L. F. B. Os ricos e os excluídos no evangelho de Lucas: uma abordagem de Lc 6:20-23. PUCGOIÁS, 2020.

INVESTIMENTOS, T. Pirâmide Salarial: Qual a média salarial e quem é considerado rico no Brasil?. Disponível em:

<https://blog.toroinvestimentos.com.br/alta-renda/piramide-salarial-brasil/>. Acesso em: 16 de março de 2025.

JOSAPHAT, C. F. Evangelho e Revolução Social. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1962.

KELLER, T. Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LIDÓRIO, R. Introdução à Antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MCKINLEY, M. Evangelismo: ultrapassando barreiras sociais. Disponível em:

<https://ministeriofiel.com.br/artigos/evangelismo-ultrapassando-barreiras-sociais/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

ORTEGA, M. Economia do Reino: quatro caminhos cristãos para lidar com a riqueza e a pobreza no mundo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.

PIERATT, Alan B. O Evangelho da Prosperidade: análise e resposta. São Paulo: Vida Nova, 1993.

REDAÇÃO, Da. Herdar fortuna bilionária traz felicidade? Não para este jovem. Exame. Disponível em:

<https://exame.com/pop/herdar-fortuna-bilionaria-traz-felicidade-nao-para-este-jovem/>. Acesso em: novembro de 2025.

SCHMIDEL, M. Quais são os 8 segmentos menos evangelizados do Brasil? Disponível em:

<https://www.ultimato.com.br/conteudo/quais-sao-os-8-segmentos-menos-evangelizados-do-brasil>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SHELLEY, Bruce L. História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos. Tradução de Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SIDER, J. R. Cristãos ricos em tempos de fome. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano; SANTANA, Josineide Siqueira. Francisco de Assis (1181 ou 1182): Um paradoxo do seu tempo. Herança, Revista de História, Patrimônio e Cultura, 2022.

STOTT, John. O Cristão em uma sociedade não cristã. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.